



Uma
Família
SOB ENCOMENDA
para o
VIUVO

DUOLOGIA | LIVRO 2
ELLA ARES



Uma
Família
SOB ENCOMENDA
para
VIUVO

DUOLOGIA | LIVRO 2

ELLA ARES

COPYRIGHT © 2023 Ella Ares

Capa: Fox Assessoria

Revisão: Deborah A. Ratton

Diagramação: Deborah A. Ratton

Esta obra foi revisada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, mas contém marcas próprias da oralidade em respeito ao contexto retratado.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo o uso da internet, sem permissão expressa da autora (Lei 9.610 de 19/02/1998).

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência. Nenhum dos fatos narrados e personagens citados são reais. Todos os direitos desta edição reservados à autora.

Ao amor que é capaz de curar todas as feridas.
Você sempre me faz feliz, mesmo quando a vida me
faz triste.
Eu te amo, EV.

SUMÁRIO

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)



Capítulo 1

Apolo Makris

O sabor amargo do uísque que escorreu pelos meus lábios trouxe-me a lembrança de que fazia exatamente um ano que um pedaço do meu coração havia sido enterrado com Helena, minha adorável esposa. A morte roubara a longa vida que eu havia planejado para nós desde a faculdade, quando ainda éramos jovens e cheios de gás. Apaixonados, entregues às emoções que nos consumiam.

Planos esses que incluíam nós três, afinal em seu ventre crescia o nosso primeiro filho, fruto daquele amor que só se

multiplicava a cada manhã. Nosso bebê sob encomenda se fora naquele drástico acidente de carro sem ter uma única chance para fazer parte da nossa maldita realidade. Recordar isso fazia meu coração se apertar e o fôlego esvaziar aos poucos os meus pulmões sem que eu tivesse controle. Porra! Apertei o punho com força, controlando-me por dentro.

Durante oito meses havia feito terapia intensiva, todas as semanas, para aprender a superar aquela perda. Esta trouxe-me a maldita ansiedade e dificuldade para dormir, dentre outros sintomas que me assombravam; lidar com o fato de que eu tinha matado a minha esposa e nosso bebê não era uma das coisas mais fáceis de suportar no mundo. Eu me sentia quebrado de todas as formas e julgava impossível voltar a ser o que um dia fui. Um homem viril e cheio de esperanças. Quando a última porta do caixão foi fechada, sabia que a minha sentença estava assinada.

Jamais seria digno de uma segunda chance.

Uma das coisas que mais prezava era o autocontrole e evitava ao máximo exagerar na bebida, mas naquele maldito dia toda racionalidade evaporara. Era uma noite de sábado, voltávamos para a casa dos pais da minha esposa, após um jantar em família de comemoração de casamento deles. Um temporal nos pegou no meio da estrada e um desvio foi suficiente para o carro nos jogar contra um matagal, tornando o resto apenas escuridão. E a última coisa que recordo ter ouvido antes de fechar os olhos é o grito da minha esposa chamando-me. Fui fraco e incapaz de salvar a sua vida. Acordar no hospital foi como constatar que aquilo tudo não havia sido um pesadelo, era a porra da minha realidade e eu a tinha perdido.

Ela e o nosso filho.

Levei a mão até o rosto, passando-a na testa, no lado direito, onde havia uma enorme mas fina cicatriz. Ela se estendia até o queixo, a marca daquele acidente doloroso e que me lembrava todos os dias quando eu acordava, ao olhar no espelho, de que eu era a porra do maldito culpado.

A perícia e todos os procedimentos necessários foram feitos após o acidente, e não havia indícios para culpar uma pessoa em específico, mas eu evitava acreditar nisso. Nada anula o fato de que tudo poderia ter sido diferente se eu não tivesse bebido aquelas doses, infelizmente voltar ao passado para corrigir aquele erro não era uma opção. Viver no presente com essa certeza fazia-me padecer, sobrevivendo até que enfim, um dia, eu fosse encontrá-la.

Porra. Eu esperava por aquele dia.

— Mais uma — murmurei quando finalizei outro copo naquela noite, depois do terceiro eu havia perdido a conta de quantas doses já tinha ingerido.

— Cara, vai com calma aí. Não queremos problema mais tarde, certo? Garota, traga uma garrafa de água com gás, por favor.
— Meu irmão mais novo apareceu ao meu lado, repousando a mão no meu ombro, e eu recuei para o lado.

— Vai se foder. Me deixa em paz, *porra*. Não tem nem uma boceta para *foder*?

— Muitas, irmãozinho, e você deveria fazer o mesmo. — Puxou uma cadeira para se sentar ao meu lado, tocando com as mãos a mesa do bar da boate.

Naquele minuto me arrependi de ter aceitado vir com o meu irmão. *Maldita escolha*. Mas só precisava ignorar sua presença e o

fato de que estava tentando me controlar. Era só o que ele e meus pais faziam nos últimos meses, como se eu fosse capaz de, a qualquer segundo, ceifar a minha vida. Não nego que pensava nisso muitas vezes, mas não tinha forças suficientes para ir tão longe e, para provar, resolvi aceitar o seu convite de aproveitar uma noitada como fazíamos no passado. É claro que não seria como antes, pois me recusava a me deitar com mulheres, a porra da bebida era a minha maldita puta, que saciava todos os meus desejos.

— Aqui. Bebe um pouco. — Entregou-me uma garrafinha com água, ergui o olhar e de relance observei uma garota a servir.

Desde que eu tinha pisado os pés ali, aquela era a primeira vez que os meus olhos cruzavam com o seus. *Quem era?*

— Precisam de mais alguma coisa? — falou baixinho e engoli em seco, analisando o quanto o som de sua voz era doce, suave como uma melodia tocada em um piano.

— Não. Obrigado — meu irmão tratou logo de responder.

Ainda que a minha visão estivesse um pouco turva, consegui observá-la caminhar e voltar para trás do balcão do bar, seus movimentos contidos ao organizar de imediato outras bebidas para continuar servindo uma entre outras mesas.

— Quem é? — perguntei, minha voz saindo em um sussurro.

— O quê? — O babaca parecia não ter entendido a quem eu estava me referindo.

— A garota. — Fiz um movimento com a cabeça indicando a mulher misteriosa, que estava de costas para nós pegando alguma coisa na prateleira. — Ela — frisei.

— Não sei quem é, mas posso descobrir, com uma única ligação, tudo sobre a vida dela se me falar qual é o seu interesse

naquela garota. O que quer com ela?

— Ela parece perfeita — murmurei.

— Perfeita para o que exatamente? Irmão, você precisa parar de beber, está começando a ter alucinações. É só uma simples garota e nada mais.

— Me deixa em paz, idiota. — Resolvi me levantar, tentando me recompor. — Vai procurar alguma mulher ou algo assim para você cuidar. Não precisa me esperar, eu sei o caminho de casa — falei, pegando na cadeira o meu casaco.

— Polo.

— Tchau.

Ninguém entenderia o que havia por trás daquela escolha que me veio à mente assim que eu vi aquela garota inocente. Eu, no entanto, sabia que era a melhor coisa a fazer. Meus pais precisavam acreditar que aquela ferida estava curada, que eu estava seguindo com a minha vida, e me devolver de vez a direção das minhas empresas, que estavam sendo administradas pelo meu pai. Era a minha decisão mais sensata dos últimos meses, reagir e virar aquela página dolorosa, mesmo sabendo que as coisas jamais voltariam a ser como antes. Ter controle e domínio sobre os meus negócios era a minha única razão para continuar vivo.

Ou tentando acreditar que eu estava vivo.



Duas da manhã e o movimento da boate parecia ter se multiplicado desde a última vez que parei para observar quem entrava e saía. Permanecia encostado no meu carro, aproveitando que ali fora o clima estava mais agradável e conseguia respirar ar puro. Não era mais um jovem com os hormônios à flor da pele para aproveitar sem me preocupar com os limites. Nem para apreciar aquelas luzes brilhantes no teto, ou aquelas músicas cujas letras eu não conseguia compreender. Meus quase quarenta anos explicavam o óbvio; aquele lugar não era para mim. Aquelas horas haviam sido sagradas para amenizar o efeito do álcool, pois jamais cometeria outro erro como aquele que levava a minha esposa.

Nunca mais.

Meu celular, que estava no bolso da calça, começou a vibrar. Corri a mão para pegá-lo e ver quem me ligava àquela hora. Meu pai. Não pensei duas vezes antes de recusar e colocar o aparelho no modo avião. Assim como a minha mãe, ele precisava entender de uma vez por todas que eu não era mais uma criança. Ainda que a dor do luto tivesse roubado por aqueles meses uma parte da sanidade, eu ainda era capaz de tomar as minhas próprias decisões e de me responsabilizar por elas.

Precisei respirar fundo, fechar os olhos devagar para repetir o mesmo processo várias vezes, ou logo começaria a sentir a ansiedade que sempre era despertada por pequenos gatilhos como aquele que ligava a alguma emoção. No momento sentia raiva e incapacidade ao saber que estava sendo controlado o tempo todo. *Simples assim.* Os remédios davam alívio para aqueles malditos sintomas.

— Ah — sussurrei rouco, começando logo a abrir os primeiros botões da minha blusa social.

A maldita sensação de que o ar estava sumindo e sufocando-me.

— Ei... — Alguém que parecia passar perto do meu carro, que estava parado próximo de uma árvore, começou a se aproximar. Evitei ver quem era, ainda com os olhos fechados, as mãos começando a ficar trêmulas. Ah, não, porra! — Está tudo bem? Senhor? — a voz era tão suave e doce.

Uma mulher.

— Vai embora — tive coragem para abrir a boca e responder.

— Respire fundo. Um, dois, três... — disse baixinho.

Mesmo relutante em aceitar sua ajuda, comecei a seguir a instrução.

— Quatro, cinco, seis... — continuou contando até que se aproximou, tocando com a mão em meu ombro. — Está tudo bem. Eu estou aqui com você — e me abraçou.

Porra. Quem era?

Retribuí a sua ação carinhosa, encostando a cabeça em seu ombro. Seu perfume me deixando tonto, perdido e sentindo, pela primeira vez em meses, paz. Envolvi as mãos em volta da sua cintura, trazendo seu corpo cada vez mais junto do meu, quase sufocando-a, mas ela parecia não recuar, tão envolvida quanto eu.

— Estou aqui com você — soprou as palavras carinhosamente.

— Até quando? Quando? — Funguei ainda mais o seu cheiro natural, que de alguma forma trazia a lembrança de jasmim e eu nunca havia sentido antes.

Quem era?

Eu não parava de me perguntar.

Que ilusão era aquela?

— Para sempre — sua resposta me devolveu a consciência, e abri aos poucos os olhos, encontrando de uma vez por todas a dona daquela voz de anjo.

A garçonete.

— Desculpe-me... Eu... — Travei, encontrando forças para me afastar do seu corpo pequeno, que me acolhera tão bem, como se nos pertencêssemos.

Não era verdade.

— Está tudo bem, ouviu? Continue respirando suavemente. — Era ainda mais bela de perto.

Tinha os cabelos curtos, em tons claros, os olhos verdes brilhavam, e o sorriso preenchia todo o seu rosto, roubando mais uma vez o meu fôlego.

Linda.

— Obrigado por isso. Não sei o que aconteceu... — usei uma desculpa e não era uma mentira, afinal eu tinha um diagnóstico de ansiedade em mãos.

— Eu estava passando por aqui e te vi parado, como se estivesse sentindo... Bom, fico feliz em ver que está tudo bem. Me chamo Lidiiane, e você?

— Lidiiane — repeti pausadamente.

— Uhum... Você?

— Apolo Makris. Posso te dar uma carona? — ofereci, pegando novamente no bolso o celular, desbloqueando para lhe mostrar uma foto da minha família. — Esses são os meus pais, é

esse o meu irmão. — Mostrei para ela, que observou atenta. — É só uma carona, vou te entregar o meu celular, com uma ligação você aciona esses três.

— Nossa... Eu... Não precisava disso tudo. — Observei-a sorrir de lado, envergonhada.

— Sou um estranho que há poucos minutos estava passando por uma situação constrangedora. Só quero retribuir sua boa ação com uma carona — tentei ser compreensivo, explicando as razões por trás do convite. — Você aceita?

— Você me salvou.

Ah, pequena. Eu que fui salvo por você.

— Ok. Pode colocar aqui a sua localização. — Entreguei-lhe o meu celular e peguei as chaves do carro.

Em seguida, destravei o alarme de segurança, abrindo logo a porta da frente para a garota.

— Obrigada — ela murmurou, entrando logo em sequência.

— Coloque o cinto, por favor — pedi.

Fechei-a, dando a volta para ocupar o meu lugar no banco do motorista. Quando estávamos devidamente acomodados, dei a partida no automóvel, atento em seguir o endereço que a pequena garota havia fornecido, que não era muito longe.

— Como volta para casa todas as noites? — resolvi perguntar.

— Ônibus — respondeu. — Mas às vezes, em dias como hoje, preciso esperar a minha melhor amiga para pegar carona com ela e seu namorado.

— E gosta de trabalhar ali? — Estava intrigado e curioso a seu respeito.

— Sinceramente? Não gosto nem um pouco — foi sincera. — Só que não posso perder aquele emprego. Eu tenho uma garotinha que precisa de escola e comida...

— Sua filha? — Engoli em seco antes de perguntar.

— Não. — Deu um sorrisinho de lado. — É a minha irmã. Ela tem quatro anos.

Fiquei pensativo em seguida e resolvi encerrar logo a conversa. Sentia-me cada vez mais abalado com a presença daquela desconhecida ao meu lado. O destino havia me levado para seus braços com um único propósito, que eu usaria para o meu benefício. Nosso. Ela provavelmente precisava de uma condição de vida melhor para a irmã. E eu precisava provar a verdade aos meus pais a fim de recuperar o que era meu por direito. Só havia uma escolha a fazer.



Capítulo 2

Lidiane Galini

Lidiane Galine

— Lili, pode levar? Pode? — minha garotinha perguntou sem parar.

— Hum, deixe-me ver o preço disso. — Em sua mão tinha um pacotinho colorido, com desenhos, e dentro dele havia docinhos. Era o seu favorito e eu sabia disso. Aproximei-o dando uma olhada na embalagem, constatando em seguida que não estava dentro do

nosso orçamento. — Tem certeza de que quer isso? Não uma maçã?

Eu estava tão empolgada, na tentativa vã de fazê-la mudar de opinião.

— Lili, só um... — Seus olhinhos piscavam sem parar e meu coração se apertou.

Era só uma criança.

— Tá. Tudo bem. Só dessa vez, ok? — afirmei de forma carinhosa, fazendo-a entender o sentido daquelas palavras como tantas outras vezes já tinha feito.

Anne era a minha prioridade desde que a minha mãe havia nos abandonado para viver uma vida luxuosa com um milionário no Brasil, deixando-nos então sozinhas. Eu tinha quinze anos quando isso aconteceu, e minha irmã ainda era pequena. A nossa sorte foi que tínhamos um pai exemplar, dedicado e que cumpriu seu papel com êxito. Até que, no final dos meus dezoito anos, presenciei a sua morte dolorosa, um ataque fulminante que levou a sua vida. Sua partida deixou um vazio em nossa casa e principalmente no meu coração, que se recusou a aceitar que havia perdido.

Perdido o meu herói. Ah, papai.

Assim, tive que começar a trabalhar cedo para garantir que nada faltasse para a minha irmã, que a mesa de casa estivesse sempre cheia e farta, como meu pai sempre fazia. Mas essa tarefa se tornou difícil nos primeiros meses. As oportunidades de emprego eram limitadas pela cidade, principalmente porque eu não podia cumprir com os horários, pois a Anne ainda precisava de cuidados. *Uma garotinha que perdeu a mãe e o pai.* Ela precisava de mim,

que eu fosse forte por nós duas, e eu agradecia aos céus por naquela tarefa conseguir obter grande êxito.

Eu era o que lhe restava.

Nossos vizinhos tornaram-se grandes amigos, sendo o nosso maior suporte nos meses que passaram depois da morte do meu pai. Eu costumava falar que aquelas pessoas haviam se tornado nossos anjos protetores, afinal a minha irmã tinha de tudo um pouco. Uma gotinha de amor, atenção e um suporte necessário, que me dava a segurança para encontrar um novo emprego, pois havia contas para serem pagas, ainda que a nossa casa fosse uma herança que nos dava uma garantia.

Eu não podia reclamar.

Tinha a ajuda da minha melhor amiga, outro anjo que se fez presente em minha vida. Penélope, filha de uma das minhas vizinhas, encontrara uma oportunidade de emprego no mesmo local onde ela trabalhava havia anos, e graças a sua mãe, que ficava com Anne, eu aceitei sem nem uma resistência aquela proposta inesperada.

É claro que trabalhar em uma boate que recebia todas as noites milhares de pessoas de diferentes classes sociais não era uma das melhores coisas do mundo. Servir aquelas mesas, passando por perto de pessoas que pareciam não respeitar uma mulher, sendo muitas vezes vítima de cantadas sem graça não era uma tarefa fácil. Não era o melhor emprego. O lado positivo era o fato de que me ajudava a manter as contas pagas e a mesa cheia. Além de possibilitar o pagamento de uma escola particular para a minha irmã.

— Lili. Olha isso. — Senti sua mão tocar na barra do meu vestido longo.

Precisei respirar fundo antes de encará-la.

— O que, meu amor? — Parei o carrinho de compras ao lado dela, que estava parada em frente a uma prateleira onde ficava uma variedade de brinquedos.

— Olha essa boneca. *É a Frozen*. — A garotinha deu um sorrisinho de lado. — *A gente* pode comprar? Só essa, por favor, e eu prometo que não quero outra.

Eu sabia que iria pedir no instante em que passássemos por aquele corredor.

— Anne, hoje não, meu amor. Tudo bem? Você sabe o quanto é importante comprar as coisas da lista que fizemos juntas. Esqueceu o que conversamos da última vez?

— Eu sei que não se pode comprar além do necessário — repetiu pausadamente, formando um bico nos lábios que quebrava sempre o meu coração.

Ah, não.

— Eu prometo, da próxima vez que voltarmos aqui eu compro, ok?

— Você jura? — Não desfez o bico, contendo a vontade de chorar estampada no seu olhar.

Eu sabia o quanto ela gostava daquela boneca do seu filme favorito.

— Sim, meu amor. Vem aqui. — Eu me afastei do carrinho, abaixando-me para ficar da sua altura. — Prometo. Juro de dedinho.

Anne veio se aproximando e abraçou-me apertado. Fechei os olhos, acolhendo-a.

— Vou esperar, irmã. Obrigada.

Ficamos um pouco mais no nosso ninho de amor, e tentei confortar a minha pequena na esperança de que eu voltaria em outro momento para comprar a boneca.

— Agora vamos continuar por onde paramos, que tal? — Aos poucos nos afastamos e toquei com os dedos em seu rosto, fazendo carinho. — E para ficar melhor ainda, *melhor mesmo*, que tal você cantar aquela sua música favorita, hum?

— Lili, nãoooo. — Cobriu o rosto com as duas mãos. — Eu estou com vergonha.

— Vamos cantar juntas. Um, dois, três. *Muitas portas se fecharam pra mim sem razão. De repente eu encontrei você...*

A minha garotinha começou a gargalhar, não acreditando no que estava ouvindo.

— *Eu passei a vida procurando emoção. Talvez esteja nas conversas ao se lambuzar de glacê* — cantei sem me preocupar com nada ou que vissem.

Não demorou muito para a minha irmã entrar na mesma sintonia, seguindo a canção do filme a que ela assistia incontáveis vezes com a mesma paixão.

Melhor assim.



O restante do trajeto das compras aconteceu tranquilo como eu previa. Anne havia finalmente esquecido a ideia de comprar uma boneca, voltando a me ajudar a escolher os itens necessários para o nosso mês e em menos de trinta minutos estávamos no caixa, passando as coisas para irmos finalmente para casa.

— Moço, você sabia que a minha irmã é uma princesa? Não daquelas dos filmes, sabe? — Ficou na ponta dos pés para começar a puxar assunto com o atendente, enquanto eu pegava alguns pacotes no carrinho de compras. — Sabia, moço?

— Anne — repreendi com um olhar que a fez recuar.

— Está tudo bem. Eu não sabia, garotinha. Que bom, não é? — o homem do outro lado, que contabilizava as compras, foi gentil em responder e ofereci-lhe um sorriso.

— Ah, tá. Então agora você está sabendo.

Assim começaram a conversar e eu fiquei calada, observando a interação até que percebi que estava faltando um item da lista, que eu provavelmente havia ignorado.

— Anne — chamei-a, fazendo-a me olhar. — Você pode ir pegar uma caixa de leite? É naquele segundo corredor, entendeu? Eu vou ficar te olhando, ok?

— Tá. — Não me deu tempo para falar mais nada e saiu correndo.

— Ela ainda vai me deixar com cabelos brancos — murmurei baixinho.

— É uma garotinha adorável. Sua irmã, certo? — o atendente perguntou.

— Sim. — Peguei a minha bolsa de lado, abri-a e procurei pela carteira. — Ela é muito esperta, em todo lugar que chega faz

amizade assim, facilmente.

— Percebi. Como se chama?

— Anne. — Tirei o meu cartão e entreguei ao homem do caixa para debitar o pagamento das compras. Desviei o olhar para o lado e vi o exato segundo em que a minha irmã se aproximava, correndo com uma boneca em mãos. — Anne.

— Irmã, olha que linda...

— Eu já disse que não posso comprar, por favor, devolva — repreendi sendo um pouco grossa, não me importando com as pessoas que estavam na fila. — Agora.

— Não. — Parou em minha frente, dando pulinhos para o lado.

— Não? — repeti sua resposta, era a primeira vez que ela desafiava uma ordem minha.

— É. Oh. — Inclinou-se para o lado, apontando o dedo na direção por onde caminhava o desconhecido que encontrei após sair do meu turno de trabalho.

Havia sido ele a comprar a boneca para a minha menina.

— Lili. Ele me deu. Moço, *conta pra ela* — Anne insistiu.

Sua presença iluminou o ambiente. Naquela tarde usava uma roupa social azul-marinho, que o deixava ainda mais belo, cabelos alinhados e óculos escuros para completar. E preciso confessar, eu estava quase caindo para trás e babando.

Um deus grego.

— Lidianne. Tudo bem? — Caminhou um pouco mais, parando em minha frente. — Desculpe-me por isso. Eu estava comprando algumas coisas com a minha mãe e por coincidência ouvi a sua voz, estranho, não é? Faz apenas algumas horas que te vi e, por incrível que pareça, jamais esqueceria do anjo que me salvou.

Fiquei sem graça e podia jurar que estava igual a um pimentão.

— Lili, agradece a ele.

— Moço, eu gostei *muitão* assim! — Abriu os braços, explicando da sua forma o quanto tinha apreciado o presente. — Obrigada.

— É... — minha voz se entrecortou. O que eu diria? Pensa, pensa...

— Fico feliz que tenha gostado. — Estendeu a mão para tocar na cabeça da minha irmã, fazendo um carinho contido, e pude ver a aliança em seu dedo.

Era casado.

— Muito obrigada, Apolo — finalmente consegui falar.

O atendente do caixa logo chamou a minha atenção, entregando-me o cartão, que tratei logo de guardar na minha carteira. Eu precisava sair dali o quanto antes com minha irmã. Céus, estava morrendo de vergonha. O que ele pensaria de mim?

— Vamos, Anne. Dê tchau ao moço e agradeça o presente.

— De novo? — ela disse e o misterioso da última noite abriu um sorriso de lado. — Obrigada. — Foi involuntária a forma como ela o abraçou apertado. — Obrigada.

O homem abaixou-se para retribuir sua iniciativa carinhosa de mostrar que estava grata e feliz, ficando logo na altura da minha pequena. Não demorou muito para a garotinha se afastar, voltando a dar atenção para seu presente.

— Tchau, Polo.

Anne saiu correndo em direção à porta de saída do supermercado.

— Anne. Me espera — ainda tentei chamar, caminhando em passos lentos.

— Lidianne. Posso dar uma carona para vocês duas?

Ouvi sua voz próxima demais, entregando que estava me seguindo.

— Não quero atrapalhar você, além do mais vamos de ônibus.

— Só uma carona, por favor.

Que mal faria? Muitos... Ele era casado.

— Não precisa se preocupar. — Tentei sair de fininho daquela situação.

— Por favor — insistiu. — Eu preciso conversar com você.

Franzi o cenho confusa, parando em frente à porta.

— Sobre o quê? — perguntei, curiosa.

— Aqui não é o melhor lugar para isso — observou e captei que havia algumas pessoas passando e nos observando, ainda que discretamente.

— Você é o quê? Famoso ou alguma coisa assim? — tentei descontraí-la.

— Algo assim. Vamos?

Precisei respirar fundo e concordar com o convite.

— Anne, o que acha de tomar um sorvete? — Passou na minha frente, caminhando em direção à minha irmã, que estava parada me esperando com a sua boneca.

Logo uma nova conversa foi iniciada e eu não sabia onde aquilo tudo ia parar. Resolvi que não iria pensar muito sobre o que aconteceria dali para a frente, afinal era só mais uma carona e nunca mais iríamos nos encontrar. Eu torcia por aquilo, no fundo, e a belíssima aliança que brilhava em seu dedo era um delicioso

lembrete. Ele era o mesmo desconhecido que encontrei na rua e que acolhi em um abraço, na busca de tentar acalmá-lo; parecia desesperado, passando por alguma crise com a qual consegui me identificar apesar de não sentir naquela mesma intensidade.

Eu sabia como era se sentir daquela forma. Perdido e sufocado. As nossas dores naquele momento pareciam ter se mesclado, tornando-se em apenas uma. Desconhecido ou não, a salvação tinha acontecido em via de mão dupla, pois aquela era uma noite em que meus pensamentos estavam bagunçados, o cansaço matando e a vontade de ser apenas mais uma garota comum pulsando forte no meu coração.

Céus. Respire e conte até três.

— Lili. *Tá aí?* — Ela estava parada ao lado de Apolo, os dois em sintonia me observando ao lado do seu luxuoso modelo de carro.

— Uhum. Só estava pensando... Pensando que você é uma garotinha linda e que se não entrar agora naquele carro vou te dar uma surra de beijinhos — brinquei.

— Ai, meu Deus. Corre, Polo — deu um gritinho e pegou na mão dele, como se já tivessem intimidade suficiente, e não se conhecido a menos de minutos.

— Acho que quero um beijo.

Arregalei os olhos. O destino só poderia estar brincando com a minha cara.

Ou não?



Capítulo 3

Apolo Makris

— Cortou o cabelo, fez a barba... Hum.

— Mamãe! — Tomei um susto ao vê-la parada no quarto, dei um passo para a frente e fechei a porta do banheiro. — Precisa aprender a avisar quando entrar ou pode flagrar uma mulher pelada na minha cama.

— Você é como o seu irmão, que traz qualquer uma para o nosso lar. E, para ser bem sincera, realmente precisa ter uma *aventurazinha* assim — disse com desdém, ela sabia que eu jamais teria capacidade para fazer algo assim.

— O que a senhora quer, mamãe? — perguntei evitando fazer rodeios, enquanto caminhava até o meu closet.

Abri a primeira porta, deslizando para o lado, e engoli em seco ao ver o espaço da minha esposa, ainda com todas as suas roupas.

Eu me recusava a tirá-las de lá, de alguma forma seu cheiro suave permanecia vivo ali, tão próximo do meu coração, o qual alimentava a minha maldita ilusão.

— O que eu quero? Primeiramente, que você aceite participar do evento que acontecerá no nosso instituto no próximo sábado e que concorde em doar todas essas coisas. Meu filho, por mais que doa, está na hora de fechar esse ciclo. — Senti quando a minha mãe se aproximou, tocando a palma da mão em meu ombro. — Não é como se ela fosse voltar a qualquer minuto e fosse usá-las.

— Mamãe. — Suspirei, na tentativa de fazê-la parar de continuar falando sobre o assunto que me desestabilizava.

— Meu filho, desculpe-me falar assim. Eu sei o quanto ela era importante para você, o quanto a amava, *nós a amávamos...* Mas precisa entender que acabou. — Apertou a minha pele, deixando um suave afago, que fez meu coração bater mais forte.

— Deixe-as aí. Se está tão incomodada, é só sair do meu quarto, mamãe. A porra do seu instituto de caridade não precisa das malditas roupas da minha esposa.

— Meu filho, ela morreu...

Suas duras palavras frias acertaram em cheio a minha ferida.

Sangrou por dentro.

— Mamãe, saia do meu quarto, vá embora — disse rude, afastando-me dela.

Eu não suportava mais os seus sermões, que no fundo, eu sabia, eram só uma forma exagerada de me proteger. A minha mãe era uma senhora de aparência jovial, apesar dos seus cinquenta anos. Cabelos sempre pintados em tons claros, usava trajes elegantes, formais, e era forte como uma leoa quando o assunto era salvar a nossa família, nos manter inabaláveis.

O que ela não sabia era que até a rocha mais forte estava sujeita a se rachar.

— Um dia você irá entender que tudo é para o seu bem. Recomeçar, Apolo.

Seu olhar encontrou o meu e fiz um aceno com a cabeça concordando, afinal aquela era a minha meta. A minha prioridade para alcançar o meu principal objetivo.

Recuperar a minha vida.

— Eu... vou tentar aparecer nesse evento. Feliz? — Suspirei fundo, elevando a mão para passar entre os cabelos.

— É um bom começo. Nós estaremos lá esperando por você.
— Caminhou a passos lentos em minha direção, ficando na ponta do pé para beijar meu rosto. — Eu te amo.

Amor.

Toquei as duas mãos em seu rosto para retribuir de forma silenciosa as palavras que eu jamais seria capaz de sentir novamente, beijando sua testa.

— Só mais um pedido. Jante hoje conosco, Apolo.

— Outro dia, mamãe. Preciso encontrar alguém — fui claro e não era uma mentira.

Fazia parte do meu plano reencontrar Lidiane, Lidi ou Lili, como sua irmãzinha costumava chamá-la com tanta adoração. E eu

ficava admirado com aquele vínculo tão verdadeiro, afinal, com o passar dos anos, isso havia se tornado tão vago entre as pessoas.

Eu sabia o horário em que sairia do seu trabalho, assim como tinha tido acesso a todas as informações sobre a sua vida. Aquela garota era o começo do meu recomeço, o ponto inicial que ligaria todas as outras peças do quebra-cabeça.

Ela seria a esposa perfeita.

— Oh, tudo bem, outro dia então. Divirta-se, meu filho. — Observei quando seus cílios bateram rápido, a curiosidade passando descaradamente em seu olhar.

Muito bem. Continue pensando assim, querida mamãe.

— Disso não tenha dúvidas, dona Luzinete. — Virei-me de costas para ela, tirando a toalha da cintura para começar a me vestir.

Minha mãe deu uns passos para trás, finalmente saindo do meu quarto. A porta se fechou logo em seguida e pude soltar o ar dos pulmões, respirando mais aliviado. Eu tinha pouco mais de uma hora para me arrumar e partir para encontrar a Lidi. Havia um assunto pendente entre nós que eu queria abordar desde o último dia em que a encontrei, e não tive a oportunidade. Sua irmã roubara a cena falando sem parar, não me dera espaço algum no final. De certa forma, não pude reclamar, pois a garotinha era muito fofa e me conquistou.

Simples assim.

Não me lembrava da última vez que tinha tido um contato tão direto com uma criança em especial, além das que eu costumava ver nos sonhos que tive com o bebê no ventre da minha esposa. Imaginava como ele, ou ela, seria, se teria os seus olhos

puxadinhos, ou se seriam azuis como os meus, da pontinha do pé até o nariz, que provavelmente seria tão bem desenhado como o da mãe.

Porra. Minhas mãos começaram a tremer, a respiração se tornou lenta e precisei fechar os olhos, buscando afastar aqueles pensamentos para o mais longe possível. Tentei fazer um exercício a fim de controlar a ansiedade que atacava quando a minha cabeça me levava ao passado. O meu pior gatilho. Permaneci na mesma sequência de respiração, lentamente, até que aos poucos fui voltando ao normal, e tratei de dar passos na busca de encontrar a cartela com o meu medicamento. Costumava tomar o comprimido sempre no mesmo horário, mas naquela noite tomaria um pouco mais tarde. Eu precisava beber alguma coisa enquanto esperava a Lidi acabar seu turno, e unir bebida alcoólica com a porra do remédio não era uma escolha sábia, tendo em vista os efeitos colaterais.

Abri os olhos, senti-me um pouco mais leve e continuei a me arrumar.



A noite estava fria, a movimentação de carros e pessoas na rua parecia ter dado uma pequena trégua desde a última vez que estive naquela boate. Fazia poucos minutos que eu havia estacionado o carro e fiquei em frente ao prédio, encostado com o

corpo no automóvel. Sentia-me indeciso, como a porra de um adolescente descobrindo a puberdade, quando na verdade já tinha passado daquela fase. Os anos de casado me deixaram adormecido quando o assunto era tentar conquistar uma mulher, em especial aquela que seria a minha salvação.

Lidi é a garota perfeita.

Decidi parar com os rodeios e entrar de uma vez por todas. O segurança da porta me cumprimentou gentilmente depois de me revistar, liberando a minha entrada. Assim que dei um passo para a frente, meus olhos encontraram os da garota, que estava parada terminando de servir uma mesa. Observei quando ficou surpresa, seus olhos brilhantes como dois diamantes pairando sob os meus. Ela travou logo em seguida, na mesma posição, para aos poucos suavizar e abrir um sorriso contido.

Ah, pequena.

Fiz um aceno com a cabeça para ela e abri os lábios em um sorriso largo, um convite silencioso para que se aproximasse, então esperei que terminasse de servir o desconhecido da mesa para logo vir caminhando devagar ao meu encontro. Meu olhar descarado desceu pelo seu corpo, notando o quanto estava linda de uniforme, belíssima, delicada, os cabelos presos. Em seu rosto, nenhum vestígio de maquiagem, além de um batom quase discreto nos lábios.

— Boa noite, Lidi.

— Apolo. Boa noite. — Meu nome soava deliciosamente em seus lábios. — Você está por aqui. Que surpresa...

— Pelo que me lembro, você ainda precisa pegar ônibus tarde da noite — recordei-a. — Uma carona, o que acha?

— Oh. — Ficou surpresa, constatando que eu não tinha me esquecido da nossa última conversa. — Suponho que não tenha vindo aqui só por isso.

— E se fosse? O que você acha?

— Tem uma mesa livre próximo ao bar, posso te acompanhar — fugiu da minha pergunta.

— Parece perfeito. — Entrei no clima, sem tirar o olhar do seu. Ela não escaparia facilmente pelas minhas mãos.

— Mais alguma coisa? — perguntou dando um passo para trás.

— Uma dose de gim. Não quero beber muito essa noite, estou dirigindo.

— Essa é forte — brincou, fechando os olhos por um segundo para sorrir. — Brincadeira. Vamos, é por aqui. — Deu espaço para que eu a acompanhasse.

— Como você está? Sua irmã? — aproveitei que estava tão próximo, não o suficiente para sentir o seu perfume, e perguntei baixinho, sem que o som ao fundo a impedisse de ouvir as minhas palavras.

— Estamos bem... Ela amou a boneca. Não parou de perguntar por você um dia sequer — lembrou-me e acabei sorrindo.

— Posso comprar outras dez daquela. — Parei do seu lado quando chegamos à mesa que ficava próximo do bar, de onde eu poderia vê-la pelas próximas horas em que ficaria ali. — Aceita algum refrigerante ou algo assim? — perguntei.

— Hum, eu não posso... O meu chefe não gostaria de me ver bebendo *assim* no meu turno. — Abaixou o olhar por um segundo e a vi suspirar fundo. — Eu não demoro. Pode ficar à vontade.

Acenei em concordância, puxando uma cadeira para sentar-me. Pelo visto a noite seria um pouco mais longa do que previ. Dei uma breve olhada ao redor, captando o rosto de algumas pessoas que não me pareciam nem um pouco familiares, afinal fazia muito tempo que não frequentava lugares como aquele nos últimos anos. Porra, eu estava tão velho assim?

A insegurança perturbou meus pensamentos, mas tratei de não dar espaço, focando-me na garota que voltava com minha bebida.

— Aqui. Tente não beber muito, *ok*? — falou carinhosamente e me serviu sorrindo.

— Minha mãe, se estivesse aqui iria concordar com você — tentei descontraí, pegando o copo da mesa e levando até os lábios para bebericar. — Prometo que este será o único copo que irei beber, *agápi*^[1].

Seus olhos se arregalaram ao ouvir as últimas palavras, seu rosto corado, e murmurou alguma coisa baixinho que não consegui entender, deixando-me sozinho para dar continuidade ao seu trabalho.

Deixei de lado a bebida, que não parecia nem um pouco saborosa naquele momento, para procurar meu celular no bolso da calça social; peguei-o e o coloquei sobre a mesa.

As horas passaram-se lentamente, o movimento da boate havia crescido desde o momento da minha chegada e a garota que roubava meus pensamentos parecia não ter tempo algum para vir ao meu encontro, enquanto o meu olhar permanecia sempre no seu. Era visível o quanto estava cansada, servindo mesas e mais mesas, o que me levava a concluir que ela aceitaria a minha proposta sem

pensar duas vezes. A porra do meu dinheiro era mais do que suficiente para lhe dar segurança sem precisar desse trabalho, ela poderia viver tranquilamente com a sua irmãzinha.

Respirei fundo e fiz um movimento com a cabeça, sentindo a tensão me dominar. Eu já não tinha mais fôlego para esse tipo de joguinhos e a impaciência me consumia, mas lembrei a mim mesmo que precisava manter a calma acima de tudo. Precisava ir aos poucos ou assustaria de uma vez por todas a garota, que era jovem demais.

Meu olhar travou no instante em que a vi se esquivar por trás do balcão, como se estivesse fugindo, de um homem com o dobro do seu tamanho, que tocava o seu braço.

Que porra estava acontecendo?

Eu me levantei, com um movimento afastando a mesa para a frente, e dei passos certos em sua direção, ignorando as pessoas que encontrava no caminho. Constatei a verdade quando vi o medo estampado em seu rosto, a repulsa ao toque.

— Solte-a, caralho — disse grosso, passando para trás do balcão.

— Ou o quê? — a voz do idiota estava embolada, excesso de álcool.

— Você não quer pagar para ver, babaca. Lidi. — Aproximei-me, dando um empurrão no sujeito desconhecido, que caiu para trás. *Fraco*. — Você está bem? Ele te machucou?

— É só uma putinha... — o homem no chão delirou, enfurecendo-me.

— Eu... — a garota se perdeu na resposta e me abraçou.

— Vou te tirar daqui. — Abracei-a, apertando-a em meus braços. — Está tudo bem — tentei confortá-la. Onde estão as suas coisas? — Seu corpo estava trêmulo, logo começou a soluçar e o choro tomou conta. — Inferno, eu vou te tirar daqui. E juro, Lidi, você nunca mais precisará passar por isso, está me ouvindo? Nunca mais, *agápi*.



Capítulo 4

Lidiane Galini

Vivi um pesadelo. Era o filme que passava pela minha cabeça ao lembrar que por uma fração de segundos eu havia sido vítima de assédio no meu ambiente de trabalho. Até quando as mulheres seriam obrigadas a passarem por aquilo? *Kyrios*^[2]! Não era a primeira vez que algo assim acontecia, sempre ouvia cantadas e convites obscenos de homens que passavam por ali na boate, mas essa foi a única vez que alguém foi tão longe. Eu sentia repulsa só

de me recordar das mãos daquele desconhecido na minha pele, apertando-me, por *Kyrios*! Apolo havia sido o meu anjo salvador, livrando-me do que poderia ter acontecido se não tivesse chegado a tempo.

Esse foi o último lembrete de que eu precisava encontrar um novo emprego. Não podia permanecer em um lugar que colocava a minha integridade em risco, sem um pinga de segurança ou respeito simplesmente por se tratar de uma mulher. Com tantas revoluções nos últimos anos, bandeiras hasteadas, movimentos de inclusão, ainda assim, nós éramos vistas como seres frágeis, quase como se um objeto indefeso. Eu me recusava a acreditar que no mundo ainda existiam homens assim, como aquele maldito asqueroso, capazes de roubar o nosso direito de escolha.

Não o meu anjo salvador. Lembrei.

Apolo estava ali por mim, livrando-me das mãos do agressor. O seu abraço acalentou a minha alma, trazendo-me conforto e paz. Estava tudo bem no final das contas, mas quantas outras mulheres não tiveram a mesma sorte que eu?

— Lidi, está tudo bem? — sua voz rouca me trouxe de volta à realidade, tão suave como uma melodia.

Meu olhar estava focado na estrada e o seu carro, em movimento.

— Uhum. — Eu estava realmente? — Céus, pensei por um minuto que...

— Não diga uma coisa dessas, *Kyrios*! Eu nunca me perdoaria, nunca, nunca...

Percebi o tom alterado em sua voz, que havia mudado rapidamente, a repetição constante das palavras e o medo presente

nela.

— Apolo — chamei-o. — Passou... Graças a você. Obrigada por me salvar.

— Nunca me perdoaria. E se...

— Estou aqui com você. Está tudo bem. — Toquei a sua perna e busquei a sua mão livre, fazendo um carinho suave. — Está tudo bem...

— Eu poderia ter... Porra. Eu nunca me perdoaria. — Vi de relance sua mão na condução apertar o volante com certa força e logo fiquei preocupada.

— Apolo, por favor. Pare o carro — pedi, com certa urgência na voz. — Por favor.

Ele não pensou duas vezes antes de obedecer, parando próximo a uma árvore.

Havia sido eu a passar por um momento difícil minutos atrás, que traria uma lembrança ruim, mas era Apolo que não estava nem um pouco bem, no fim, com aquela maldita situação. Desde o minuto em que entramos no carro, consegui sentir a sua tensão, o desequilíbrio emocional estampado em sua voz e em seu olhar. O que aquele homem tinha?

Precisei respirar fundo, tirar o cinto de segurança e tomar uma atitude inesperada que nos colocaria em uma situação constrangedora.

Não pensei duas vezes até me mover para ficar em seu colo, passando as pernas ao redor da sua cintura, e agradei aos céus pela pouca iluminação na rua. O alerta veio à minha cabeça avisando que essa era uma péssima ideia, sobretudo em um momento como aquele, mas pouco me importei com as

consequências. Toquei com as duas mãos o seu rosto, ele respirava suavemente, e o beijei. Fiquei perdida, morrendo de vergonha por não saber como conduzir, mas Apolo pareceu não se importar, vindo logo ao meu encontro, tomando tudo e beijando-me.

A sua mão escorreu pelo meu corpo, pairando sobre a cintura, onde apertou com força. Seu toque me arrancou um suspiro, quase um gemido, que foi engolido pela sua boca quando mordeu os meus lábios. Fiquei atenta a seus movimentos e os repeti, seu sabor era uma mistura deliciosa e suave da bebida com bala hortelã, fazendo-me desejá-lo, querendo prolongar um pouco mais. Eu me movi em suas pernas, em busca de uma posição confortável, e ele aproveitou para apertar-me em seus braços, as mãos longas, fortes, pressionando-me em seu peitoral. Aproveitei para repetir o processo tocando seu braço, até encontrar a mão livre, e nossos dedos se tocaram, uma conexão inexplicável se formando. Seus lábios despertaram fagulhas de borboletas em meu estômago, como se estivesse tocando minha alma, e o fôlego se perdeu no caminho das sensações.

Céus. O que eu estava fazendo? Abri os lábios, rompendo o contato para buscar fôlego, e apertei em seguida sua mão com um pouco de força, a ponta do dedo encontrando em seguida o detalhe que acabei esquecendo em meio às emoções. A sua aliança. Como se tivessem jogado um balde de água fria em meu rosto, busquei coragem para me afastar e voltei para meu lugar. A realidade estava estampada para quem quisesse ver; eu havia acabado de beijar um homem casado.

— Lidi? — sua voz rouca murmurou tão próximo, arrepiando-me inteira.

Vergonha.

Beijei um homem que era...

— Lidi?

— Me desculpa. Eu não deveria ter me jogado em seus braços e ter te beijado assim. Me desculpa?

Levei as duas mãos ao rosto para cobri-lo. Não conseguia encarar seus olhos azuis dominantes e que me faziam cometer erros.

— Está tudo bem, Lidi. Foi recíproco e eu quis tanto quanto você. Não foi tão ruim assim, sabe, fazia muito tempo que eu não me sentia assim. Vivo — respondeu.

— Você não pode falar isso. Céus, você é casado...

— Viúvo — corrigiu-me. — Faz pouco menos de um ano que a minha esposa morreu em um acidente de carro. E isso é só uma aliança.

— Da sua esposa. — Finalmente tive coragem para baixar as mãos e olhar em seus olhos. — Você ainda deve amá-la muito...

— Pelo resto da minha vida.

Não consegui entender o porquê, mas aquelas palavras acertaram em cheio meu coração, quase como uma facada. Céus, a minha cabeça estava uma confusão.

— É... Pode me levar para casa? — tentei me esquivar daquele assunto, não querendo prolongar e ouvir mais verdades que iriam me magoar no final.

Eu o tinha conhecido no dia anterior, de forma inesperada, na boate. Chegara como quem não queria nada em minha vida, mas eu já conseguia sentir uma conexão com ele que ia muito além e não conseguia entender os motivos. Julgava ser pela situação delicada

em que o encontrei a primeira vez, como se ali as nossas almas se completassem, mas era só uma ilusão. Uma ilusão criada pela minha cabeça, pois não éramos peças que se encaixavam.

Ele amava a esposa e sempre a amaria. Outra verdade clara. E eu era só alguém que cruzava o seu caminho com uma bagagem pesada demais para carregar.

— Te incomoda tanto assim me ver usando uma aliança? — foi direto na pergunta.

— Hã? Claro que não. Está tudo bem, Apolo. Vamos só esquecer que tudo isso aconteceu e seguir com a nossa vida. — Precisei respirar fundo antes de falar.

— Não. Não posso te esquecer e te deixar partir.

Arregalei os olhos com sua resposta.

— Eu te quero e preciso de você.

— O quê? — Estava confusa, chocada com o que ele falara.

— O que quer dizer com isso?

— Precisamos sair daqui, explicarei no caminho... Confia em mim?

— Eu... vou me arrepender depois, mas sim, confio em você.

— É tudo que eu precisava ouvir. — Um sorriso de lado brotou em seus lábios e aqueceu o meu coração, acendendo nele a chama da esperança.

Tudo iria terminar bem...



Durante o trajeto, acabei adormecendo no banco do passageiro, o clima da noite contribuiu e o silêncio foi fortalecedor. Eu ainda me sentia confusa, perdida com as palavras ditas por Apolo. Não conseguia imaginar onde aquilo tudo iria acabar, seus reais motivos para afirmar com tanta convicção que precisava de mim, ele parecia tão certo do que queria. Eu só sentia, lá no fundo, que podia confiar naquele homem quebrado e misterioso. Como um maldito ímã, eu me sentia atraída querendo mergulhar na escuridão que morava em seu olhar. Enfeitiçada. Eu estava completamente ferrada.

Acordei com um toque suave no rosto e aos poucos abri os olhos.

— Minha vez de me desculpar... — o sussurro suave de Apolo me fez sorrir.

Ele estava em pé do meu lado na cama, seu olhar dominante iluminando o meu.

— Onde estamos? — Pisquei os olhos, tentando me situar.

— Minha casa. Faz pouco menos de dez minutos que chegamos e eu te trouxe para o meu quarto — explicou-se. — Você está muito cansada e eu não quis te acordar.

— Ah. — Fiquei sem jeito, movendo-me para o lado e constatando que estava deitada em uma cama confortável, entre lençóis quentinhos com um cheiro de lavanda. — Obrigada.

— Sem agradecimentos, *agápi*. Separei uma roupa e uma toalha no banheiro, caso queira tomar banho — sussurrou baixinho, estava visivelmente relaxado, não usava a mesma roupa de horas atrás.

A parca luz do quarto refletia um pouco da sua beleza exuberante, peitoral exposto, e ele usava nada além de uma bermuda moletom.

Que calor!

— Aham. — Engoli em seco, levantei-me da cama e mantive certa distância dele.

Perigoso demais estar tão perto e...

Eu não podia.

— Fique à vontade. Vou preparar um chá, você aceita, ou quer outra coisa?

— Não quero incomodar. — Abri um sorrisinho de lado e passei a mão no rosto.

— Incômodo algum. Não demoro, *agápi* — disse e concordei com a cabeça.

Apolo caminhou em direção à porta do quarto, saindo em seguida, e soltei enfim o ar preso nos pulmões. De todos os lugares prováveis para uma conversa, ele havia me trazido para o mais perigoso possível; o seu quarto. Se antes já era difícil conter o enorme desejo que crescia quando meus olhos encontravam os seus, entre aquelas paredes era três vezes mais. O que eu faria? Fugir?

Eram tantas e tantas dúvidas.

Resolvi seguir um passo de cada vez. Não era da minha índole admirar algo que não era meu, mas precisava admitir, ainda que em silêncio, o quanto aquele quarto era luxuoso. Grande e banhado em tons claros, eu poderia morar ali facilmente. Balancei a cabeça para os lados afastando os pensamentos e caminhei até uma porta que

julguei ser um banheiro. Entrei e me tranquei por dentro. Fechei os olhos e tratei de me despir, para logo tomar um banho gelado.

Precisava lavar a minha alma ou ao menos tentar.

Não sei quantos minutos passaram, mas fiquei presa, aproveitando um pouco mais até que terminei a ducha. Enrolando-me em uma toalha, vi que havia uma sacola no mármore da pia e, enquanto me secava, abri, vendo que continha uma peça de roupa feminina ainda com a etiqueta, além de um conjunto de lingerie. O mais estranho é que eram do meu tamanho exato. Foi impossível não sorrir com o seu cuidado.

Vesti o conjunto de moletom branco e penteei os cabelos molhados. Dei uma última olhada no espelho, uma breve conferida, e por fim saí do banheiro, encontrando Apolo sentado na beirada da cama, com uma xícara nas mãos.

— Oi — sussurrei baixinho. — Hã... Obrigada pelas roupas.

— Lidi. Ficaram perfeitas no seu corpo — respondeu e ergueu o olhar, encontrando os meus. — Digo, ficaram perfeitas em você. O seu chá. — Fez um gesto com o dedo, indicando a bandeja que estava em cima da cama.

— Obrigada. — Sorri de lado, caminhei em sua direção e sentei-me na extremidade oposta da cama. — Uma pergunta... Você mora aqui sozinho?

— Não — foi sincero, dando um gole na sua bebida. — Meus pais moram aqui.

— Aham. — Peguei a minha xícara servida por ele e experimentei, dando uma leve assoprada para esfriar. — Por que me trouxe aqui, Apolo?

— Existem inúmeros motivos, mas o principal deles... Eu precisava cuidar de você. Sei que não há nada que eu possa fazer para apagar o que aconteceu mais cedo, nunca me perdoaria se... Nunca me perdoaria. — Suspirou fundo.

— Ei, está tudo bem... — Estendi a mão direita, tocando na sua.

— Sim. Perdoe-me também por perder o controle no carro, eu nunca seria capaz de colocar a sua vida em perigo. — Deixou sua xícara de lado na bandeja, sobre a cama, e em seguida fez o mesmo com a minha.

Apolo aos poucos foi se aproximando e precisei respirar fundo duas vezes seguidas. Senti o seu perfume cada vez mais perto, me deixava inebriada e enfeitiçada.

— Eu preciso... Não. Eu quero que você seja minha esposa — foi duro ao sussurrar as últimas palavras e beijar-me.



Capítulo 5

Apolo Makris

Errado demais. Perigoso. Porra. Eu havia feito uma escolha irrevogável, como uma maldita viagem sem bilhete de volta. Lidiane era pura em todos os sentidos, como um verdadeiro anjo, e trazê-la para o meu quarto foi como derrubar uma das barreiras que eu levantara durante os últimos meses. E sabia que estava ferrado, domando os seus pés, e a minha boca tomou a sua. Um lado da minha consciência me lembrava a cada minuto que eu só estava usando-a como parte do meu plano, mas a outra se negava a

acreditar naquela mentira. Eu a queria, como todo o meu corpo, ainda que o meu coração pertencesse a uma única mulher.

Eu a desejava.

Não...

O sabor da sua boca me deixava faminto, querendo mais e mais. Envolvi as mãos ao redor da sua cintura, trazendo seu corpo junto ao meu, suas pernas rodearam-me prendendo-nos em um laço perigoso demais, dependentes um do outro. Porra, eu precisava daquela garota.

Diminuí o ritmo do beijo para sugar delicadamente os seus lábios, mordiscando, querendo ter o poder de congelar aquele momento. Sua pequena mão percorreu o meu rosto acariciando-me ainda que de forma contida, e isso me deixava ainda mais excitado, queria me perder em seu corpo desde que a vira sair do banheiro. A atração estava ali, viva, desde o minuto em que a encontrei e eu sabia que não havia escapatórias naquele jogo de perdição.

— Seja minha — murmurei as palavras e encostei o rosto em seu pescoço, inspirando o seu cheiro, a pele tão macia que se arrepiava facilmente ao meu toque, e dei pequenas mordidinhas. — Aceite ser minha.

— Apolo. — Ela se remexeu em meu colo, meu pau esmagado pelo seu movimento inocente; não para mim, que a queria por inteiro.

— É uma escolha sua, *agápi*. — Afastei o rosto da sua pele para encontrar seu rosto, toquei com a ponta do dedo em seu queixo e fiz um carinho suave. — Sei que tudo parece estar indo rápido demais, mas não posso negar o desejo que sinto por você. A vontade que tenho de te proteger e de torná-la a minha mulher.

— Você disse que... — não terminou de falar e eu entendi a que se referia.

A minha falecida esposa.

— Um acordo, *agápi*, e nada mais. Sei o que falei e não voltarei atrás, mas isso é algo que faz parte do meu passado com que você provavelmente teria que conviver.

— Com o fato de que nunca será capaz de me amar?

— Existem outras formas de amar e estou disposto a te provar todas elas — falei firme, fazendo com que me olhasse dentro dos olhos e visse a verdade.

Uma promessa coberta de mentira, afinal eu nunca seria capaz de amar novamente.

Não era certo usá-la daquela forma, mas estava disposto a fazer uma parte funcionar. Respeitaria os seus limites, suas escolhas e seria fiel pelo tempo que durasse. A única mentira naquilo tudo é que ela nunca teria acesso ao meu coração. Sabia o quanto se entregar era destrutivo, ainda mais depois de viver isso na pele.

Em morte... Eu seria incapaz de roubar o brilho daquela garota tão pura que salvou a minha alma em uma noite sombria. Morreria antes mesmo de destruí-la.

— Por que quer que eu seja sua esposa? — perguntou, sendo sincera.

— O real motivo é a minha família. Existem coisas sobre o meu passado que prefiro que você não saiba, pelo menos não hoje, agora. — Peguei em sua mão e levei até os lábios, beijando-a. — Você consegue me entender?

— Hã... Acho que sim. — Suspirou. — Tudo isso é muito confuso, Apolo.

— *Agápi*, esse sou eu e, se você se sente tão atraída quanto me sinto, não irá se abster de mergulhar em minha escuridão. Será um nado intenso, turbulento, com dias de temporais, outros mais leves, mas prometo segurar em sua mão, estar do seu lado em todas as ondas, e se no final de tudo você me amar...

— Não precisa terminar de falar. Eu já sei. — Tocou com um dedo em meus lábios.

— Eu estarei lá — finalizei, e os seus cílios bateram rapidamente.

— Eu... preciso pensar, tudo bem? Esse acordo tem algum documento ou algo assim para ser assinado?

— Sim. Tudo para te manter segura e protegida — garanti. — Eu não queria que essa conversa acontecesse assim, dessa forma, muito menos quero que seja só mais um acordo. Meu advogado vai cuidar de toda essa parte burocrática.

— Como não? Você disse que queria uma esposa. Pelo que sei...

Cortei-a, não deixando terminar de falar.

— *Preciso* — afirmei. — Mas, acima de tudo, eu quero a minha esposa na minha cama. Sendo amada pela minha boca, pelas minhas mãos e tomando o meu pau. E, se estiver pronta para assinar a porra desse acordo, estarei aqui para ir até o final.

— *Kyrios!* — disse, colocando as mãos no rosto. — Isso tudo é muito confuso. Estar aqui com você, ser a sua esposa de fachada, mas ao mesmo tempo não...

— *Agápi*, eu entendo que esteja confusa com tudo isso e terá o tempo de que precisa para pensar, mas saiba que não irei desistir facilmente. Te encontrei e não faz parte dos meus planos te deixar escapar pelas minhas mãos — soprei as palavras, duro.

— Você não pode estar falando sério... — Deu um riso quase sem som, seco, e abaixou as mãos para me olhar dentro dos olhos. — Nem mesmo parece o homem que ainda é apaixonado pela esposa, que usa a aliança como se ela estivesse aqui.

— Eu... — Engoli em seco, ficando tenso de repente com sua resposta. — Posso tirar se esse for um problema entre nós. É o que você quer, *agápi*?

Estava realmente disposto a fazer aquilo? Porra! Pensei em silêncio, meu olhar devorando-a. Queria continuar me perdendo em seus lábios tão doces, sentindo o seu cheiro, que fazia o meu lado adormecido pulsar desejando-a mais e mais. Por *Kyrios*, por aquela mulher eu estava determinado a ultrapassar mais um limite.

— Preciso pensar em tudo isso, mas antes marque uma reunião com o seu advogado — murmurou baixinho, afastando-se do meu enlace. — E, por favor, não quero que a minha irmãzinha faça parte disso, que nunca saiba a verdade.

— Jamais seria capaz de magoá-la — jurei selando uma nova promessa. — Jamais, ouviu bem? — Eu a trouxe para perto novamente, abraçando-a pela cintura com força. — Quero o pacote completo, *agápi*, tudo que vem com você, pois não posso continuar permitindo que tenha uma vida como aquela e que outro babaca ouse tocá-la. Eu irei protegê-las até mesmo depois que nosso acordo acabar.

A minha garota abriu os lábios para sorrir de lado, apreciando as minhas palavras.

— Obrigada, Apolo — ela sussurrou.

— Deixe-me beijá-la um pouco mais, prometo que não irei além... Só quero sentir o seu sabor — pedi, roçando minha boca na sua, que me deu livre acesso para continuar. — Muito bem, *agápi*. — Ajeitei-a em meu colo, para deitá-la aos poucos na cama, entre as almofadas.

Maldita visão do caralho. Era a primeira mulher que se deitava ali, constatei o óbvio. Lidi havia sido a minha melhor escolha, ainda que não fosse da maneira mais certa.

— *Agápi mou*^[3]. — Aos poucos fui ficando por cima do seu corpo, tendo cuidado para não a sobrecarregar com meu peso, além da altura, que era desproporcional em relação a sua.

A minha garota era pequena, delicada como uma verdadeira rosa do deserto.

Fechei os olhos e comecei a beijá-la. Minha. O meu lado faminto reverberou, tomando posse dos seus lábios, sugando e mordendo, tomando tudo para mim. Levei as mãos ao seu rosto, descendo até encontrar o monte de seus cabelos da nuca, trazendo-a cada vez para mais perto, não parando um segundo sequer de beijá-la com afincos, sede e com a paixão que nos queimava. Lidi era receptiva, retribuía, acompanhando-me nos movimentos, ainda que parecesse um pouco perdida. Era admirável que uma mulher como ela ainda não houvesse sido beijada por outro. Eu me sentia sortudo para caralho por ser o seu primeiro e seria em tudo pelo tempo que durasse, pois não havia nenhuma chance de deixá-la escapar.

Ela era minha.

Desci as mãos pelo seu corpo, parando na cintura e contive o desejo de avançar. Precisava ir aos poucos, ou a deixaria assustada com a minha intensidade. Por isso encerrei o beijo, para dar a devida atenção ao seu pescoço. Nunca me cansaria de apreciar o quanto era cheirosa, delicada, sua pele se arrepiava com um pequeno toque.

Desci a língua, lambendo e circulando em cima de sua veia visível. Seu murmúrio sôfrego me deu forças para continuar avançando, investindo em mordidas com um pouco de força até que a vi se contorcer. A minha garota estava ficando quente, aceitando tudo que lhe dava.

— Porra! Assim fica difícil me controlar, *agápi*. — Raspei os pelos da barba, desesperado, e voltei a deixar chupões, marcando-a como a porra da minha mulher.

— Minha nossa... Isso é... — perdeu-se nas palavras.

— Gostoso *pra* caralho, e pode ficar ainda mais — disse em um rosnado. — Tenho certeza de que a sua bocetinha deve estar pulsando e toda molhada. Estou certo, *agápi*? Me diz que se eu tocar com os dedos vou encontrá-la encharcada?

— Sim, sim... — repetiu e rosnei partindo para o ataque, beijando-a.

O meu controle havia evaporado com a sua resposta.

Devorei cada pedacinho da sua boca, desfrutando o seu sabor viciante. Minhas mãos percorreram seu corpo e pararam em cima dos seios, onde apertei suavemente. Queria afastar a maldita blusa do caminho, perder-me no verdadeiro paraíso que havia por baixo daquela peça. Porra! A minha garota se remexeu para o lado, vindo ao meu encontro, o meu pau nessa altura do campeonato babando

na cueca, duro feito pedra, mas não podia ir tão longe. Precisava me contentar com aquele pequeno aperitivo, o vislumbre perfeito do que em breve aconteceria, pois Lidianne seria completa e inteiramente minha.

— Tentação! Porra, eu quero tanto sentir o seu sabor e tocá-la.

— Afastei a boca a duras penas para murmurar rouco o meu verdadeiro desejo.

— Toque-me. Eu... Por favor — gemia, baixinho e perdida nas sensações.

— *Agápi*, porra. Esse é um caminho sem volta, ouviu? Se eu abaixar o rosto agora, não vou tirar a boca da sua boceta até vê-la gozando todo o seu mel.

— Eu quero tudo, por favor.

— Ah, garota, você vai ser inteiramente minha. Abra as pernas, deixe-me ver o que agora me pertence — soprei a ordem, afastando-me para me abaixar e ficar na posição que me dava acesso a sua intimidade. — Vamos, *agápi*, tudo, esqueceu?

Minha garota aos poucos obedeceu, abrindo as pernas, e fui para o ataque, descendo de uma vez o maldito moletom, junto com a calcinha. Tarde demais para ir com calma, peguei-a de surpresa e ela retrocedeu.

— Vou te dar tudo, *agápi*.

Meu olhar encontrou o que eu tanto ansiava. A sua boceta pequena, delicada como a dona, os lábios desenhadinhos e que me fizeram salivar de tanto desejo, doido para me faltar chupando-a sem parar.

Caralho. Aquilo tudo seria meu.

Precisei fazer um esforço para não fechar os olhos, perdido com a visão do caralho que era tê-la entregue, rendida em minha cama e tão minha. Não pensei muito, aquele momento ficaria gravado em minha cabeça, e caí com a boca, mamando. Deixei-a bem aberta, confortável, as pernas em volta do meu pescoço, minha boca não dando trégua a sua boceta deliciosa, lambendo seus líquidos que escorriam. Minha futura esposa por contrato estava sedenta, excitada demais, enquanto a minha língua circulava seu monte. E eu, alucinado com o quanto era receptiva e quente. Os pequenos pelos, claros como o tom de seus cabelos, ao redor da sua boceta lhe davam um charme, tornavam-na única, um completo manjar dos deuses feito sob encomenda para mim. Inspirei o cheiro feminino, chupando-a, circulando o ponto exato que a fazia se retorcer e se esfregar em meu rosto sem pudor.

— Gostosa. Você vai gozar tanto, *agápi*. Eu quero me fartar do seu mel.

Dei batidas com a língua no clitóris, levando um dedo a sua entrada intocável, pura. Com cuidado para não a machucar, fiz um movimento por cima antes de penetrá-la lentamente, sem ir além da sua barreira, o suficiente para lhe dar prazer. Continuei fodendo-a com a boca, mamando sem dó, a minha garota, com as mãos em volta dos meus cabelos, puxando com força, quase berrando.

— Apolo. Ah... Isso é muito bom. *Kyrios*, eu vou... — gemeu manhosa, alto.

— Sim, *agápi*. Goze para a porra do seu homem.

— SIM. — Rebolou na minha boca, encontrando logo em seguida o seu prazer, alcançando o ápice e molhando os meus lábios com o seu mel. — Apolo...

— Eu estou aqui e não vou te deixar — jurei antes de limpá-la lentamente com a língua, fissurado pelo seu sabor de mulher, querendo prolongar ainda mais o seu orgasmo, mas era tarde da noite, ela precisava dormir um pouco mais e descansar.

— Foi perfeito. Eu nunca pensei que poderia sentir algo assim — sussurrou.

— Agora durma, *agápi*. — Dei um último beijo em sua boceta. O amanhã nos reservava uma nova surpresa.



Capítulo 6

Lidiane Galani

A realidade me atingiu em cheio, como um soco, quando acordei com o clarão do sol entrando pela janela do quarto, mãos em volta da minha cintura, apertando-me, e foi assim que percebi onde estava. *Kyrios!* Nos braços do grego. Não somente isso, também havia dormido em sua cama depois do momento íntimo que tive antes de adormecer. Constatar aquilo tudo foi como levar um choque, pois eu não havia voltado para casa na noite anterior, nem

mesmo mandado alguma mensagem para a senhora que ficava com a minha irmãzinha. A culpa falou mais alto e foi o que me fez levantar, deixando Apolo ali, adormecido feito pedra e, ainda assim, *lindo demais*.

Parei um minuto para admirá-lo, o lençol o cobria até a cintura, o peitoral musculoso exposto, cabelos bagunçados, e cada pedacinho do seu rosto era como uma obra de arte desenhada nos mínimos detalhes, sem defeito algum. Eu ainda não conseguia acreditar que tinha ido tão longe com ele, permitindo-me ser por um momento mulher, sem reservas e sem me preocupar com rótulos. Foi especial no sentido mais amplo da palavra e eu podia jurar que, se fechasse os olhos, conseguiria sentir o movimento da sua boca em volta da minha intimidade, tomando tudo.

Lidi, pensa...

Fechei os olhos, contando até três, e caminhei em volta do quarto em busca do short de moletom e da minha calcinha, que não estavam no lugar quando acordei. Avistei-os em cima de uma poltrona ao lado da cama e agradei aos céus por estarem ali. Comecei a me vestir assim que as peguei, não me dando tempo algum para ir ao banheiro, pois precisava sair dali o quanto antes. Eu precisava voltar para casa, tinha responsabilidades e minha maior prioridade sempre seria a minha irmã. Aquela fora a primeira e seria a última vez que eu a deixava para viver uma aventura. Não que tivesse sido uma de fato, pois, tendo em vista o acontecimento trágico na boate, parar na cama desse homem nunca havia passado pela minha cabeça.

Eram tantas coisas para processar de uma vez, além do acordo. *Kyrios*, ele queria que eu fosse a sua esposa quase como

de mentira, ligados por um contrato e nada mais. Minha cabeça estava uma verdadeira confusão, eu precisava de tempo. *Não*. Precisava me afastar daquele homem de uma vez por todas, era a melhor escolha a fazer. Estava evidente que no final daquilo tudo seria eu a sair com o coração em mil pedaços, caso aceitasse assinar qualquer papel, afinal ele nunca seria capaz de me amar, não quando amava a sua falecida. A aliança brilhando em sua mão esquerda e as suas juras cobertas de mentiras.

Eu não era tão tola assim para acreditar nelas...

Calcei os sapatos e dei uma última olhada para ele, que continuava dormindo tão sereno. Abri um sorriso de lado, aquela seria a última imagem dele que gravaria com carinho em minha cabeça, pois não voltaria a vê-lo nunca mais.

Por um momento da noite me imaginei capaz de aceitar seu acordo vago, superficial demais, que visava apenas a interesses dele, mas o clarão do dia trouxe-me a saída que pedi antes de dormir em silêncio. Não podia aceitar participar daquele teatro, entregando-me para sair, no fim, quebrada. Era evidente que no meio do acordo eu acabaria me apaixonando por um homem que amava outra, que parecia mantê-la sempre viva em sua cabeça e por toda parte.

— Adeus — falei baixinho e caminhei até a porta; abri e saí de uma vez por todas.

Dei passos rápidos pelo enorme corredor, que parecia nunca ter fim, encontrando uma escada que julguei levar à porta de saída que ficava na sala. Não encontrei ninguém pelo caminho feito até lá e agradei aos céus por isso, mas, quando dei o último passo para a frente, ouvi uma voz doce, que me fez estagnar no lugar.

— Bom dia?

Quem era? Não tive coragem de encarar quem quer que fosse e permaneci parada. Lembrei-me da noite anterior, as palavras de meu anjo salvador acertando em cheio minha cabeça, era óbvio que Apolo ainda morava com os seus pais e aquela era...

Sua mãe.

— Oh, desculpe-me abordá-la dessa forma. Eu me chamo Luzinete, e você?

Finalmente tive coragem de encará-la, encontrando uma senhora sorridente, apresentável e usando trajes de quem acabara de vir de uma caminhada.

— Hã... Eu sou... — Mordi o lábio, a vergonha me consumindo. — Desculpa. Eu me chamo Lidiane.

— Você deve ser mais uma das *namoradinhas* do meu filho. — Fez um gesto com o dedo, com desdém. — Adônis sempre trazendo belas garotas para casa, mas devo admitir que estou surpresa com a sua presença, digamos que... tão cedo assim.

— Não. Eu não o conheço, senhora — tratei de responder, cortando-a. — Pode me ajudar a encontrar um táxi? Por favor, esqueci a minha bolsa no trabalho.

— Apolo, ai, meu coração. — Levou a mão até o peito e fiquei preocupada.

— A senhora está bem? Está sentindo alguma coisa? — Eu me aproximei dela.

— Oh, não. Nunca estive tão bem, por *kyrios*. Querida, você é mais que perfeita. — Seus olhos azuis se arregalaram e um sorriso largo brotou em seu rosto. — Me diga, querida, vocês estão namorando, é isso mesmo que estou pensando?

Eu estava ferrada.

— Dulce, coloque mais um lugar na mesa do café, temos uma visita especial esta manhã — continuou falando, ignorando-me em sua frente.

— Eu não posso ficar. Obrigada pela gentileza, mas realmente preciso ir — expliquei tentando soar educada.

— Sábado.

— O quê? — Franzi o cenho, confusa.

— Isso, querida. No sábado acontecerá um evento beneficente da nossa família e você é a minha convidada. Venha, vamos conversar mais sobre isso. — Aproximou-se e pegou em minha mão. — Um café e nada mais.

Céus, ela não parava de falar.

— Aham, obrigada, mas eu preciso ir... — tentei me esquivar do assunto.

— Claro. Um café e o nosso motorista te levará para casa, tudo bem?

Olhei para a escada, querendo que o Apolo aparecesse ali para me salvar.

— Tá, tudo bem então. — Suspirei fundo antes de forçar um sorrisinho sem graça.

O meu dia não poderia começar melhor.



— Lili, assim, ó — minha irmã tentou me ensinar mais uma vez como colocar a peça de quebra-cabeça no tabuleiro e eu apenas sorri, concordando com a cabeça.

— Quer dizer que a senhorita estava com... — Penélope, minha amiga, começou a falar e os meus olhos se arregalaram.

Por sorte, ela logo parou e gargalhou.

— Continue montando, Anne. Eu volto em um minuto, ok? — Aproximei-me para beijar o topo da sua cabeça, fungando o seu cheirinho antes de me levantar.

— *Taa* — respondeu, entretida no jogo.

— Me conta essa história direito, mocinha — Penélope insistiu.

Peguei na mão da minha vizinha, tirando-nos da sala onde a minha irmã estava sentada, no chão, brincando com um dos seus jogos favoritos. Parei com ela na cozinha e consegui soltar o ar preso nos pulmões. Fazia mais de duas horas que eu finalmente havia chegado em casa, depois de conseguir escapar da mãe do meu salvador. A mulher por um triz não me deixou seguir caminho, falando sem parar, mas no fim acabei sendo grata, porque ela pediu ao seu motorista para me trazer em casa.

Aquela propriedade ficava no ponto mais alto da Santorini e, mesmo que eu tentasse muito, nunca conseguiria encontrar uma parada de ônibus perto. Por sorte, minha irmã estava bem quando a encontrei e não perguntou nada sobre minha demora em buscá-la. É claro que o olhar desconfiado da senhora que cuidava da menina não passou despercebido, e eu lhe explicaria o ocorrido em outro momento. No entanto, não consegui fugir de Penélope, sua filha, que me aguardava curiosa para saber de todos os detalhes.

— Me conta essa história direitinho, garota.

— Não há nada para contar. É o que te falei... — Suspirei fundo. — Tive um problema na boate com um babaca tentando me assediar e o Apolo me ajudou. Ele percebeu que eu não estava muito bem e me levou para sua casa. Só isso...

— Só isso? — A garota franziu o cenho e gargalhou alto. Éramos melhores amigas desde sempre, tínhamos quase a mesma idade, mas Penélope era sem dúvidas uma mulher belíssima, alta, olhos verdes, cabelos cacheados e escuros. — Ah, não, fala a verdade. Não rolou nem um beijinho? Uma mãozinha boba?

— Penny, você deve estar me confundindo com uma daquelas suas amigas. — Encostei-me no balcão da cozinha. — É claro que não rolou nada, somos amigos e nada mais.

— Quem você quer enganar, garota? — Caminhou em minha direção, parando ao meu lado. — Eu te conheço de frente ao avesso e sei que, se está aí suspirando, você está caidinha pelo Apolo. Não é errado admitir que se sente atraída por ele.

— Errado até demais, Penny. Ele é casado — contei de uma vez. — Quer dizer, a esposa morreu, mas ele ainda é apaixonado por ela, e usa a aliança. — Lamentei, fechando os olhos por um segundo para abri-los logo em seguida.

— E o que mais? Hum? Só isso? — Tocou no meu ombro, para me chacoalhar com as duas mãos. — Acorda, garota, é só um pedaço de metal, um símbolo que não tem mais importância alguma; pelo que disse, a mulher dele morreu.

— Não é só isso. — Puxei a respiração até o fundo. — Não quero competir com alguém que mesmo morta parece viva em seu coração. Olha, eu só não quero me machucar e, ainda mais, tenho a Anne para cuidar.

— E isso nunca vai mudar, amiga. Você pode continuar sendo a irmã dela, como também a garota jovem que precisava viver, amar e se permitir ser amada.

— Ele me beijou — resolvi confessar de uma vez por todas. — E me tocou, *Kyrios*. — Eu me arrependi de contar, pois senti que estava ficando igual a um pimentão.

— Quente, me conta mais. — Sua gargalhada preencheu o ambiente, deixando-me um pouco mais descontraída em seguida. — Ele te fez... Bom, você sabe.

— Sim. — Levei as mãos até o rosto, cobrindo-o. A vergonha me matando. — Foi especial, diferente de tudo que um dia imaginei... Eu me senti mulher pela primeira vez.

— Um caminho sem volta, garota. O próximo passo é mil vezes melhor e você vai se perguntar sobre o porquê de não ter feito isso há muito tempo — ela disse, ainda rindo.

— Penny, eu não sei. Mais coisas entre nós são confusas, ele em si é intenso demais. Diz coisas com tanta convicção que por um minuto me permito acreditar que são reais, mas logo volto atrás, pois sei que tudo não passa de uma ilusão.

— Você nunca vai ter certeza sobre essas coisas se não tentar. Apenas viva. Se no final nada der certo, estarei aqui para te abraçar, chorarmos juntas e tomar sorvete no sofá.

Abri um sorriso largo e a abracei com força, Penny retribuiu com um afago.

— Obrigada por tudo — sussurrei, segura e confiante ao ouvir suas palavras.

— Agradeça fazendo um café forte, vamos, alimente a sua garota. Ah, e antes que eu me esqueça. — Afastou-se para procurar

algo no bolso da sua calça jeans, tirando dele um aparelho celular.
— Aqui, seu chefe mandou entregar suas coisas.

— Ex. — Peguei, agradecendo com um sorriso de lado. — Preciso encontrar um novo trabalho, pois depois do que aconteceu não há a menor chance de voltar para um lugar como aquele. — Toquei com o dedo na tela, desbloqueando, e franzi o cenho ao ver que tinha uma nova mensagem.

Não reconheci de quem era o número, que não estava salvo na lista.

“Você me deve uma resposta.”

— Ei, quem é? — Minha amiga, que estava do meu lado, questionou.

— Não sei — digitei uma resposta perguntando quem era e enviei.

Logo o celular vibrou com outra mensagem.

“Já me esqueceu? Fiquei magoado agora. Eu jamais ousaria esquecê-la, o seu cheiro e o seu sabor, que ainda posso sentir em minha boca.”

— Apolo — murmurei, quase me engasgando com o que tinha lido. — *Kyrios*, eu estou muito...

— Ferrada — minha amiga completou.

Eu realmente estava.



Capítulo 7

Apolo Makris

— Quer dizer que você lhe propôs casamento? Como assim?

— Sim, Adônis, foi exatamente isso que você ouviu. Fale mais baixo, porra — pedi grosso para o meu irmão, fazendo um gesto com a mão, pois nossos pais não estavam muito longe da beira da piscina, onde estávamos sentados.

Se Adônis se esforçasse um pouco mais era bem provável que os dois ouvissem a conversa.

— E queria que ela fizesse o que, senão fugir? Porra, irmão, você realmente está ficando velho. Não é dessa forma que as

coisas funcionam hoje em dia.

— O que queria que eu dissesse senão contar logo as minhas verdadeiras intenções com a garota? E sim, irmãozinho, estou ficando velho para essas bobagens de vocês, jovens — murmurei dando uma olhada ao redor, conferindo se ninguém por ali além dos empregados nos observava.

— Você não tem boas intenções com a garota, essa é a única verdade. — Deu um soco no meu ombro sem exercer força e por pouco não revidei. — Além do mais, agora que a mamãe viu a garota você não tem escapatória senão convencê-la.

— É o que estou tentando fazer nos últimos dias. — Suspirei fundo. — Ela não atende a nenhuma das minhas ligações e nem mesmo responde às mensagens.

— A sua garota precisa de tempo para processar tudo que aconteceu. Existem milhares de formas de propor um acordo de casamento para alguém, mas você usou a pior delas, por pouco não fodeu a garota, e ainda por cima fez um pedido vazio.

— A melhor escolha é deixá-la em paz.

— Assim, do nada? Logo agora que nossos pais começaram a acreditar que você está literalmente saindo da fase do luto, não pode desistir. Ouviu? Nós precisamos de você naquela merda de empresa, nada é mais o mesmo desde que...

Fechei os olhos por um minuto e o meu coração começou a ficar acelerado. Sabia exatamente a que ele estava se referindo, ainda que de forma implícita, sem querer tocar na minha ferida, ele estava ciente de que lá no fundo ainda me machucava. Desde o maldito acidente, a minha vida não era mais a mesma; abriu mão de tudo para me afundar na solidão, remoendo a culpa por estar no

volante do carro, onde perdi minha esposa. Eu não podia pensar nela e tratei de fazer o exercício, que junto das terapias intensivas me ajudava a ter um certo controle sobre a ansiedade.

Um, dois, três...

Contei repetidas vezes, em silêncio, até sentir que as batidas do meu coração desaceleravam. Minhas mãos dessa vez não tremeram como de costume e agradei em silêncio o efeito do remédio, que desempenhava o seu papel. Esperava em breve conseguir me ver livre daqueles comprimidos que comandavam a minha vida. Não que eu tivesse vergonha de fazer uso deles. Reconhecer a necessidade de ajuda não nos torna fracos como grande parte das pessoas costuma pregar. Isso nos torna humanos, que, apesar da condição mental, são capazes de lidar e superar.

Com o apoio da minha família, aquele foi o primeiro passo que dei depois de ficar meses trancado dentro de um quarto, ansiando pelo dia em que faria companhia a minha adorável esposa. Aceitar que precisava de ajuda não foi fácil, demorou, e por vezes eu quis desistir, permanecer na mesma bolha. Mas vejo que, depois de meses, observando os meus pequenos avanços diários, sem dúvidas foi uma das melhores escolhas. Ainda que uma parte estivesse presa às lembranças, a culpa que sempre iria me assolar e o amor por ela, que não morreria.

Ela.

Minha esposa.

Jamais.

Será?

Se fechasse os olhos, eu poderia senti-la ali ao meu lado e o seu perfume de flores. No entanto não tinha o poder de voltar no

tempo para mudar o que tinha acontecido e trazê-la de volta para continuarmos construindo a nossa família. Só podia lidar com a certeza de que aquela chance havia acabado com a sua morte. Para sempre. Meu presente era outro, e o futuro seria a pequena Lidi, que despertava o meu lado insano, primitivo ao me permitir tocá-la tão intimamente, desmanchando-se em minha boca. Naquela noite soube que não teria mais volta, eu a teria por completo, nem que fosse por um contrato com prazo de validade para acabar. Ela seria minha esposa perfeita, me daria de volta o acesso às minhas empresas, que foram tiradas pelo meu pai, e eu a tornaria a mãe do meu herdeiro.

Filho...

Eu realmente sou capaz de ir tão longe assim?

Antes de conhecê-la naquela noite na boate, meus planos eram outros para alcançar meu objetivo. A ideia principal era encontrar uma barriga de aluguel, comprar uma esposa de conveniência, mas nunca passou pela minha cabeça encontrar o pacote completo sem precisar dos métodos tradicionais. Meu coração poderia pertencer a outra, mas meu corpo pulsava de desejo pela pequena garota e não seria trabalho algum entregar-me sem reservas a Lidiane.

— Irmão, você está bem? — a voz grossa de Adônis trouxe-me de volta, em um rompante, da realidade paralela em que me encontrava perdido em pensamentos.

— Hum, sim. Desculpe-me, fiquei distraído por um minuto pensando no que você disse. — Engoli em seco, estendendo a mão para pegar a taça com suco. — Ela precisa de tempo.

— Que bom que você entendeu. Tempo ao tempo.

— Tempo — murmurei, dando um gole na bebida. — É a única coisa que não tenho. Fiquei tempo demais preso naquele maldito quarto, e agora tudo que quero é recuperar a minha liderança nos negócios, mas, sabe o que é pior nisso tudo? Ter que provar aos nossos pais que sou capaz de comandar a porra da minha empresa.

— Eu sei, irmão, mas não pode julgá-los por isso, você sabe o que eles viram.

— Deduziram, ouviu? Eu jamais seria capaz de atentar contra a minha vida. — Suspirei lamentando-me por dentro ao recordar daquele maldito dia.

O dia em que meus pais me encontraram na banheira do quarto submergindo na água. Esse trágico episódio acontecera pouco menos de um mês depois da morte de minha esposa, meus pensamentos estavam conturbados, a culpa me sufocando e por um momento desejei ser eu a morrer em seu lugar. Foi um baque para o meu pai me ver naquela situação, a minha mãe quase entrou em pânico e, desde então, eles não acreditaram mais na minha capacidade de tomar as próprias decisões sozinho. Tive que abrir mão de tudo, minha vida, largar a casa em que morava com a minha mulher para viver sob suas asas, onde tivessem acesso e domínio sobre as minhas escolhas. Como a porra de um maldito doente.

— Eu sei, porra, assim como sei que eles vão devolver o que é seu por direito — meu irmão tentou me tranquilizar, como vinha fazendo desde antes do acidente.

Ele era a única parte daquela família que não me enxergava como um fraco.

Fraco.

Doente.

Era duro ver que as pessoas, assim como os meus pais, me enxergavam daquela forma. A Lidianne era a parte pura em meio a minha sujeira, a única que me olhava além.

— Estou tentando acreditar que isso é possível, irmão. Você sabe como o nosso coroa é duro na queda e não acredita facilmente em uma mentira. — Dei mais um gole no suco, olhando ao redor e vendo que nossos pais se aproximavam.

— Convença-os da verdade, não importa o que precise fazer para conseguir.

— Farei o que for necessário — falei firme cortando-o, ao observar a minha mãe parar ao nosso lado.

— Meus meninos — Luzinete nos cumprimentou com o seu melhor sorriso. Nosso pai, que estava do seu lado, apenas acenou com a cabeça. — Querido, estava comentando com o seu pai sobre a sua namoradinha e o quanto ela é adorável.

Adônis trocou um olhar rápido comigo e precisei pensar em alguma resposta.

— Que bom, mamãe. — Eu me levantei, sorrindo sem graça mediante a situação constrangedora. — Estou indo vê-la agora mesmo, se me derem licença.

— Oh! Isso é perfeito — comemorou, não contendo a alegria. — Não esqueça de levá-la ao evento da nossa família. Faço questão de que vocês estejam lá.

— Quero conhecer a minha futura nora — foi a vez do meu pai falar.

— Irá conhecer, papai, disso não tenha dúvidas, até logo — respondi firme e passei por eles, ignorando o meu irmão, que quase riu, saindo de vez de perto.

Teatro. Não havia nome melhor para definir o que tinha acontecido. A única verdade em meio a tudo isso era o desejo desenfreado que eu sentia pela garota que iria fazer parte daquele circo e a minha vontade absurda de protegê-la de tudo. Esperava que ela entendesse a minha intensidade e que, apesar de querer lhe dar tempo para pensar, fazer a melhor escolha, eu não podia mais esperar. Não podia...



Uma hora depois eu me encontrava em frente à pequena casa em que Lidiene morava com a Anne, sua irmãzinha, depois de tomar um banho gelado e ficar apresentável para encontrá-la. É claro que foi uma atitude mal pensada, quase inesperada. Estava decidido a dar o tempo que ela tanto queria, mas, já que tinha ido tão longe, não poderia desistir e voltar para trás como um covarde.

Não sabia o que fazer quando estacionei o carro, saí e fiquei encostado na porta, decorando mil frases. Planejando o que diria, mas, como um adolescente, eu me encontrava nervoso.

Pensa, pensa...

Não era o momento para ter uma crise de ansiedade, mas eu também compreendia que não tinha domínio sobre isso. Acontecia naturalmente, despertada por gatilhos que disparavam de uma vez só. Eu esperava no final das contas encontrar a melhor saída. Meu olhar estava vidrado na porta quando a vi passando por ela,

parando um segundo para fechá-la e em seguida virar, encontrando-me com um único olhar.

Vi quando abriu a boca, os olhos piscando, perplexa com o que viu, e fechou rapidamente. Resolvi me aproximar em passos lentos para não a assustar mais.

— Lidi. Oi — cumprimentei.

— Apolo, o que você está fazendo aqui? — Girou a cabeça para o lado, como se estivesse procurando alguém.

— Vim te ver — fui sincero e sorri de lado. — Como você está?

— Bem. — Ela me olhou, dando uma mordida no lábio inferior.

— Muito bem.

— Isso é bom. — Porra, como queria ser eu a morder, tocá-la... — Vai sair? Ou?...

— Aham... Isso. Eu vou, sim — atrapalhou-se na resposta, entregando a verdade.

Ela estava mentindo na caradura.

— Eu estava passando por aqui e resolvi te ver — entrei no clima e menti também —, saber como está, já que resolveu não atender às minhas ligações desde aquela noite na minha casa — mencionei para provocá-la, vendo o momento exato em que ficou constrangida.

— Hum, eu precisava de tempo. Tempo longe de você. — Soltou uma lufada de ar e cruzou os braços. — Você me deixou confusa com aquela conversa de casamento. Nos conhecemos há menos de um mês e já veio com essa conversinha... Eu não sabia o que fazer, senão fugir para o mais longe possível de você.

— Não o suficiente, pois estou aqui mais uma vez — assegurei. — Eu quero você, Lidiane, e isso não mudou, mas, se a

sua resposta final for não para essa loucura, eu entenderei.

— Eu... não disse nada. Só preciso de um pouco mais de tempo.

— E eu não tenho mais trinta anos, *agápi*. Entendo que precisa pensar, mas deixe para fazer isso ao meu lado enquanto eu te provo que mereço uma chance. — Diminuí a distância entre nós, ficando tão próximo que senti o seu perfume mesclado com o cheiro doce dos seus cabelos molhados. — Uma chance é tudo que peço, deixe-me provar que isso não será só mais uma mentira.

— Vai partir o meu coração quando acabar. — Respirou fundo.

— *Agápi*, eu morreria antes de isso acontecer, acredite em mim. — Peguei em sua mão, levando até os lábios, onde deixei um beijo demorado. — Por favor.

— Apolo... — Piscou o olho e, quando separou os lábios para responder, a porta se abriu.

— Lili, você esqueceu o seu... — A pequena Anne surgiu e deu um passo para trás. — Polo. — Seus olhinhos verdes brilharam ao me ver e ela logo me abraçou.

— Pequena. — Eu me abaixei ficando a sua altura, retribuindo o gesto carinhoso. — Eu vim te ver e te chamar para tomar, qualquer dia desses, outro sorvete, hum?

— De chocolate com morango. Eu quero muito! — Afastou-se para dar um pulinho.

— Então o que acha de irmos hoje? Vamos? — fiz a proposta.

Lidiane ficou sem jeito, fuzilando-me com o olhar, e acabei rindo.

— Vamos, Lili. Vamos mesmo!! — não parava de pular.

A minha encomenda estava saindo muito melhor do que planejei.



Capítulo 8

Lidiane Galani

Um, *dois, três*. contei pela segunda vez enquanto girava em frente ao enorme espelho do meu quarto, analisando se aquele vestido era a melhor opção para ir a um evento conceituado como o que aconteceria em menos de horas na noite de sábado. Minhas tentativas de não aceitar participar daquilo tudo haviam ido para o ralo, pois Apolo estava determinado a não me dar escolhas. Não quando usara descaradamente a minha irmã para me convencer a

aceitar. O passeio na sorveteria havia sido muito mais que um pequeno momento de lazer, servira para me deixar ainda mais confusa quando se tratava do homem que roubava a minha sanidade.

Eu sabia que deveria me afastar de Apolo, não deixar espaço aberto para que ele invadissem ainda mais a minha vida, pois o resultado final estava em evidência para quem quisesse ver; eu quebraria o meu coração quando tudo acabasse. Mas, ao tentar cumprir com aquele desejo, eu me via voltando para a estaca zero, atraída pelo mistério que morava em seu olhar. Por trás daquela figura de homem poderoso, viril, trajando seus ternos luxuosos, havia uma sombra que não passava despercebida e que me atraía como o canto de uma sereia para a sua escuridão.

Kyrios! O que eu faria?

No final do passeio inesperado, Apolo nos trouxe de volta para casa e tentou mais uma vez, quase implorando de joelhos, me convencer a acompanhá-lo naquele evento, mesmo que, depois de tudo, a minha resposta para o seu acordo de casamento fosse não. Resolvi concordar, dar aquela última chance que eu julgava ser a melhor opção.

Ele foi embora revigorado, com um sorriso tão radiante que fez o meu coração se aquecer. Lembrei-me do quanto foi difícil estar tão próximo dele, conter a vontade de abraçá-lo, o seu olhar vez ou outra queimando sobre o meu. Eu tinha absoluta certeza de que, da próxima vez que ficássemos tão perto, meus conceitos sobre me afastar iriam todos cair por terra. Eu sabia que iria falhar miseravelmente.

A porta do quarto foi aberta, passando por ela a minha amiga e Anne.

— Uau! Está linda. Uma verdadeira princesa — Penélope comentou, parando ao meu lado. — Só está faltando um sorrisinho para ficar perfeito.

— Lili, um sorrisinho, vai. — Anne entrou no nosso meio e sorriu.

— O que vocês estão fazendo aqui mesmo? — Virei-me de lado para caminhar até a penteadeira e pegar o par de brincos que havia separado para usar.

— Nada, não é, Anne? — minha amiga respondeu e piscou para a pequena.

— É, tia. A gente só veio te dar um beijo, Lili. — Piscou os olhinhos sem parar.

— Aham, vou fingir que acredito, mas, já que estão aqui, sejam sinceras, o que acham desse vestido? — Fiz um bico, caminhando de volta para ficar em frente ao espelho, enquanto colocava a bijuteria na orelha. — Não está muito exagerado?

A minha escolha da noite é um vestido preto longo, modelo envelope transpassado, com fenda aberta na perna. Um presente deixado em minha porta um dia antes, e o remetente foi ele. Apolo. Quando recebi o embrulho, fiquei sem graça, quase não acreditando em sua ousadia, e por isso pensei duas vezes antes de usar. No fim me convenci de que era a minha melhor opção para a noite, uma vez que não tinha muitas outras. Mas eu não gostava de imaginar que ele estava se dando ao trabalho de tentar me agradar daquela forma e tive medo de que estivesse me moldando para estar a sua altura.

Insegurança.

Kyrios...

— Está muito sexy, vai deixar o grego de quatro aos seus pés — comentou, dando uma gargalhada. — Espero que tenha feito o trabalho completo, amiga, pois é bem provável que a sua noite termine... — não deixei que ela terminasse de falar, fazendo um barulho com a garganta.

Minha melhor amiga não tinha freio na língua. *Céus!*

— Tia, o que significa isso? — curiosa, Anne perguntou.

— Penny — alertei-a. — Acho melhor vocês irem, tudo bem? — Eu me abaixei para ficar na altura da minha pequena e beijei sua testa. — Não dê trabalho a sua tia, ok? Prometo que estarei de volta muito antes de você sentir a minha falta, pequena.

— *Tá.* Não demora, não. — Seus bracinhos envolveram meu pescoço e fechei os olhos, fungando o seu cheirinho doce de criança.

— Eu prometo, minha pequena. Juro juradinho — sussurrei tentando passar segurança para a minha menina, que apesar de tão pequena tentava entender.

— Vocês duas aí, podem se soltar. Anne, vamos deixar a sua irmã terminar de se arrumar. — Penélope murmurou quebrando o clima e acabei sorrindo; apesar do seu jeito atrapalhado, eu me sentia sortuda por tê-la, muito mais que uma amiga; irmã. — E você, garota, trate de aproveitar a sua noite, livre das regras e julgamentos.

— Obrigada, Penny, por tudo. — Dei outro beijo na minha menina, antes de me levantar e dar um abraço apertado na minha amiga. — Vejo vocês logo, logo.

— Ninguém vai sentir a sua falta, não é, pequena? — brincou, pegando a minha irmã nos braços. — Fala para ela.

— Vou sentir, sim, tia. — Bateu palmas e eu acabei rindo.

— Ah, não... Precisamos ter uma séria conversa, garotinha.

As duas continuaram interagindo e não demorou muito para que saíssem, deixando-me finalmente sozinha para terminar de me arrumar. Precisava finalizar logo o cabelo, fazer alguns cachos nas pontas dos fios e deixá-los soltos para trás. Não exagerei na maquiagem, fazendo algo básico, como já estava habituada, realçando um pouco mais os traços do rosto e os olhos, além do batom vermelho que usei para destacar um pouco os lábios.

Estava me sentindo linda, mulher, deixando a insegurança e o medo de lado.

Eu estava, cerca de trinta minutos depois, em frente a minha casa aguardando o grego, que havia avisado por mensagem estar a caminho. Conforme os minutos passavam, sentia-me cada vez mais nervosa e pensativa sobre o que aconteceria dali para a frente. Era nítido que um evento como aquele atraía milhares de pessoas e aparecer assim, do nada, ao lado do Apolo causaria uma repercussão, talvez eu ainda não tivesse me preparado para as consequências. Soltei uma lufada de ar, apertei os dedos da mão

direita, avistei um carro se aproximando e soube naquele minuto que era ele, o que me deixou ainda mais ansiosa.

O primogênito da família Makris parou o automóvel, saindo logo em seguida, e meus olhos se iluminaram quando encontraram os seus. Foi inevitável sorrir, sendo retribuída por ele, que caminhou a passos lentos em minha direção. Estava ainda mais belo, usando naquela noite um terno todo preto, cabelos bem alinhados e um relógio que se destacava em seu pulso, além da maldita aliança que nunca saía da sua mão. Um sabor amargo subiu pela minha boca e eu soube o que era; ainda que tentasse não me importar com aquele simples detalhe, era como se ela estivesse entre nós.

— Boa noite, Lidi — cumprimentou-me com o seu melhor sorriso. — Porra, você está perfeita, uma verdadeira obra de arte. Como se tivesse sido desenhada pelo melhor pintor do mundo. Livre de defeitos e imperfeições. A mais bela. — A palma da sua mão tocou o meu rosto e eu sorri sem graça.

— Minha nossa... Muito obrigada. Você também não está nada mal — brinquei, tentando entregar o quanto tinha ficado incomodada com o objeto no dedo.

— *Agápi*, sinto-me lisonjeado que me ache agradável para estar ao lado. — Traçou com a ponta dos dedos até meus lábios, fazendo círculos ao redor. — Minha bela tentação, preciso me controlar ou sou capaz de raptá-la para o mais longe possível, mesmo travando uma guerra com a minha mãe, que deseja vê-la.

— Oh, você não seria capaz de fazer uma coisa dessas. — Fiquei sem jeito com o peso no tom das suas palavras, ditas com tanta segurança e firmeza.

— Eu seria capaz de tudo para ter você só para mim. Nunca duvide disso, *agápi*.

Era uma verdade incontestável.

— Tenho certeza de que sim — murmurei, quase me esquivando. — Vamos?

— Sim, minha doce *agápi*. — Pegou em minhas duas mãos e levou até os lábios, deixando um beijo demorado. — Por ora preciso me contentar com isso, afinal para que pressa, não é mesmo? A nossa noite está apenas começando.

Concordei com a cabeça.

— Vamos. — Uniu as nossas mãos, conduzindo-me até o seu carro.

Apolo abriu gentilmente a porta, agradei com um sorrisinho contido e entrei, sentando-me no banco, tratando logo de colocar o cinto de segurança. Ele deu a volta em seguida e repetiu o mesmo processo.

Quando estava devidamente acomodado, olhou para mim de relance e abriu os lábios em um sorriso largo, que fez o meu coração se acelerar. Admirei o quanto estava belo usando aquele terno, completamente sexy, o seu olhar misterioso. O contato, porém, durou pouco, pois logo voltou a atenção para sua posição, ligando o carro. Não demorou e estávamos seguindo para a rota que levava até o evento de sua família.

O meu desejo era que tudo terminasse bem.

Durante todo o trajeto, o silêncio reinou, fiquei entretida observando as ruas da região, até que meus olhos pararam na propriedade luxuosa, repleta de carros estacionados em frente, e engoli em seco, constatando que havíamos chegado. Apolo parou

no lugar reservado e saiu em seguida, vindo logo me ajudar a sair. A porta foi aberta e travei por um segundo sabendo que não havia como voltar atrás, era tudo ou nada. Percebendo o meu nervosismo, Makris direcionou o olhar para mim transmitindo conforto, confiança, e a sua mão estendida me impulsionou a levantar.

— *Agápi*, está tudo bem. Serão apenas algumas horas e nada mais — tentou novamente me tranquilizar. — Eu estou com você.

— Aham — respondi, sem jeito, e dei uma olhada ao redor. — É tudo novo para mim... Eu nunca frequentei lugares assim.

— Preciso te contar um segredo. — Aproximou-se, posicionando as mãos ao redor da minha cintura, encostando o rosto em meu pescoço. — Eu odeio tudo isso... É mais um teatro da minha família para provar uma bobagem à sociedade. Não me importo com o que fazem, ou com o que as pessoas pensam sobre nós. Só tente relaxar, ok? Seja você mesma. — Afastou-se para beijar o topo da minha cabeça.

— Obrigada... Você não existe, Apolo.

— Ao vivo e em cores, eu estou aqui com você e pretendo não te deixar partir. — Desceu os lábios, encontrando os meus, deixando um beijo suave. — Nunca.

Fechei suavemente os olhos, abrindo-os em seguida, e sorri em resposta.

— Vem, vamos logo acabar com isso de uma vez por todas. — Pegou em minha mão, entrelaçando os nossos dedos, caminhando ao meu lado até a entrada.

Fomos recepcionados pelos seguranças, passando pela porta principal, e meus olhos se encheram avistando logo de cara o salão repleto das mais diversas pessoas, todas bem-vestidas, uma música

suave tocando ao fundo. Eu não pertencia àquele mundo, estava ali só para acompanhar Apolo, conforme a vontade de sua mãe, que fizera questão da minha presença desde o dia em que nos cruzamos em sua casa.

Não havia escapatórias. Seus pais estavam de prontidão nos olhando.

— Deus! Vocês vieram.

A mãe do grego caminhava em nossa direção e chamou a atenção de todos.

— Mamãe — Apolo foi o primeiro a responder.

— Minha querida, estou imensamente feliz por vê-la aqui com o meu tesouro — cumprimentou-me, parando em nossa frente. — Meu coração está explodindo de tanta felicidade. Sabe há quanto tempo meu filho não vem a um evento assim? Faz...

— Mamãe, por favor, hoje não — seu filho a impediu de continuar falando o que quer que fosse —, por favor.

— Oh, desculpe-me a indelicadeza, tesouro. Minha querida, aproveite e fique à vontade. — Seu olhar pairou sobre o meu. — Estarei por perto recepcionando os nossos convidados caso precise de alguma coisa.

— Muito obrigada, senhora Makris — respondi, apertando a mão do Apolo.

— Vamos, *agápi* — sussurrou, quase me puxando para o lado, sem aplicar força alguma, afastando-nos de sua mãe. — Entendeu por que não gosto de vir a esses lugares? Os meus pais são... — Exalou. — Complicados.

— Está tudo bem — foi a minha vez de tentar tranquilizá-lo. — Além do mais, eu até gosto dela. — Dei um risinho sem som.

— Estou surpreso. Renovou as minhas esperanças, *agápi*. — O grego parou em minha frente e sorriu. — Parece que agora eu tenho um por cento de chance a meu favor.

— Dois por cento, levando em consideração que a minha irmã é a sua maior fã — comentei. — Olha, é verdade o que falei naquela noite... Não quero machucar o coração dela, nem mesmo quero que Anne tenha conhecimento desse tal acordo de casamento.

— E eu reforçarei as minhas palavras. Uma promessa, *agápi*. Eu seria incapaz de machucá-las, nunca, guarde bem essas palavras. Eu meio que já amo aquela garotinha como se fosse minha. — Aproximou-se, a respiração ofegante era nítida.

— Sua? — a minha voz saiu entrecortada, não conseguia acreditar em suas palavras.

— Sim. Uma família sob encomenda — murmurou rouco, pegando-me de surpresa.

Mal tive tempo de responder, pois a sua boca tomou a minha em um beijo.



Capítulo 9

Apolo Makris

Um erro. Beijá-la na frente daquelas pessoas do salão fora como tomar um caminho sem volta. Sabia que iriam parar para olhar, que despertaria burburinhos e comentários nos grupinhos, mas não poderia deixar que a minha garota escapasse, queria que sentisse o peso das minhas palavras e o quanto eram verdadeiras. Um erro com sabor de perigo, mesclado com o desejo de tirá-la dali o mais rápido possível; mas ainda não era o momento certo. Mesmo que quisesse, com todo o meu coração, que Lidiene aceitasse o acordo, aquele outro passo precisava ser traçado com cautela,

paciência para que ela entendesse de uma vez por todas que eu a queria muito além do sexo, o pacote completo.

Ela e sua irmãzinha.

Porra. Eu já amava aquela pequena garota. Sim, como se fosse a minha filha. Eu sabia que era errado demais pensar daquela forma em relação à pequena, com tanta intensidade, mas não tinha ido tão longe para desistir no meio do caminho. O desejo de ser pai estava enraizado desde a época em que eu era casado, aquela vontade sempre reverberou, mas o sonho morreu no ventre junto com a minha esposa. Desde então não passava pela minha cabeça dar continuidade a ele, até que nasceu a ideia de contratar uma barriga de aluguel. No entanto, esse plano foi por água abaixo com a chegada de Lidiane em minha vida. A mãe do meu bebê.

Ela só ainda não tinha conhecimento disso...

Errado demais...

Não queria pensar naquela outra parte do acordo, pois não era um momento conveniente. Sobretudo quando a minha boca tomava a dela, saboreando seus lábios pequenos, doces, macios e que me desestabilizaram por inteiro. Precisei me conter, abster-me de satisfazer o desejo que me incendiava por dentro para não protagonizar uma cena que a deixaria desconfortável; para alguns seríamos apenas um casal apaixonado e nada mais. Encerrei o beijo a duras penas e levei a mão até seu rosto, acariciando-a com gentileza, observando quando abriu os olhos, tão corada.

Tão linda.

Tão minha.

— Desprezível! Como tem coragem de fazer isso, Apolo?

Aquela voz era inconfundível. A mãe da minha falecida esposa. Peguei na mão de Lidianne, passando-a para o meu lado, e respirei fundo antes de responder.

— Margareth. É bom te ver de novo. — Dei um sorriso cínico e forçado.

A nossa relação desde o casamento com a sua filha não era das melhores, nada amigável. E aquilo não havia mudado, nem mesmo depois do maldito acidente que fez a megera me odiar ainda mais, culpando-me por tudo que aconteceu.

— Já eu não posso dizer o mesmo sobre você. Quem é essa garota? Alguma coitadinha para quem você está fazendo caridade? Ah, esqueci que é por esse mesmo motivo que estamos aqui, não é? — soltou o seu veneno sem dó.

— Apolo — a voz doce de Lidianne me fez travar no lugar.

Eu precisava tirá-la de perto daquela mulher.

— Respeite-a, Margareth. Tenha um pouco de bom senso nas suas palavras — respondi, virando-me para olhar para minha garota e beijar o seu rosto.

Vai ficar tudo bem... — soprei as palavras sem emitir som algum.

— Ah, desculpe-me por estar fazendo justiça à alma da minha filha. Esqueci que você nem mesmo se importa, tanto que esqueceu o quanto ela amava este evento, o quanto se esforçava para deixar tudo impecável. Aliás, sua presença aqui hoje com outra mulher ao seu lado responde o que eu sempre soube. Você nunca foi capaz de amá-la.

— Não volte a repetir uma coisa dessas, ouviu bem? — Precisei me afastar um pouco de Lidianne para tomar fôlego e

responder a minha ex-sogra. — Nunca mais volte a dizer que nunca a amei, pois não houve um maldito dia sequer que não desejei voltar no tempo e mudar a porra daquela direção, só para tê-la aqui...

— Não é o que os meus olhos estão vendo, Apolo. Não foi o que todas as pessoas que estão aqui hoje presenciaram — ela continuava a tocar na minha ferida.

— Apolo, eu... vou deixar vocês conversarem sozinhos. Foi um erro aceitar esse convite — minha garota sussurrou e observei-a se afastar aos poucos.

— Por favor, não. Fique aqui — pedi em um murmúrio.

— Isso, vá garota. Aqui não é lugar para receber pessoas como você — proferiu sua última dose de veneno, observando o meu futuro correr entre as pessoas.

Escapando novamente pelas minhas mãos.

— Faça um favor para si mesma se não quiser ser retirada pelos seguranças à força. Nunca mais pise neste salão, em minha casa ou chegue perto da minha família, ouviu bem? É uma promessa, Margareth, eu hoje, agora, te desprezo — decretei com aquelas palavras duras, sentenciando-a perante todos que olhavam.

— Faço das palavras do meu filho as minhas, vá embora. Saia daqui. — A minha mãe apareceu, tomando a frente, e logo em seguida veio o meu pai com meu irmão. — E você, querido, vá atrás da sua garota, traga-a de volta, pois aqui é seu lugar.

Não precisei pensar duas vezes, respirei fundo e saí correndo no meio de todos. O decoro e todas as malditas regras foram para o espaço. Eu precisava encontrá-la.

Ah, garota...

Quando passei pela porta, encontrei-a em frente ao carro com as mãos na face.

— Lidi — minha voz saiu abafada e caminhei em sua direção.
— Lidiane.

— Não... Eu só quero ir embora, por favor. — As lágrimas banharam o seu rosto. — Não aguento mais. — O soluço escapou pelos seus lábios, quebrando-me.

— *Agápi*, por favor, não. — Tentei tocá-la, trazê-la para os meus braços. — Não imaginei que algo assim pudesse acontecer. Não acredite em uma palavra que aquela mulher falou, por favor. Você é especial, única... A minha garota.

— Não, pare de tentar me deixar ainda mais confusa. — Fez menção de se afastar, mas não permiti, abraçando-a com afinco. — Por favor.

— Não posso te deixar, *agápi*... Nunca. Não posso deixar que aquele ser humano desprezível estrague o que estamos construindo. — Beije o seu rosto várias vezes, não me importando com o gosto salgado das suas lágrimas. — Não importa o que aconteceu no meu passado, você é o meu futuro.

— Não, não, não... Você ama a sua esposa e disse isso com todas as letras. O que você quer, hum? Me deixar maluca com essas juras cobertas de mentiras? Se é, está conseguindo, pois me sinto perdida e à beira de cair em um poço profundo.

— *Kyrios*, jamais, *agápi*. Jamais, ouviu bem? Não volte a repetir uma coisa dessas. — Segurei com as duas mãos em seu rosto, encostando minha testa na sua. — Eu quero você, garota, e não importa quantas vezes vou ter que repetir. Eu quero você.

— Quero ir para casa — sussurrou e os nossos lábios roçaram.

— Vou te levar para a minha casa, vai tentar descansar e esquecer o que aconteceu dentro daquele salão, depois vamos conversar de uma vez por todas. — Dei um último beijo em sua testa. — Uma chance é tudo que peço.

— Não vou dormir com você dessa vez.

— Não estava em meus planos, *agápi*, mas, se é o que quer, tudo bem. Agora vamos daqui. — Afastei-me para chamar o vigilante de transporte que estava parado à porta do salão, e ele veio ao meu encontro, entregando-me as chaves do meu carro.

Conduzi a minha garota até o meu automóvel e destravei a porta para que entrasse.

— Quer ligar para sua irmã ou deixar algum recado? — perguntei, enquanto a ajudava a colocar o cinto de segurança, e dei um beijinho rápido em seu rosto molhado.

Vê-la tão vulnerável me quebrou.

— Não. A esta hora ela já deve estar dormindo — respondeu, recostando-se no banco do passageiro. — Vou só mandar uma mensagem para a Penny.

— Hum. E essa supponho que deve ser? — perguntei, um pouco curioso e na tentativa de fazê-la se distrair, então dei a volta para me acomodar no carro.

— Minha amiga, é quase como uma irmã. Ela é filha da minha vizinha, sua mãe me ajuda a cuidar da Anne quando preciso trabalhar ou sair para algum lugar.

— Bom... Conte um pouco mais sobre isso.

— O que quer saber?

— Tudo que quiser me contar, *agápi*. — Olhei-a de relance e dei a partida no carro.

— Ok, então. A minha cantora favorita é a Adele...

Apesar do que tinha acontecido uns minutos atrás, vê-la se soltar aos poucos acalmou o meu coração. Por sorte os gatilhos que me deixavam agitado, ansioso, não foram despertados na discussão com a mãe da minha falecida esposa e pela primeira vez consegui sair de uma situação constrangedora sem ter um surto. O primeiro passo havia sido dado e esperava encontrar a cura o quanto antes, julgava que o motivo principal por aquilo se tornar real era mérito de Lidianne. Saber que ela precisava de mim, que eu a protegesse da maldade humana, fez com que tivesse forças por nós dois, coragem para enfrentar o medo.

Tudo por ela.



— Fique à vontade. Vou preparar a banheira.

Toquei com a ponta dos dedos no rosto de Lidianne e ela correspondeu dando um sorriso. Fazia pouco menos de trinta minutos que havíamos chegado a minha casa. Eu continuava na mansão dos meus pais, mas fazia parte dos meus planos encontrar um novo lugar para morar, assim que a minha garota concordasse em assinar o acordo, que seria redigido com uma palavra sua. Durante todo o caminho feito, Lidianne permaneceu quietinha em seu

canto no banco, mas bastou o carro parar em frente à propriedade para que relaxasse um pouco mais.

Eu sabia que a noite não havia começado nem um pouco bem e passar por uma humilhação no meio de todas aquelas pessoas da alta sociedade era demais. Meu maior desejo era poder voltar no tempo e reconstruir suas memórias, tornar aquele momento inesquecível para ambos. Afinal, era um evento que beneficiava a classe mais carente, e, apesar de não participar nos últimos anos, eu sabia o quanto minha mãe, assim como a minha esposa antes de falecer, prezava-o, elas davam tudo de si para que fosse um sucesso. E era uma das causas mais nobres que os que tinham mais condições podiam fazer pelo próximo; ter empatia e ajudar.

— Não vou a lugar algum — minha garota sussurrou.

Acenei em concordância com a cabeça. Tirei aos poucos o meu terno, deixando-o sobre a cama, ficando com a blusa social e os botões abertos. Caminhei para o banheiro, deixei a porta aberta e fui preparar o seu banho com sais aromáticos. Se tudo tivesse começado da maneira mais errada, estava determinado a finalizar a nossa noite da melhor forma possível, mesmo que não fosse com outras intenções.

Eu cuidaria do meu anjo.

Agápi.

— Hum. Precisa de ajuda? — Surgiu na porta, e olhei-a de relance.

— Não. Hoje eu vou cuidar de você. — Deixei a banheira se enchendo e caminhei em sua direção. — Se aproxime um pouco mais, *agápi* — pedi carinhosamente.

Ela veio em passos suaves e abracei-a logo.

— Perfeita. Essa noite você estava belíssima, *agápi*. Todos os dias você é, preciso ressaltar — soprei as palavras e desci com a mão pela sua cintura à procura de algum zíper para tirar o seu vestido. — Não fique com vergonha. Eu vou cuidar de você — sussurrei, vendo-a fechar os olhos. — Não os feche, eu quero vê-los. Desde aquela noite são eles que estão iluminando a minha escuridão.

— Apolo, você não pode falar assim, eu vou começar a acreditar que é verdade.

— *Agápi*, essa é a verdade. — Olhei dentro dos seus olhos. — Se vire, por favor.

E assim fez, e controlei-me ao máximo para não olhar demais para suas curvas.

— Vou tirar a sua roupa. Confie em mim, estou aqui com você. — Dei um beijo em seu ombro e aos poucos fui escorregando a peça do seu corpo. — Afaste as pernas.

Kyrios. Era demais. O seu cheiro convidativo me deixa inebriado. Controle-se!

— Perfeita. A minha obra de arte. — Tirei por fim o vestido com sua ajuda, descobrindo que a garota não usava sutiã.

Porra. Mordi os lábios, continuando a tirar a última parte, sua calcinha correu com facilidade pelas pernas.

Lidiane se virou, encarando-me, e fez o que eu não esperava, beijou-me.

A porra do meu controle desmoronou.



Capítulo 10

Apolo Makris

Perigoso.

Viciante.

As minhas armaduras caíram por terra, restando apenas o desejo de devorar cada pedacinho daquela pequena boca faminta, que me tomou como sua propriedade. Lidiene havia feito a pior escolha de todas naquela noite ao me beijar quando eu a tinha nua, onde os meus braços a alcançaram, e podia tomá-la ali para mim. Todo o meu controle evaporou no instante em que senti seus lábios

nos meus, *tão minha*. O seu sabor doce, único, fazendo com que a minha sanidade se diluísse no ar.

Desejo.

Tão minha.

Agarrei-a pela cintura, passando suas pernas em volta dos meus quadris para que tivesse apoio. Encurrelei a minha garota contra a parede do banheiro e parti logo em seguida para o ataque, sugando seus lábios e mordendo-os com força. Suas mãos subiram pelo meu cabelo, passando as unhas suavemente, arrepiando-me todo. Até que desceu para o meu rosto, roçando a cicatriz que, apesar da maldita recordação que aquilo trazia do acidente, não incomodava nem um pouco. Lidiane, por sua vez, também não se importava. Não quando me tocava carinhosamente, sem julgamentos, como se estivesse ultrapassando a minha escuridão, tocando na alma, enxergando o lado bom que ninguém era capaz de ver. E isso a tornava ainda mais perfeita, feita sob encomenda e na medida exata.

— Ah, garota. — Mordisquei cada pedacinho de seus lábios, afastando-me aos poucos e a duras penas, levando a minha boca até o seu pescoço exposto. — Olha o que está fazendo comigo, *agápi*. Preciso que me faça parar ou te farei minha.

— Apolo, eu... Eu quero você — murmurou em um gemido sôfrego.

— Não, *agápi*. *Eu quero você*. — Envolvei sua nuca com a mão, puxando com cuidado os fios do seu cabelo, deixando-a ainda mais entregue, à minha mercê, e dei uma mordida forte na sua pele. — Preciso de você. Mas essa é a sua primeira vez e não pode

acontecer assim. — Raspei o nariz, fungando o seu cheiro antes de afastar a boca e olhar em seus olhos.

— Não me importo com essas coisas, Apolo. Desde que seja com você, tudo será perfeito — minha garota respondeu, descendo suavemente os dedos por cima da marca em meu rosto, provando mais uma vez o desejo que se sobressaía além das minhas imperfeições. — Você é a minha escolha.

— Essa é a sua última palavra? — Olhei-a fixamente, quase arfando ao sussurrar.

— Sim. Essa é a minha escolha — disse tão firme, vindo logo com a sua pequena boca ao meu encontro, tomando-me novamente como seu, levando-me ao delírio.

Ah, porra.

Tarde demais, garota.

E eu sabia que havíamos ultrapassado a última linha. Assinado nossa sentença.

Eu me perdi no seu sabor tão puro, apaixonado, no quanto sua boca e a minha se encaixavam, se completavam na sintonia perfeita de uma música, em busca de mais e mais. Tomei tudo pelo caminho, captando até o mínimo detalhe dos seus lábios, os seus murmúrios baixinhos. Entre um movimento e outro, gravava cada momento, querendo nos tornar em um só e prendê-la para sempre em meu enlace. Eu não me lembrava da última vez que tinha experimentado essa sensação que me queimava por dentro, coração batendo acelerado, borboletas no estômago e o desejo vivo, crescendo quando sentia o calor do seu corpo tão próximo do meu.

Mas era sua primeira vez, e eu teria que ir com calma, porra, eu precisava.

— *Agápi*, vem — falei assim que encerrei o beijo, colocando-a no chão, e ela fez um biquinho sexy que me fez rir. — Temos a noite inteira. — Beije sua testa.

— A noite inteira parece tentador. — Passou a língua nos lábios e caminhou até a banheira em passos lentos, dando-me a visão perfeita do seu corpo e sua nudez.

Em toda sua plenitude e beleza feminina. Observei-a dos pés à cabeça, admirando o quanto era bela, sexy, a bunda empinada, redondinha e que merecia umas palmadas. Os seios, ainda que pequenos, eram os mais belos, perfeitos para a minha boca, que ansiava pelo momento em que os iria sugar com força, marcando-a. A minha garota virou-se, dando-me um sorriso meigo, e o meu olhar desceu logo para a sua barriga. Senti meu peito se inflar ao imaginar que ali, em breve, seria gerado o nosso bebê. Mas precisei afastar aquele pensamento e me concentrar no meu manjar; sua boceta, coberta por alguns pelos discretos, fez a minha boca salivar.

— Apolo — sua voz doce chamou a minha atenção.

— Gostosa. — Foi a única coisa que consegui sussurrar antes de ir ao seu encontro. — Fica difícil te ver assim e conter o desejo de me abaixar para cair com a boca nessa boceta deliciosa. — Envolvi as mãos em volta da sua cintura e deixei um beijo demorado em seus lábios. — Mas agora vou cuidar de você.

— Quanta gentileza. — Deu um risinho de lado.

— Ah, *agápi* o que pretendo fazer não é nada gentil. — Desci com a mão até sua bunda, matando o desejo de apalpá-la. — Entre

logo, antes que eu mude de opinião e te leve de uma vez por todas para a cama.

— Você não ousaria — brincou, afastando-se para colocar uma perna na água e aos poucos ir entrando. — Não vai me acompanhar?

— Estou bem aqui com você, *agápi*. — Foi a minha vez de me despir, tirando aos poucos a roupa, sob seu olhar curioso, e ficando apenas com a cueca boxer.

Descartei os sapatos junto com as peças no canto reservado do banheiro.

— Quentinha, hum — ela comentou entretida, percorrendo o corpo com a mão. E desejei que ali naquele instante fossem as minhas tocando-a. — Vem?

— Hoje não, *agápi*. — Eu me aproximei, para me sentar na borda sem me molhar, onde tinha livre acesso ao seu corpo para fazer o que tinha em mente. — Se aproxime, por favor — pedi e ela veio de mansinho, ficando logo entre as minhas pernas.

— Sabe que tenho um pouquinho de força para te puxar, não é?

— Nunca duvidaria disso, *agápi*. Mas, se ousar fazer isso, terei que te punir com umas palmadas na bunda — sussurrei em tom ameaçador, descendo as mãos pelas suas costas, fazendo uma leve massagem. — Prenda os cabelos — lembrei-a.

— Mandão. — Acabou rindo, mas fez o que lhe sugeri. — Obrigada por lembrar.

— É tudo sobre você, *agápi*. — Molhei um pouco as mãos, colhendo o sabão líquido dissolvido na água para passar em sua

pele até parar em volta dos seios, onde dei a devida atenção, massageando-os um por um.

— Minha nossa... Hum. — Relaxou ao inclinar a cabeça para trás.

— São perfeitos. Olha como cabem em minhas mãos, feitos na medida certa. Ah, porra. — Apertei com o dedo o bico intumescido, revezando, esfregando-os por cima e com força. — Vire-se para mim, *agápi*. Preciso senti-los na minha boca.

— Apolo... Como você consegue me deixar assim? — sua voz saiu entrecortada, quase abafada.

Lidi, contudo, me obedeceu, entregue às sensações, ficando em minha frente, a espuma da banheira desenhando as curvas do seu corpo.

— Veja você, com os próprios olhos. — Mordi os lábios e levei a mão livre até o meu pau, duro feito pedra, querendo tomar a sua boceta de uma vez. Apertei-o por cima da cueca, mas ele teria que esperar um pouco mais. — Sentirá o quanto te desejo, mas agora vou provar do meu manjar favorito. — Agarrei-a pela cintura, atacando os seus mamilos com a boca e mamando com força.

— Ah... — Minha garota contorceu-se para o lado e controlei-a no lugar, conseguindo o acesso, controle para me faltar em seus seios, chupando-os sem parar.

— Quero todos os gemidos. — Dei mordidas, até vê-los vermelhinhos, marcados, e deslizei a mão até o meio de suas pernas, afastando-as para levar à boceta. — Ah, *agápi*... Tão minha. Se encoste na banheira e empine sua bunda.

Seu olhar encontrou o meu, envergonhada pelo meu pedido, e mantive a boca em seus mamilos durinhos, passando a língua em

volta das suas auréolas.

— Agora, *agápi*. Eu quero foder a sua boceta com a minha boca, deixá-la pingando para receber o meu pau. Você não quer, hum? — murmurou rouco.

— Eu quero. — A sua entrega verdadeira me deixava ainda mais insano.

Toda sua timidez e pudor foram deixados de lado. Fitei cada movimento seu, ao ficar de costas e me dar acesso à visão da sua bunda e boceta expostas.

— Ah, porra. Se segure, *agápi*, pois eu não vou ter dó desse banquete. Vou lambar até a última gota. — Fui ao seu encontro e com a mão bati em sua bunda.

Avisei, separando com os dedos os lábios da sua vagina e dando batidinhas com o indicador. A carne durinha pulsando, os rastros de lubrificação, e tão rosadinha, quase me fazendo gozar na cueca. Mantive-a aberta e caí com a boca, passando a língua em volta do seu clitóris, esfregando o nariz. Estava perdido no seu cheiro de mulher, que se entregava sem reservas enquanto descobria o lado quente do prazer. Chupei sua boceta lentamente para provocá-la, mas logo aumentei as investidas, vendo-a ficar molhada demais, despejando o seu sabor na minha boca. Levei um dedo até sua entrada apertadinha, penetrando com cuidado e sem ultrapassar.

— Gostosa. Você foi feita para mim. — Bati com a língua em sua intimidade, meu dedo ganhando espaço, fodendo-a com lentidão. — Quer o meu pau, *agápi*?

— Ah... eu. Sim — gemeu manhosa em resposta. — Eu quero o seu pau.

— Boa garota. Vou te dar tudo, *agápi*. Ele é seu. — Fiz movimentos de vai e vem, adicionando mais um para ganhar espaço em sua boceta. — Me dê o seu prazer, molhe os dedos do seu homem, eu quero beber todo o seu mel.

— Aham. Apolo! — gritou alto, alcançando o seu prazer e gozando.

— Deliciosa. — Passei a língua nos lábios para beber cada gota, deixando-a limpa.

— Minha nossa... Isso foi... — sussurrou em um gemido manhoso — quente.

— A noite está apenas começando, *agápi*. — Dei um beijinho suave em sua boceta, para subir até encontrar o seu pescoço, onde deixei uma mordida. — Vou levá-la para a cama e te fazer minha mulher. E, se não quiser, essa é a hora de desistir.

— Eu quero ser a sua mulher — sua resposta me quebrou em mil pedaços.

Minha.

— De todas as formas possíveis — completei, virando-a para mim, e sorri.

Saí primeiro da banheira para tirá-la, carregando-a em meus braços sem me importar de molhar o chão e a bagunça que ficaria. Era tudo sobre ela. Caminhei com a minha garota de volta para o quarto, parando em frente à cama, e coloquei-a no centro, afastando-me para admirá-la um pouco mais. Tão linda.

— Essa também vai ser a minha primeira vez depois de anos adormecido. Não sou merecedor desta dádiva, de te ter e te fazer a minha mulher. — Fui ficando por cima do seu corpo, sem exercer peso sobre ela. — Mas, sou egoísta e não quero recuar, quero te

fazer toda minha, meu pau quer tomar a sua virgindade. — Acariciei seu rosto com a palma da mão suavemente. — Estou limpo, saudável e com meus exames em dia. Você confia em mim, *agápi*? — sussurrei tirando a cueca.

— Sim. Eu confio em você. — Um sorriso iluminou o seu rosto.

Abri com cuidado suas pernas, levando meu pau até sua boceta molhada. Rocei a cabeça em sua entrada, contendo-me para não ir de uma vez, controlando o meu lado animal, que queria fazê-la minha com fome e desejo. Forcei um pouco, penetrando-a devagar até alcançar a sua barreira.

Minha mulher.

As lágrimas banharam o seu rosto pela dor do rompimento, encostei minha testa na sua, espalhei beijos carinhosos em sua pele tentando aliviar e, se pudesse, transferiria aquele desconforto para mim, o que era impossível. Jurei ali em silêncio que aquela seria a última vez que a minha mulher chorava em meus braços; pelo tempo que iríamos viver juntos, estaria disposto a sempre lhe proporcionar os melhores momentos.

— Desculpe-me, *agápi*... Essa é uma dor inevitável. Jamais voltará a senti-la novamente. Eu juro com todo o meu coração. — Segurei em seu rosto e beijei-a.

Aos poucos fui sentindo-a relaxar, meu pau ganhando espaço e sendo acomodado.

O encaixe perfeito.



Capítulo 11

Lidiane Galani

Eu havia feito uma escolha e era tarde demais para voltar atrás.

Sentia-me cheia demais, completamente preenchida, a dor da minha pureza sendo rasgada ao meio pelo mastro enorme do homem que roubara todo o meu fôlego, tornando-me enfim a sua mulher. Aos poucos o desconforto em minha intimidade foi se amenizando conforme eu relaxava em volta do seu pau. Apolo me

tocava com a palma da mão, acariciava o meu rosto e beijava-me com idolatria. Eu sentia como se tivesse ganhado um prêmio, pois ele se mostrava paciente, dedicado e carinhoso.

O pacote completo.

E não tinha como voltar atrás...

Havíamos nos tornado um só...

Minhas emoções ainda estavam afloradas, a confusão que havia acontecido no salão horas atrás com a ex-sogra dele ainda se fazia presente em meus pensamentos. Era quase impossível apagar da minha cabeça o remorso pelo que acontecera, o sabor amargo do desprezo, mas me esforcei para afastá-los, ignorar aquilo pelo restante da noite; o novo amanhã que chegaria me traria uma solução e respostas. Decidi fechar os olhos para as incertezas, o medo de ter o meu coração partido, aceitei viver, escolhendo entregar-me de corpo e alma ao Apolo.

Minha melhor escolha.

Ainda que fosse errado demais...

— *Agápi*, vou começar a me mover, ok? *Kyrios*, tão apertada, quente — disse em um rosnado, afastando a boca dos meus lábios, encerrando o nosso beijo para tirar seu pau da minha boceta e vir logo em seguida com tudo.

Acabei fechando os olhos pela invasão e soltei um gemido baixinho.

— Ah, que boceta quente... O meu mais novo lugar favorito do mundo. — Ele desceu com as mãos pelo meu rosto, mantendo-as em volta da minha cintura, e deu uma sequência de estocadas, fundas e fortes, arrancando-me pequenos gritinhos.

Eu me sentia uma completa devassa, livre dos julgamentos, entregue à luxúria, ao momento, desejando tê-lo ali dentro para sempre, tomando tudo de mim. Os sussurros roucos, declarando com vigor o quanto eu era sua, e eu conseguia sentir, no fundo, o quanto aquilo era verdade. Era cedo demais para afirmar com todas as letras, mas sentia que se tornava cada vez mais real; eu estava começando a me apaixonar pela sua intensidade, seu jeito supremo e obscuro. Sentia-me como se fosse dele, nossas partes quebradas se encaixassem, e era questão de tempo até que o meu coração fosse sua propriedade. Aquela guerra de sentimentos começou com uma proposta nada convencional, finalizando conosco ali, em cima daquela cama.

Eu era dele.

— Tão minha... Ah, caralho. — Senti sua boca parando em meu pescoço, raspando os pelos da barba rala, e começou a chupar, deixando-me arrepiada e molhada.

Movi a cintura ao encontro da sua, na tentativa de provocá-lo, querendo senti-lo mais fundo, ignorando o fato de que minutos atrás a dor era intensa, o seu pau ganhando cada vez mais espaço em minha boceta, ganhando impulso para me foder com afinco, fundo e bruto. Inclinei a minha cabeça para o lado dando-lhe livre acesso para me tocar, sugar a minha pele, e gemi seu nome próximo ao seu ouvido.

— Ah... Isso, *agápi*. Quero ouvi-la gemendo o meu nome, tomando tudo. — Foi afastando os lábios do meu pescoço e parou em cima dos meus seios. — Olhe nos meus olhos, gostosa... Veja o que faz comigo. O quanto me deixa descontrolado, ansiando passar a noite dentro da sua boceta.

— Sim... — murmurei, esforçando-me para manter o olhar no seu, desci com a mão para tocar nos fios do seu cabelo, puxando-os suavemente.

— Sim o que, *agápi*? Quer ser minha a noite toda? — disse, mordendo o bico pontudo do meu seio, revezando-se entre um e outro. — Fala, porra...

— Eu... Eu quero. — Soltei um gemido alto e vacilei ao fechar os olhos.

— Gostosa... Fica de quatro. — Deu uma estocada para se afastar, tirando o seu pau, e vi a tempo o rastro de sangue na cabeça, a nossa mistura. — Não acabamos, *agápi*, ouviu? De quatro...

A vergonha me consumiu, mas acabei entregando-me ao aceitar o seu pedido coberto de luxúria. O grego me ajudou, posicionando-me na cama, colocando uma almofada por baixo da minha barriga. Ele veio logo por trás, meu corpo todo a sua mercê, e me rendi, rebolando a cintura em sua direção.

— Assim... Perfeita. — Senti o pau cutucar a minha entrada, ganhando espaço até que me penetrou em um tranco firme e com toda força. — Porra! Assim, toma tudo.

— Apolo, nossa...

Foi como ser jogada de um precipício. O nosso encaixe. Aquele homem tinha domínio sob o meu corpo, sabia como me tocar, levar-me ao fundo do mar e me trazer de volta à superfície. Totalmente sua.

Apoiei ainda mais as mãos no lençol da cama, suas investidas cada vez mais precisas, fundas, o seu pau sendo acomodado e fazendo da minha boceta a sua casa. Ele saía totalmente para voltar

com afinco, como se pudesse ir mais fundo do que o seu membro grosso alcançava, eu não conseguia conter os gemidos altos, desejando prolongar as sensações. Eu o sentia completamente, sem barreiras, macio, tão quente, cada pequeno detalhe seu.

Kyrios...

Eu estava quase explodindo.

— Vai gozar, safada... — Pegou um monte do meu cabelo, puxando-o com força. — Porra, como eu queria beber todo o seu prazer... Goze no meu pau, *agápi*.

— Eu vou... — Quase engasguei-me com suas estocadas firmes, levando-me ao sublime prazer, minha boceta cheia demais, e acabei gozando. — Apolo...

— Que delícia, *agápi*. — Ele me surpreendeu ao bater na minha bunda com força. — Gozou sem mim, safada... — Apalpou novamente e fiquei excitada, prologando o meu prazer. — Vou encher a sua bocetinha com a minha porra...

— Por favor! — quase implorei por aquilo.

— Implora mais, *agápi*... É uma delícia te ouvir assim, implorando. — Bateu na minha bunda, que começava a ficar com uma leve ardência, fodendo-me bruto.

— Por favor, por favor... — Afundei o rosto na cama, movendo a cintura de encontro ao seu pau, que vinha cada vez mais fundo, tomando-me como sua.

— Sim, *agápi*... Vou te encher todinha. Minha mulher. — Deu um impulso, seu pau indo até o talo, e senti o exato segundo em que o líquido quente me preencheu. — Minha, toma tudo. — Arrepiei-me com suas palavras, e ele permaneceu parado,

despejando até a última gota, como se quisesse mantê-las ali para sempre.

Aos poucos foi se afastando, deixando beijos molhados em minhas costas.

— Perfeita... Obrigado por me dar a honra de ser o seu primeiro — sussurrou baixinho e virou-me devagar para vir beijar minha testa. — Te machuquei muito?

— Foi maravilhoso... Apesar de sentir como se tivesse sido atropelada. — Acabei rindo. — Nunca pensei que poderia ser assim. Tão intenso. — Dei um sorriso de lado e estendi a mão para tocar em seu rosto, em que escorria suor.

— É tudo sobre você, minha Lidi. — Pegou minha mão e mordeu os dedos devagar, um por um.

— Voltei agora a ser a Lidi?

— Você é o meu anjo, *agápi*. E continuará sendo. — Roçou o nariz no meu suavemente.

— Que foi corrompido por você — rebati, fechando os olhos.

— Engraçadinha... Por mais que eu aprecie ficar dentro da sua boceta, que é o meu paraíso, agora é o momento em que preciso cuidar das duas — murmurou e cobriu o rosto com as mãos. — Somos só eu e você, não precisa ter vergonha.

— Eu sei. É só que... — mordi o lábio, respirando fundo —, preciso me acostumar com tudo isso que está acontecendo, sua intensidade que me suga cada vez mais.

— Terá todo o tempo do mundo para pensar, *agápi*. Essa é só a primeira noite de muitas outras que virão, pois não penso em te deixar partir. Mas, por ora, vou banhar a minha garota para alimentá-la antes que dê a hora de leva-la para casa — disse tão

doce, o meu coração acabou se apertando por constatar que ele não havia esquecido.

Anne. A minha garotinha me aguardava em nossa casa...

Não era o momento propício para pensar nela, mas foi quase impossível evitar.

— Banho. — Concordei com a cabeça, tentando afastá-lo para me levantar.

— Não, fique quietinha. Eu vou cuidar de você. — Foi mais rápido e abraçou-me.

— Mandão. — Acabei repetindo o seu novo apelido, que fazia jus à parte da sua personalidade gloriosa.

Apolo veio logo me beijar, apaixonado e entregue.



— Mal vejo a hora de tê-la só para mim.

— Anne não vai gostar nadinha de ouvir você falando isso.

— Não há motivo, afinal eu quero as duas. O pacote completo, lembra?

Fazia poucos minutos que ele havia me trazido de volta para casa, depois de ter me banhado, cuidado do meu corpo com suas próprias mãos, garantido que eu estava bem após ouvir minha reclamação de dor ao me tocar. Eu era virgem havia apenas algumas horas e, apesar de ter apreciado, entregando-me ao momento, quando acabou senti-me dolorida. Ele fora carinhoso ao

me deixar sozinha para ir procurar um remédio nas coisas de sua mãe a fim de aliviar o incômodo ocasionado, mas eu sabia que logo iria passar. Depois disso, nos vestimos e fomos para a cozinha, Apolo cumpriria a sua promessa ao fazer nosso lanche. Foi uma cena esplêndida vê-lo em frente ao fogão cozinhando, ainda que de forma atrapalhada, gravaria na minha cabeça além da nossa primeira vez, tão marcante e especial.

Apolo se mostrava diferente de tudo que um dia eu sonhara ter ao meu lado. Tinha a sua forma de demonstrar, ainda que para algumas pessoas soasse como sufocante, intenso demais, mas eu sabia que aquela era sua maneira de entregar-se com afeto ao outro, querendo sempre proteger e cuidar, o tempo inteiro se pudesse. Eu me sentia como uma bonequinha de porcelana em suas mãos, enxergava verdade no seu olhar, rendição, e que aquela entrega era recíproca, uma conexão que ia muito além. E, mesmo que as coisas entre nós tivessem começado da forma mais errada possível, senti que poderíamos fazer dar certo. *Kyrios...* eu desejava que sim.

— Você disse, e eu não poderia esquecer. — Engoli em seco, olhando de relance para a rua com pouca movimentação e iluminação. — Acho melhor você ir, está tarde demais.

— Estamos seguros. Não precisa se preocupar.

— Hã? O que quer dizer com isso? — Franzi a testa, confusa.

— Não precisa se preocupar com a nossa segurança, *agápi*. Talvez não tenha percebido, mas estou sempre acompanhado de segurança, ainda que não os veja. Está tudo bem. — Deixou um beijo carinhosamente em minha testa. — Posso passar aqui

amanhã para conversarmos sobre aquele assunto pendente entre nós?

Suspirei fundo. O acordo. Seguranças. Muitas informações jogadas de uma vez só.

— Sua proposta... — falei com desdém.

Então era tudo sobre isso?

Quanta ilusão...

Como pude ser tão iludida?

— Sim. Temos um encontro amanhã? — insistiu na pergunta.

— Eu... não sei se é isso que quero, mas estou disposta a ouvir o que for.

— É um bom começo, *agápi*, e é tudo que eu precisava ouvir.

— Sorriu, acariciando o meu rosto. — Só não esqueça que o que tivemos hoje foi real, único e verdadeiro. Essa é só uma parte que vamos conciliar sem interferir no nosso relacionamento.

Suas palavras trouxeram-me um pouco de segurança, mas o medo estava lá, presente, me atormentando e fazendo-me repensar se havia sido mesmo a minha melhor escolha. Fazia pouco menos de uma hora que estávamos nos amando, para agora o grego voltar a insistir naquele mesmo assunto. Um acordo de casamento.

— Agora, entre, por favor — continuou, despedindo-se com um beijo em meus lábios. — E não se esqueça de entregar isso à nossa pequena. — Não sabia em qual momento ele tinha pegado aquilo no carro, mas em sua mão havia um embrulho.

— Apolo, não precisava comprar nada. — Fiquei sem jeito. — Apesar de que, não importa o que eu pense, ela vai ficar feliz de toda forma e dando pulos pela casa.

Recebi em minhas mãos o presente e agradei, sorrindo pela sua gentileza.

— Tudo por um sorriso no rosto daquela pequena. Boa noite, *agápi*.

— Boa noite, Apolo. — Sorri e me afastei dele, caminhando até a porta de casa.

Peguei a chave na bolsa de lado, destranquei e, antes de entrar, dei uma última olhada no deus que me aguardava parado no carro, sorridente, o clarão do luar iluminando o seu olhar, que naquela noite parecia brilhar, cheio de luz.



Capítulo 12

Apolo Makris

DIAS DEPOIS

O celular no bolso da minha calça social vibrou e estendi a mão para pegar, tocando com o dedo na tela a fim de ver quem era. Uma mensagem do meu grande, saudoso e melhor amigo, Eros. Um sorriso brotou em meu rosto ao me lembrar da amizade, que nos últimos anos havia prosperado, fortalecido e se firmado desde então. Minha família e a sua eram amigas de longa data e por isso crescemos juntos, frequentando a mesma escola e os mesmos

eventos. Eros sempre foi um grande homem, determinado, focado nos negócios. Ainda que ele fosse recluso, tínhamos personalidades semelhantes, o que o tornava muito mais que um amigo; o meu irmão. Era duro lembrar que viver a dor do luto fez com que eu me afastasse das pessoas mais importantes da minha vida e ele se incluía naquela lista. Nossas trocas de mensagens foram diminuindo com o passar dos meses desde o acidente, e vê-lo ali na tela do meu celular trazia a vasta esperança de que, apesar de tudo, o que tínhamos sobrevivido.

“Eros: Oi. Ainda está vivo?”

Batuquei com os dedos na mesa do escritório antes de responder.

“Sempre. Como vão as coisas? Soube que vai ser pai...”

O meu irmão, Adônis, gostava de me atualizar com frequência sobre as coisas das quais eu fazia vista grossa. Eu não gostava de me importar ou perder tempo vasculhando notícias, querendo saber o que as pessoas faziam. Cada um era livre para fazer o que quisesse e eu respeitava esse conceito virtuoso. Mas saber dessa novidade nos últimos dias despertou minha curiosidade, afinal éramos viúvos, compartilhávamos da mesma dor de perder alguém que amávamos. Pelo que parecia, a felicidade prevalecia acima de tudo, pois aquele era um grande sonho do meu amigo, e eu estava feliz por vê-lo realizando o seu objetivo.

“Eros: Uma longa história... Podemos nos encontrar?”

Sorri e enviei a resposta imediatamente.

“Vou mandar separar um lugar para você na mesa esse final de semana. Mamãe vai adorar rever o quarto amor da vida dela.”

Cliquei em enviar e ele logo visualizou.

“Eros: Até breve.”

Encerramos a conversa, e guardei de volta o meu celular no bolso.

— Quem era? — Adônis, que estava sentado na poltrona em frente, folheando uma revista qualquer de carros, perguntou curioso.

— Eros.

— E o que ele queria?

— Nada importante, irmão. — Engoli em seco, desviando o olhar para o relógio na parede, a tensão me dominando por dentro, afinal passava das dez horas da manhã e a minha convidada ainda não havia comparecido à reunião.

Ao contrário do que eu previa, aquele encontro havia sido adiado nos últimos dias, mudando todos os meus planos. Lidiane justificara sua ausência na data marcada através da vizinha, que estava doente e não podia ficar com Anne. Mas, de certa forma, estava se esquivando, e eu sabia muito bem. Compreendia as suas razões, suas incertezas, mas, conforme o tempo passava, sentia que a minha garota escapava pelas minhas mãos, e a vontade de tê-la como esposa, mãe do meu herdeiro ia se tornando quase impossível.

Desde a noite em que a tive em meus braços, não conseguia tirar o seu sabor da minha boca, seu cheiro impregnado na minha cama; aliás, fiz questão de mantê-lo em meus lençóis, sendo o meu remédio para dormir. De alguma forma sentia que ela estava ali, seu sorriso trazendo luz e calma para minha ansiedade, que vinha diminuindo cada vez mais. Eu me sentia impotente, com as mãos atadas, pois sabia que a garota não estava preparada para assinar

acordo algum, o que me fazia, por um lado, admirar o seu caráter inestimável, provando que o dinheiro nunca a compraria.

No entanto, o meu principal objetivo era ter de volta a minha empresa, usando Lidianne pelos motivos errados, dos quais eu não me orgulhava nem um pouco, pois passava por cima dos meus conceitos. Esperava que no momento certo ela entendesse as razões que me levaram a tomar essa decisão.

Que me perdoasse, pois eu não suportaria vê-la de coração quebrado.

— Entendi. Vou dar uma olhadinha lá fora para ver se a sua mulher chegou — meu irmão disse, levantando-se da poltrona, ajeitando o seu terno preto esplêndido.

O meu advogado. Era ele quem representava os negócios da nossa família, comandava com êxito toda a parte burocrática e jurídica. Eu sabia que não havia ninguém melhor que o Adônis para me conduzir e representar naquela jornada.

— Ótimo. Faça isso mesmo, mas de forma discreta. A mamãe está lá fora, você sabe que nada passa despercebido pelos olhos da nossa matriarca. — Procurei pela mesa uma caneta, encontrando-a para grifar alguns termos do contrato.

— Sem esquecer o fato de que ela ainda se sente a advogada da nossa família — debochou com desdém.

Estávamos em seu escritório, que ficava no centro da cidade, localizado nas proximidades da minha empresa administrada atualmente pelo meu pai. Naquela manhã, dona Luzinete havia acordado disposta a nos acompanhar ao nos flagrar à mesa de café da manhã conversando sobre a minha ida. E eu sabia que o único motivo que a levava a fazer aquilo era a vasta esperança de me ver

retomando a minha vida, conduzindo os meus negócios como antes; era uma importante aliada, mas eu nunca lhe contaria os meus verdadeiros planos para alcançar o objetivo.

— Irmão, deixe-a. Sabe que esse é o seu passatempo favorito.
— Sorri.

O som da porta sendo aberta pela sua secretária nos deixou em alerta.

— Senhores, com licença. A senhorita Galini se encontra na recepção, posso mandá-la entrar?

Ela havia chegado. Imediatamente senti as mãos começarem a suar.

— Sim, por favor — ainda receoso, tratei de responder primeiro.

A mulher concordou com a cabeça, murmurou um “obrigada” e saiu em seguida.

Era tudo ou nada. Sua resposta mudaria toda a minha vida. Troquei um olhar rápido com o meu irmão, que parecia apreensivo, compartilhando do mesmo sentimento.

— TIO POLO!

A porta foi aberta novamente pela pequena Anne, que veio correndo em minha direção. Fiquei surpreso, mas me levantei da cadeira para abraçá-la apertado.

— Oi, pequena. — Fechei os olhos, sendo acolhido pelo cheirinho de criança.

— Anne... Meu Deus! Desculpa por tê-la deixado entrar assim — a voz de Lidiiane preencheu o ambiente e precisei olhar imediatamente para minha garota.

— Está tudo bem, *agápi* — respondi, afastando-me aos poucos da garotinha. — Senti saudades suas, Anne. É um prazer ter as duas aqui. — Sorri.

— Eu não tinha com quem deixá-la. A mãe da Penélope, minha vizinha, ainda não melhorou — explicou-se. — Você... Você se importa?

— O quê? Claro que não, *agápi*. — Fiz um carinho nos cabelos da Anne, que tinha tons escuros e usava tranças. — Você está bem, pequena?

— Muito! Nossa, eu gostei muito da boneca. Lili disse que foi você que me deu, Polo — comentou toda empolgada. — Ela tem os cabelos assim, bem azuis, iguais aos da sereia do filme da Barbie. Eu lembro, tio Apolo. Obrigada. — Abraçou-me.

— Fico feliz que tenha gostado, pequena. — Apertei-a, carinhosamente.

Kyrios, eu queria que fosse minha.

Minha filha.

— É. Eu acho que vou deixar vocês sozinhos — Adônis murmurou, quebrando o clima. — Garotinha, quer tomar um sorvete com o seu novo tio aqui?

Anne logo se afastou para olhar para sua irmã, que estava no canto da porta.

— Não sei. Lili, eu posso?

— Por mim tudo bem, ele é o irmão do Apolo e vai ficar com você um pouquinho enquanto resolvo aquele assunto que conversamos em casa, ok? — A minha garota se abaixou para ficar na altura da irmã e beijar sua testa. — Se comporte, Anne.

— Tá. Eu juro juradinho — prometeu. — Tchau, tio Polo. — Caminhou em direção ao meu irmão, que estendeu a mão para que ela segurasse e logo saíssem.

Quando estávamos finalmente sozinhos, fiz o que estava ansiando havia dias. Abracei-a pela cintura e tomei seus lábios em um beijo cheio de fome, saudade e paixão. Parecia que estava uma eternidade longe daquela boca, devorei cada pedacinho, sugando, embriagado no seu sabor, querendo, se pudesse, tê-la sobre a mesa. Mas não podia. Fiquei desesperado, beijando-a intensamente, parando um segundo para percorrer seu pescoço com a boca, perdido no seu cheiro, fungando-a.

— Aham... Oi — Lidiane sussurrou, sua pele toda arrepiada pelos meus beijos.

— Porra, que saudade de você, *agápi*... — Apertei seu corpo contra o meu, dei mordidinhas em sua pele e voltei a encostar o rosto no seu para roçar os narizes, cheirando-a sem parar como um maldito viciado. — Por que demorou tanto para vir? Por *Kyrios*, estava por um fio de largar tudo e ir te encontrar.

— Te expliquei por mensagem... — tentou se justificar e se esquivou para trás.

Estranhei sua mudança.

Estava me afastando.

O que tinha acontecido?

— Por que está fugindo? — Olhei no fundo dos seus olhos.

— Eu estou aqui para ouvir a sua proposta, acordo, o que for.
— Suspirou fundo. — Olha, só não quero confundir as coisas mais do que já estão...

— Entendi — o tom da minha voz saiu cortado. Em fração de segundos a vi mudar e não parecia a garota que poucos instantes atrás retribuía o beijo com tanto desejo. — O acordo. — Afastei-me, dando-lhe espaço. — Fique à vontade, sente-se.

— Obrigada, Apolo. — Deu um sorrisinho sem graça e sentou-se na poltrona.

Assenti com um meneio da cabeça, caminhando de volta para a minha mesa. O contrato fora redigido havia poucos dias pelo meu irmão, as cláusulas claras e em evidência, com prazo de validade de um ano. *Kyrios*, eu queria que durasse para sempre, mas não era justo prendê-la eternamente em um papel. Durante todo o tempo que passássemos juntos, Lidiene teria direito à metade do meu patrimônio, benefícios, estabilidade financeira, segurança e, mesmo quando tudo acabasse, ainda ganharia uma quantidade relevante em dinheiro que lhe daria tranquilidade para viver uma vida com sua irmã sem preocupações com o futuro.

Ela só precisava dizer sim e assinar de uma vez por todas.

Abri uma das gavetas, tirando a pasta com os papéis, e entreguei a ela.

— Aqui, *agápi*. Leve o tempo que quiser lendo, estou aqui com você — expliquei, respirando fundo, a esperança vibrando em meu coração. — Saiba que não precisa necessariamente me dar uma resposta hoje, caso queira levar uma cópia para casa.

— Aham. — Sorriu. Lidiene pegou a pasta, colocou em sua perna e começou a abrir, passando o olhar por cima da primeira pasta. — Preciso de uns minutos sozinha.

Respeitei sua decisão, levantei-me da cadeira e caminhei em direção à porta.

Tempo...

AL

Trinta e cinco minutos depois, minhas mãos estavam geladas, trêmulas e a ansiedade voltando em peso, na espera da resposta que mudaria a minha vida. Fiquei fora da sala, encostado na porta, até que sua voz me chamando trouxe-me de volta à realidade, amenizando o turbilhão de sensações. Entrei de uma vez, receoso e controlando o peso do corpo para não cair.

Não podia fraquejar.

— Apolo. Eu tenho uma resposta, mas antes quero esclarecer umas coisas. — A minha garota estava parada em frente à mesa, e a minha visão ficou turva. — Ei, você está bem?

— Sim — respondi, sentando-me logo no canto da sala em uma poltrona. — Então? Quais são as suas dúvidas, *agápi*?

Precisei abrir os primeiros botões da minha camisa, o ar de repente parecia evaporar pelos meus pulmões. Eu sabia o motivo.

Havia parado por conta própria com a minha medicação para tratar a ansiedade.

— Primeiro, eu entendi as cláusulas e tudo isso de ser sua esposa por contrato. O que não compreendo e confesso que estou surpresa é... Você quer um filho, Apolo. Como pode exigir uma coisa dessas? E quando tudo acabar? Por *Kyrios*...

— Sim. Eu quero que seja a mãe do meu herdeiro — disse sem rodeios.

— Meu Deus! Eu seria o quê? Sua esposa de fachada e barriga de aluguel?

— Se prefere chamar assim. — Puxei a respiração, mantendo o punho fechado para que ela não notasse o quanto estava abalado, tremendo por dentro.

— É, eu prefiro chamar assim, afinal foi o que eu entendi. E a minha resposta é esta, Apolo Makris, não. Não aceito ser sua esposa, muito menos a mãe do seu bebê — sua resposta foi como uma facada nas minhas costas.

As minhas pálpebras bateram e a minha visão escureceu.

— Apolo...

Foi a única coisa que ouvi antes de perder os sentidos.



Capítulo 13

Lidiane Galani

— Aqui, querida... Um chá de camomila e, para essa princesa, um chocolate quente.

— Poxa, muito obrigada, tia. — Anne, agradeceu a mãe do Apolo, pegando o seu copo, que foi preparado especialmente para ela, realizando uma de suas vontades.

— Muito obrigada, senhora Makris. — Sorri educadamente para a mulher que nos recebia em sua casa e peguei o meu chá,

assoprando a fumaça que subia no ar.

— Sem agradecimentos, minha querida. Garotinha, tem uns biscoitinhos com gotinhas de chocolate lá na cozinha que acabaram de sair do forno, tenho certeza de que você vai gostar. Que tal me acompanhar? Vamos? — a senhora sugeriu para minha irmã.

— Eu quero muito! Eu posso, Lili? — Virou-se para mim e piscou os olhinhos.

— Pode, sim. — Abaixei a cabeça para beijar sua testa. — Não faça bagunça, *tá*? Se comporte, pois daqui a pouco vamos para casa... Só vou esperar um pouquinho mais e ver como o Apolo está para irmos — expliquei a ela.

— *Tá*. Dá um beijo nele, que logo ele vai ficar bem, Lili. — Seu jeitinho doce de criança, meigo, e o seu olhar que enxergava bondade em tudo me fizeram sorrir.

— Exatamente, garotinha. Você está mais que certa, princesa. Somente o amor é capaz de curar tudo — dona Luzinete completou. — Agora dê um beijo na sua irmã, pois tenho certeza de que ela também está precisando de um. — Incentivou.

Anne equilibrou o copo da mão e ergueu a cabeça para beijar minha bochecha. Fechei os olhos por um segundo, sentindo-me em paz com o seu carinho.

— Pronto. *Tá* curada, Lili. Agora é a sua vez de curar o tio Polo — disse baixinho, logo se levantando para acompanhar a dona da casa até onde ficava a cozinha.

Ah, se ela soubesse...

Ah, se fosse tão fácil.

A verdade muitas vezes era dura e crua, revelando o que estive o tempo todo perante os meus olhos, mas me recusei a

querer enxergar. Apolo nunca havia comentado sobre o seu problema de ansiedade, que o desestabilizava daquela forma como ficou no escritório. O desmaio, as mãos trêmulas e a falta de ar. Tudo estava ligado ao fato de que ele havia parado de tomar a medicação, resultando conseqüentemente em uma recaída. Fiquei em pânico, em choque quando o vi naquele estado e a única coisa que fiz foi correr para buscar ajuda. Por sorte o seu irmão estava perto e veio socorrê-lo.

Não podia deixá-lo sozinho, abandoná-lo daquela forma, mesmo após ler um contrato que ia contra as minhas virtudes. Eu jamais seria capaz de assinar uma coisa daquelas.

Nunca.

No fundo, estava odiando-o por me propor uma coisa dessas, mas não era o momento certo para nutrir aqueles sentimentos quando ele, por outro lado, precisava de ajuda. Seu irmão o levava com o auxílio dos seguranças até o seu carro para ser atendido, e, com Anne do meu lado, acompanhei tudo, explicando o tempo todo que o seu tio ficaria bem. Apesar da tão pouca idade, a minha garotinha se mostrava compreensiva, como se entendesse a gravidade de algumas situações.

Fomos conduzidas por dois seguranças até a mansão dos Makris, Adônis com o seu irmão ainda desmaiado chegou poucos minutos depois, junto com uma equipe médica que era responsável pelo tratamento psicológico e clínico geral.

A minha pequena observava tudo curiosa enquanto estávamos na sala, junto da Sra. Makris, que nos recepcionara carinhosamente e com gentileza. E foi assim, enquanto o tempo passava, conversa

vai e vem com sua mãe e irmão, acabei descobrindo sobre o seu problema. A verdade nua e crua jogada em minha cara.

Meu coração se apertou, quase chorei ao conseguir sentir a sua dor e o quanto era difícil para o homem que me propusera aquele contrato lidar com aquela condição, ser quase como um dependente de medicamentos para ter um pouco de normalidade. E me quebrou ainda mais saber que tudo se dava pelo fato de ele haver perdido a esposa em um acidente de carro, era evidente o quanto se sentia culpado por ser o condutor.

E ele ainda a amava.

A aliança sempre em seu dedo.

O que eu não conseguia entender era que, mesmo nutrindo aquela infinidade de sentimentos por alguém que estava morta, juramentos de que o seu coração pertenceria a ela, Apolo só queria comprar uma esposa, tornar-me uma barriga de aluguel para gerar o seu herdeiro. Minha cabeça estava uma verdadeira confusão e, se antes eu já sabia que teria o coração quebrado por ele, ler toda aquela papelada trouxe-me outra verdade; o que tivemos naquela noite não havia significado nada. Eu seria apenas um meio para realizar sua vontade, talvez ocupar o lugar da sua amada mulher. O sabor do arrependimento de ter me entregado veio em peso, com a certeza de que havia sido a minha pior escolha.

Como fui idiota por criar falsas esperanças com o homem que tinha outros planos. É claro que desde o princípio Apolo havia deixado claro suas reais intenções, e mesmo assim aceitei perder a virgindade com ele naquela noite. Não tinha como voltar no tempo, eu assumiria as consequências por ter tomado essa decisão. Tarde demais. A surpresa mesmo fora ler uma das cláusulas que falava

sobre um bebê, pegara-me totalmente desprevenida. Aceitar sua esposa era uma coisa, ceder o meu ventre para gerar o seu bebê tornava tudo ainda mais complicado.

Afinal, o contrato tinha prazo de validade e, mesmo que essa informação não estivesse esclarecida, pois não tive tempo de perguntar com Apolo desmaiando no sofá, estava bem claro que eu teria que abrir mão do bebê. Outro ponto que me convencia a não fazer parte daquilo era ser seu fantoche.

Nunca. Fechei os olhos com força, balançando a cabeça para o lado.

— Lili. Oh, você não quer um biscoitinho, não? — Anne surgiu novamente na sala, correndo até parar em minha frente.

Dei um pequeno gole no chá e deixei-o na mesa de cabeceira.

— Não, pequena. Estou sem fome. Pode comer por mim. — Abri um sorrisinho e toquei em seu rosto com a ponta dos dedos.

— Tá. Lili, sabe que agora tenho uma vovó? Uma vovó de verdade, não tipo a mãe da Penny. — Piscou os olhinhos rapidamente, enquanto tagarelava sem parar.

O que ela queria dizer com aquilo? Franzi a testa, um pouco confusa.

— Hum, me conta mais sobre isso. — Fiquei curiosa.

— É assim, a mãe do tio Apolo agora é a minha vovozinha. Pode ser, Lili? Pode?

— Bom, se ela concordou..., não vejo problema algum. Pode ser a sua vovó do coração. — Fiz carinho em seus cabelos. — Pode voltar e ficar com ela? Eu vou ver agora como o seu tio está...

— Tá então. Lili, não esquece do beijo.

— Nunca me esqueceria — jurei.

Beijei sua testa e ela voltou correndo para a cozinha. A equipe médica responsável pelo estado de saúde do Apolo havia saído fazia pouco menos de minutos, avisando que ele se encontrava estável e consciente. A crise de ansiedade, junto com a queda de pressão, o fizera desmaiar. Eu precisava vê-lo antes de voltar para casa, pois ainda tinha que encontrar um novo trabalho. Nos últimos dias havia espalhado vários currículos pela cidade, mas desde então, nenhuma resposta positiva. Eu esperava que no momento certo o emprego dos sonhos aparecesse, só precisava continuar procurando e tendo um pouco mais de fé.



Estava parada fazia dois minutos, pensativa sobre o que diria, como reagiria; contei até três antes de dar dois toques na porta e entrar no quarto do Apolo.

— Oi... É... Eu vim ver como você está — sussurrei baixinho, envergonhada.

Seu olhar pairou sobre o meu assim que me viu, e o vi sorrir de lado. Ele estava deitado na cama, com o peitoral exposto, usando apenas uma calça moletom.

— *Agápi*. Você. Se aproxime, por favor — pediu com a voz abafada e estendeu a mão.

Eu não podia fazer aquilo.

Não podia.

Não...

Observando que fiquei travada no lugar como resposta, ele suspirou fundo.

— Estou bem — murmurou, movendo-se entre as cobertas para ficar sentado. — Fazia muito tempo que algo assim não acontecia, além da parcela de culpa que tenho... Quem pode me julgar por querer uma vez na vida ser normal?

— Apolo, você não é diferente das pessoas só porque lida com um problema. Muito pelo contrário... Isso te torna humano. Uma pessoa que tem falhas e defeitos assim como tantas outras. — Aproximei-me para me sentar na beirada da cama.

— Não. Eu sou fraco... A porra de um maldito dependente — respondeu alto, ressentido. — Um fraco. É isso que as pessoas pensam que sou desde o maldito acidente que me deixou assim, os meus pais... Porra, e agora você. — Fechou os olhos. — Fiz de tudo para esconder isso de você, para que não visse o meu lado mais feio, pois sabia que quando soubesse iria me olhar assim, com pena.

— Está enganado, Apolo. Posso não mensurar o tamanho da sua dor, como se sente, mas eu nunca seria capaz de te ver com outros olhos. Sabe por quê? Você é tudo menos isso. É forte por ter coragem suficiente para lidar com isso. E, sabe o que vejo quando te olho? — Estendi a mão para tocar em sua perna. — Um homem preso ao passado e sufocado pela culpa. Você precisa soltar as amarras que te prendem, pois só assim conseguirá ver o homem maravilhoso que é, com uma vida inteira para viver, aproveitar e se permitir ter uma segunda chance.

— Com você. Minha segunda chance. Você é a minha parte mais pura no meio dessa sujeira. — Sua mão pousou sobre a minha, apertando-a com força.

— Com quem você quiser, Apolo. — Quebrei nosso contato, afastando-me dele.

— Eu quero você... Preciso de você. E isso nunca vai mudar.

— Você precisa primeiro ficar bem, se curar e se cuidar. Aprender a se olhar além de todas as imperfeições. — Levei a mão até a sua, a esquerda, onde ficava a aliança. — Só é possível recomeçar se soltar as amarras que te prendem a um passado que deixou de fazer parte do seu presente há tempos.

— Eu... não posso fazer isso. É demais. — Travou a mandíbula, puxando a mão.

— Tudo bem. É uma escolha sua, que respeito. — Tratei de me levantar.

— Não... Essa foi a sua resposta para o meu acordo? — o grego finalmente tocou no assunto que ainda estava pendente entre nós.

— Sim. Não sou a candidata perfeita para o seu cargo. — Passei a mão no rosto, respirando fundo. — Nunca seria capaz de me casar sem amor para gerar um bebê. Nunca seria capaz de entregar o meu coração a um homem que pertence a outra. Eu nunca teria coragem para assinar e compactuar com algo assim... É demais.

— Lidianne, por favor. Uma chance — implorou, querendo se aproximar. — Não há outra entre nós, nunca houve e tudo que tivemos até aqui não foi uma ilusão da minha cabeça. Fui verdadeiro quando te toquei, te beijei... Não foi uma mentira, por favor.

— Eu sei que não e saber disso me conforta, mas nunca colocaria o dinheiro acima das minhas virtudes. Quero, sim, me casar, ter uma família, mas com alguém disposto a me dar muito mais que um contrato com prazo de validade — disse.

— Que se foda a porra do contrato então, por favor, não vá...

— Ah, antes que eu me esqueça. — Eu me aproximei novamente, parando perto do seu rosto, e beijei sua bochecha. — Anne mandou deixar esse beijo por ela. Fique bem.

— *Kyrios*... Fique. Eu quero vê-la — pegou em meu braço, seu olhar queimando sobre o meu.

— Não podemos ficar. Adeus.

— Lidiiane...

— Me solte, Apolo — pedi e me afastei assim que o fez. — Adeus.

Virei as costas, caminhando em passos rápidos para fora do seu quarto, contendo as lágrimas que insistiam em querer banhar o meu rosto. Saí dali de uma vez, fechando aquele ciclo de nossa vida que nunca deveria sequer ter começado.

Nunca. Todo começo, meio e fim. Parei no meio do corredor e enfim coloquei para fora o que estava preso até agora em minha garganta. Chorei como uma criança.



Capítulo 14

Apolo Makris

UM MÊS DEPOIS

Trinta dias, horas e minutos que pareciam nunca ter um fim, vieram junto de um ultimato que mudou completamente os meus planos; jogados todos para o fundo do poço. Os últimos dias, que se passaram na velocidade de uma tartaruga, me levaram à estaca zero, regredindo dois passos para trás e dessa vez eu não sabia como reverter os danos. A linha de chegada que parecia próxima de

ser alcançada tornou-se inalcançável para os meus braços, fazendo-me perder duas vezes seguidas.

Duas.

A chance de recuperar a minha vida.

E uma família sob encomenda.

A resposta de Lidianne para o meu acordo de casamento e para ser a mãe do meu bebê foi o gatilho essencial para despertar todos os outros ligados a minha ansiedade, que eram controlados pelo medicamento. Aceitar que a tinha perdido para sempre levava um sabor amargo a minha boca que me recusava a engolir. Eu, porém, nada podia fazer senão encarar de cabeça erguida, fingindo que não me importava, quando a única coisa que queria fazer era largar tudo e encontrá-la. Aqueles dias longe do seu cheiro e da sua voz me levaram à única verdade; eu estava me tornando um dependente dela.

A porra de um dependente.

Retomar as sessões de terapias intensivas me fez enxergar aquela verdade. O meu passado estava sendo enterrado, minha esposa não era mais um peso no meu futuro, tornando-se apenas uma lembrança distante, doce e que deveria ser encerrada de uma vez por todas. Eu sempre iria me recordar do seu rosto com carinho, dos anos que passamos juntos e do nosso amor, que jamais seria apagado, mas estava na hora de entender que não podia voltar no tempo, mudar o rumo dos acontecimentos. Não podia permanecer preso às correntes que me impediam de continuar vivendo, remoendo uma culpa que não era minha. Segundo a minha psicóloga, Fernanda Dantas, o processo de aceitação estava em andamento e aos poucos eu fecharia aquela parte marcante da

minha vida. O primeiro passo havia sido dado. Fazia semanas que não usava aliança e aos poucos desocupava seu armário.

Minha mãe estava me ajudando naquela parte desde que tomara conhecimento da minha escolha, separando todas as roupas da minha falecida esposa, assim como outros pertences que serviriam e seriam doados para outra pessoa em perfeito estado. É claro que não foi nem um pouco fácil rever aquelas peças, o cheiro do perfume dela ainda estava impregnado e foi como vê-la ali em cada pequeno detalhe. Todas as coisas que por anos fizeram parte de sua vida sendo guardadas em caixas; a minha ficha caiu mostrando o que me recusei a ver durante meses, que não havia motivo para continuar guardando-as, pois ela nunca voltaria a usá-las. A morte é um fim para todas as coisas e, por mais que seja difícil aceitar a verdade de quem amamos, não há volta. Era preciso seguir em frente. Sempre haveria uma chance.

Uma segunda chance.

Querendo ou não, a passagem de Lidiâne em minha vida não havia sido vã, da forma mais dura possível a garota me fez enxergar verdades que estavam sendo cobertas por uma escuridão. Para ser o homem que ela merecia, que os meus pais ansiavam, eu precisava primeiro me cuidar, aceitar ajuda e me desprender do passado. Um mês era cedo demais para afirmar que estava completamente curado, preparado para ser o que um dia fui. Esse processo levaria tempo, mas os primeiros passos haviam sido dados, mesmo que não a tivesse do meu lado para ver com os seus próprios olhos. E era ainda por ela que eu continuaria tentando.

A sua luz, ainda que de longe, iluminava a minha tormenta.

Girei a cadeira do escritório da mansão dos meus pais e suspirei fundo. Era tarde da noite, provavelmente ambos estavam em seu quarto adormecidos, enquanto eu permanecia assombrado pela insônia que se tornava minha melhor companhia.

— Estou vendo uma miragem, ou é você mesmo? — Adônis comentou, ao abrir a porta da sala, entrando em seguida. — O que houve? Sem sono? — perguntou.

Franzi a testa, vendo-o apresentável e usando uma roupa menos social.

— Isso. — Fiz um gesto com os dedos, gesticulando. — Já você, suponho que esteja saindo em busca da sua vítima da noite. Acertei?

— Sim, irmãozinho, mas dessa vez não vou sozinho. Larga a bunda dessa cadeira e vai se arrumar. — Bateu com o dedo no relógio de pulso. — Dez minutos.

— Hoje não. — Girei novamente a cadeira, fechando os olhos para abrir em seguida. — Outro dia, quem sabe. Hoje quero ficar sozinho.

— Tem sido assim desde que...

Que ela me deixou. Era de conhecimento que sua partida deixara um vazio não somente no meu coração, como em minha vida, que ficara ainda mais cinza.

— Precisa se reerguer, irmãozinho. Se quer a garota, precisa lutar por ela.

— E você acredita que fugir no meio da noite é a melhor escolha? — rebati sua resposta, dando uma gargalhada em seguida.

— Tudo depende do ponto de vista. É só uma saidinha para tomar uma bebida, e nada mais. — Ergueu as mãos em sinal de rendição. — Prometo não te convencer a terminar a noite na cama de uma mulher, apesar de que a minha vai finalizar assim.

Não era seguro ir por esse caminho, em menos de uma hora precisava tomar a nova medicação que fora passada pela minha psiquiatra desde que tive uma crise que me deixou desmaiado por minutos, e eu sabia que não podia ceder à tentação.

— Não posso beber, você sabe — tentei me justificar.

— Eu bebo por você.

— Não vai me deixar em paz, não é? — Puxei a respiração fundo e me levantei. — Eu vou com você, mas com uma condição. — Ergui um dedo para falar. — Sem bebidas e nada de mulheres... Por ora. — Não quando o meu coração queria uma.

Ela.

Só ela.

— Dez minutos. Te espero lá fora — Adônis murmurou, saindo da sala.



De todos os lugares que havia pela cidade, o meu irmão escolheu o pior deles para beber, a boate em que Lidiene trabalhava quando a conheci. Meu sentimento de repulsa por aquele prédio era imensurável, aquele lugar desprezível. As lembranças do maldito

tentando tocá-la sem o seu consentimento vieram em peso, quase me fizeram entrar no carro e voltar para casa. É como se eu fechasse os olhos e retornasse àquele dia, conseguia sentir o medo dela, ainda tão acolhida em meus braços.

Ah, minha garota.

Onde você está?

Desde o dia em que saíra por aquela porta não fora procurá-la, respeitei sua decisão, deixei que o tempo a trouxesse de volta, pelo acordo ou pelo que tínhamos construído. Não fora só sobre sexo, fora entrega, paixão; uma conexão além. Eu tentava me convencer sobre aquela verdade, mas, quanto mais o tempo passava, mais eu sentia que tudo no final das contas havia sido mera ilusão da minha cabeça.

— Vamos? Ou vai ficar parado a noite toda aí? — meu irmão perguntou, postado junto à porta principal que dava acesso à boate.

— Preciso ver uma mensagem no meu celular e já entro — usei uma desculpa aleatória para ficar um pouco sozinho, pensando se entraria ou não.

— Não demore. Ficarei esperando por você.

Assenti com a cabeça, ele deu um sorriso de lado e se virou, entrando logo.

Meu irmão tinha um espírito livre, aventureiro, sabia como aproveitar os seus trinta anos, eu apreciava a forma como se entregava aos momentos e fases da vida. Eu não tinha todo aquele fôlego, tudo que queria era tranquilidade e um pouco de paz, em algum lugar longe do mundo, de preferência com a minha garota do lado.

Kyrios...

Que obsessão. Não conseguia tirar o seu nome da boca.

— ME SOLTA, SEU... — uma voz feminina despertou o meu sentido de alerta.

Lidiane? Eu reconheceria aquela voz mesmo que estivesse no meio de uma multidão. Era ela. Fiquei assustado, afastei-me do carro, dando passos rápidos tentando encontrá-la; só havia um único beco e corri o mais rápido possível.

— Caladinha, ou eu vou quebrar sua cara, vadia.

Encontrei o que eu mais temia, um homem com o dobro da sua altura, segurando-a pelo braço contra a parede. Os olhos dela logo encontraram os meus, vi o rastro de surpresa passando por eles, dando lugar em seguida à segurança por me ver. Porra.

— Solte-a, seu babaca — rosnei, furioso. Empurrei-o para o lado, dando um soco em seu rosto. Ele se desestabilizou com o golpe e Lidiane correu, saindo do seu agarre. — Encoste mais um dedo nela e não ficará vivo para contar história, você escolhe... Uma morte lenta, minha mão sufocando o seu pescoço ou um tiro no meio da testa — gritei, desferindo uma sequência de golpes e chutes, o maldito estava embriagado, pois mal reagia ao meu ataque. — Vamos, porra. Não gosta de tocar em mulher, maldito?!

— Apolo, pare, por favor... Vamos embora — minha garota chamou, a voz embargada pelas lágrimas. — Pare.

— Senhor Makris. — Meus dois seguranças se aproximaram, vindo ao meu encontro, e tomaram conta da situação.

Eles faziam a minha guarda naquela noite e, qualquer movimentação estranha, entrariam em ação cumprindo seu papel.

— Deem um fim nesse verme. Eu... — Respirei fundo, afastando-me e deixando o maldito caído no chão, com o rosto

coberto de sangue pela minha fúria. — Vou cuidar da minha garota.

Passei as mãos sujas na minha calça social e corri para abraçá-la apertado.

— *Agápi*, por *Kyrios*... — Encostei o rosto em seu pescoço, cheirando-a. Ah, porra, quantas saudades. — Por pouco, eu... Deus! Nunca mais, ouviu? Nunca mais quero te ver por aqui, por este lugar imundo. Duas vezes em que quase...

— Me desculpa — sussurrou baixinho, ainda choramingando.

— Você não é culpada, jamais. Vamos sair daqui... — Afastei-me para beijar seu rosto várias vezes e segurei em sua mão, tirando-nos dali sem olhar para trás.

Meus seguranças resolveriam aquela situação, caso contrário eu seria capaz de eliminar aquele verme com as minhas próprias mãos.

Conduzi Lidiane até o meu carro, que estava estacionado do outro lado da rua, peguei as chaves no bolso da calça, abri a porta e ajudei-a entrar. Dei um último beijo na minha garota antes de fechar, dar a volta e entrar. Quando estávamos finalmente mais calmos, consegui respirar fundo e compreender o grau da situação.

— Duas vezes, a mesma cena. Por *Kyrios*, eu estava por perto, mas e se... — Fechei o punho, contendo-me para não dar um soco no volante. — Deus, eu não suportaria caso algo pior acontecesse. O que pensa que estava fazendo andando sozinha por ali?

— Eu... — Soluçou, levando as mãos até o rosto para cobri-lo. — Voltei a trabalhar na boate.

— Você fez o quê? Como assim, porra? — sua resposta me deixou nervoso.

— Eu precisava arrumar um emprego. As contas estavam atrasadas — justificou-se. — Não é o melhor lugar do mundo, mas foi a minha única saída.

— Por que não me procurou? Porra! — Eu me aproximei, tirando as mãos do seu rosto para que olhasse no fundo dos meus olhos. — Escute bem, grave estas palavras. Você não está sozinha nesta droga de mundo, eu estou aqui ao seu lado. Não precisa nunca mais voltar para aquele lugar asqueroso. Nunca mais, entendeu?

— Eu não posso fazer isso, Apolo. Você não entende — choramingou baixinho.

— O que você não entende é o quanto eu te quero, o quanto estou disposto a fazer de tudo para te manter em segurança e garantir que o que aconteceu agora há pouco nunca, em hipótese alguma, volte a acontecer com você novamente. — Puxei-a para perto, dando um beijo por todo o seu rosto molhado pelas lágrimas.

A minha garota aos poucos foi parando de chorar, envolveu as mãos ao redor do meu pescoço, vindo ao meu encontro para se sentar em meu colo, abraçando-me. Pude me sentir, enfim, em paz, acolhido pelo calor do seu corpo, como se o mundo lá fora não existisse, apenas um nós e nosso coração batendo forte.

O silêncio pairou sobre nós, enquanto nos abraçávamos em busca de refúgio.

— Eu aceito — Lidiene sussurrou, quebrando o contato para me olhar.

— O que quer dizer com isso? — perguntei sem entender.

— Aceito me casar com você e ser mãe do seu herdeiro.

Meu coração começou a ficar acelerado com sua resposta.

— Você tem certeza disso?

— Sim. Eu aceito.

Sem que tivesse controle algum sobre meu corpo, acabei beijando-a voraz.



Capítulo 15

Lidiane Galani

— Bom dia, dorminhoca...

Que voz gostosa sussurrando pertinho do meu ouvido, a mão acariciando todo o meu rosto. Só podia ser um sonho daqueles de que não desejamos nunca acordar.

— *Agápi*, você precisa abrir esses olhinhos e iluminar logo o meu dia.

Não era um sonho. Aos poucos fui despertando, encontrando-o de imediato em minha frente, em toda sua plenitude e com um sorriso largo nos lábios.

— Hum. Bom dia. — Abri um sorrisinho, meio sem jeito, e com vergonha.

Não me lembrava que tinha de ter passado a noite em sua cama. A única coisa de que me recordava era do maldito acontecimento na esquina da boate com o desconhecido que tentara me assediar. Logo depois da minha decisão repentina de aceitar assinar o contrato de Apolo, o resto se tornou apenas um borrão na minha cabeça.

Afastei as cobertas da cama, vendo que estava usando uma camisa longa e a minha lingerie.

— Você adormeceu no caminho enquanto eu te trazia. — Deu um passo para trás e sentou-se na cama um pouco mais afastado de mim. — Estava cansada... Decidi te trazer para minha cama, troquei suas roupas, que estavam suadas, e te vesti — explicou pacientemente. — Ah, aproveitei enquanto você dormia para ligar e saber como sua irmã estava, uma Penélope atendeu e garantiu que cuidaria dela.

Sorri, levando a mão até os cabelos embolados para arrumar.

— Precisa de espaço ou algo assim?

— Hum, não. — Bocejei, tentando me espreguiçar. — Obrigada por tudo, Apolo.

— Estarei sempre aqui por você. Vou te deixar sozinha. — Levantou-se para continuar falando. — No banheiro tem toalha limpa, escova e um conjunto de roupa que mandei comprar, acredito que sirva em você. Vou te aguardar na mesa de café.

— Oh, não precisava se preocupar com tudo isso.

Apolo fez um aceno com a cabeça, virando as costas para sair.

— Apolo — chamei-o, começando a me levantar.

— *Agápi*. — Virou-se para me olhar. — Sim?

— Eu só queria dizer que... — Precisei respirar fundo. — Não mudei de opinião sobre a minha decisão. Eu vou assinar o seu acordo.

— Não demore para descer — foi a única coisa que disse antes de sair do quarto.

Levei as mãos ao rosto, esfregando os olhos, e praguejei baixinho um palavrão. *Kyrios!* O que eu estava fazendo com a minha vida? Havia jurado nunca mais pisar naquela mansão, e lá estava eu novamente, no mesmo lugar e, para completar, na cama do homem que fazia parte desse juramento. Um mês passara desde que prometi com toda força que há em mim que jamais voltaria a cruzar caminho com aquele homem de olhos sombrios, mas o destino resolveu me pregar uma peça de forma inesperada, nossa vida se entrelaçando de novo.

Desde que escolhi não aceitar o acordo do Apolo, tentei de todas as formas possíveis encontrar um novo rumo para minha vida, além da busca incessante por um novo emprego. Todas as minhas tentativas, contudo, foram frustradas, restando-me retornar à estaca zero. Acabei voltando para o meu primeiro trabalho como garçoneiro na boate, com a ajuda da minha amiga Penélope, que com seu jeitinho atrevido e língua solta confrontou o meu ex-chefe para me devolver o meu antigo posto. Eu não gostava nem um pouco daquele lugar, mas precisava engolir o choro e seguir. Era tudo pela

minha irmã. Com a volta às aulas, os gastos dobraram e minhas economias não iriam suprir todas as nossas necessidades.

E não acabava por aí.

Eu havia feito uma péssima escolha e tinha plena consciência disso. Ao priorizar o dinheiro acima da minha segurança física, conseqüentemente fui obrigada a viver o mesmo episódio; ser assediada no trabalho por um homem asqueroso. Por um fio não fui abusada sexualmente, por sorte o grego havia surgido a tempo para me salvar daquelas mãos imundas que me tocaram e apertaram-me com força. Sentia nojo só de lembrar do segundo episódio repugnante que me marcaria para sempre.

Apertei os olhos e corri para o banheiro. Lembrei que precisava tomar banho, lavar a pele e tirar aqueles vestígios que provavelmente ainda estavam lá. Passei pela porta, deixando-a aberta, e encarei logo o meu reflexo no espelho, visualizando uma pequena mancha escura no braço direito. Toquei-a por cima e fiz careta. Maldito! Meu cérebro me apagou, permitindo-me ter uma noite tranquila de sono, mas o clarão do dia trouxe-me a realidade de que não havia sido um pesadelo. A minha vida estava à beira de ser roubada por um homem desconhecido e sujo.

Roubando o meu direito de escolha. Lamentei por dentro enquanto lágrimas solitárias escorriam pelo meu rosto, ao imaginar quantas outras mulheres passavam por aquela mesma situação. Querendo ou não, e indo contra todos os meus princípios, escolher assinar aquele acordo era a minha melhor saída. Era pela minha pequena garotinha, Anne precisava de estabilidade e segurança. As cláusulas do contrato nos davam tudo isso e muito mais; por ela,

minha escolha estava feita ainda que tivesse sido tomada no calor do momento.

— *Agápi... Kyrios*. Está tudo bem. — Como se tivesse o poder de sentir como eu estava naquele momento, Apolo surgiu na porta do banheiro e veio me abraçar.

Fechei os olhos, sendo acolhida pelos seus braços fortes e quentinhos. A sensação de conforto e paz veio com intensidade, as lágrimas ainda escorrendo.

— Tentei não invadir sua privacidade, lhe dar espaço, mas algo me puxava para perto... — Ele me apertou, deixando beijos em meus cabelos, cheirando-os. — Estou aqui com você, está segura. Nada de mal irá lhe acontecer, *agápi*.

— Obrigada, Apolo — foi a única coisa que consegui dizer.

— Ei, sem agradecimentos. Estou com você até o último dia. — Fez um carinho suave em minhas costas. — Vou te ajudar... Vem, deixe-me cuidar de você.

Assenti em concordância com a cabeça. O grego me virou devagar, seus olhos fitaram os meus, abrindo um sorriso de lado, que fez o meu coração bater mais forte. Ele beijou minha testa, vindo em seguida com as mãos para tirar minha blusa. Ergui os braços ajudando-o, relaxei o corpo, permitindo que tirasse a minha lingerie por fim e, dessa vez, não senti um pinga de vergonha.

— Está magrinha, *agápi*... Não está se alimentando direito?

Suas palavras quebraram o clima de tristeza e me fizeram rir. Estava demorando... Lá estava o homem por quem meu coração batia mais forte, intenso demais e protetor.

— Não estou brincando, mocinha. — Tocou com os dedos em meu rosto, fazendo círculos em minha bochecha. — Precisa se

cuidar direitinho ou vai ficar doente. Apesar de que isso é só um detalhe, pois continua linda, senão mais bela ainda.

— Obrigada... Eu acho. — Fiz careta, tentando me afastar dele. — Não tive muito tempo esses dias para cuidar da minha alimentação, senhor mandão.

— Ficou atrevida nesse último mês? — Deu uma gargalhada, tocou com a outra mão em minha cintura e me conduziu até o chuveiro. — O foco aqui é você, vem...

Ele ligou, a água gelada escorrendo de uma vez em meu corpo, e quase gemi.

— É para você acordar, vai te ajudar a relaxar ainda mais — brincou e me deixou sozinha enquanto ia pegar o sabonete líquido na pia do banheiro. Em seguida, voltou e me ajudou, passando-o logo em minhas costas. — Não se mexa muito, *agápi*.

— Gelada. Ah — reclamei, erguendo as mãos para esfregar os cabelos.

— Um dia você se acostuma, veja bem, eu não resisto a uma chuvarada gelada.

— Que estranho — murmurei em resposta.

— Faz parte. Se vire — pediu, pegando uma quantidade de sabonete para passar na parte da frente do meu corpo, descendo pelos meus seios e barriga. — Hum, *Kyrios*... Estão um pouco maiores, não acha? — Apertou devagar um mamilo, fazendo uma pressão suave para descer até a minha barriga. — Diferentes.

— O que quer dizer com isso? — Franzi a testa, ficando confusa.

— Nada, *agápi*. Pode continuar o banho sozinha? Vou mandar trazerem o seu café para o quarto — disse, afastando-se para secar

as mãos. — Eu não demoro.

Sua mudança repentina me deixou insegura e concordei com a cabeça. Resolvi não dar tanta atenção e terminar o meu banho, pois minha barriga começou a roncar.



Finalizei o banho dez minutos depois, sequei todo o corpo e cabelos com as toalhas. Separado na pia, encontrei um embrulho, e dentro dele, um vestido soltinho, florido, além de lingerie, todas as peças ainda com etiquetas. Lá estava novamente o seu cuidado e preocupação nos mínimos detalhes. Eu só precisava me lembrar que tudo fazia parte do contrato, não éramos um casal, e isso incluía não me apaixonar pelo grego. Em hipótese alguma. *Jamais*.

Seria o desafio mais difícil da minha vida não me envolver além do papel que seria assinado, pois era óbvio para quem quisesse ver o quanto meus olhos brilhavam quando eu o via e seu perfume me embriagava, meu coração acelerava ao estar tão próximo de seus braços com aquela sensação de borboletas no estômago.

Ferrada.

— *Agápi*. — Apolo estava de volta ao quarto, chamando-me pelo apelido carinhoso.

Anjo.

— Oi. Estou terminando aqui. — Dei uma última olhada no espelho, vestida com as roupas que ele havia deixado para mim, saindo enfim.

Passei a língua nos lábios ao ver o banquete que ele tinha trazido em uma bandeja.

— Tudo para você, quero que recupere cada maldita grama do peso que perdeu. — Caminhou, parando próximo à cama, colocando o meu café da manhã na beirada dela. — Pode atacar tudo, foi feito especialmente para você.

— Vou começar a ficar mal-acostumada assim — brinquei, rindo.

— Não vejo problema algum. Sente-se. — Gesticulou com o dedo. — Eu vou te servir.

Agradei com um sorriso, caminhei em sua direção para me sentar no canto da cama. Ele fez o mesmo, gentilmente cumprindo com a sua promessa.

— Abra a boca, *agápi* — disse, pegando uma uva para levar até meus lábios.

Assim fiz, devorando-a de uma vez. Ele acabou rindo da cena.

— Essa é a minha garota. — Sorriu largo e veio beijar minha testa.

Estendi a mão para pegar outra e comecei a comer sozinha. Não me lembrava do último horário em que tinha me alimentado, pois estava faminta, como se não comesse havia muitos dias. Apolo continuou do meu lado e me incentivando. Estava tão entretida com as iguarias que havia na bandeja que mal percebi um papel por baixo; mesmo se estivesse em qualquer outro lugar, eu o reconheceria.

O contrato.

Como se tivesse captado o meu olhar apreensivo, Apolo começou a falar.

— É... Desculpe-me. — Tentou se justificar. — Você disse que iria assinar...

— Sim. Cadê a caneta? — Passei a mão na minha roupa, preparando-me.

Ele estava certo, eu havia feito uma escolha e era o momento de encará-la de frente.

— Se quiser revisar a leitura, não precisa necessariamente assinar agora. Temos tempo — murmurou baixinho. — Eu ainda te quero como minha esposa, acima de tudo e com todo meu coração. Não vai ser um papel que irá rotular a nossa relação.

— A caneta, Apolo — tive que aumentar o tom da minha voz. — Por favor.

— Aqui. — Levou até o bolso da calça, procurando-a. — É toda sua. Tem certeza?

— Sim. — Não era uma mentira.

Peguei o papel com as mãos, folhee até encontrar o ponto em que deveria assinar; não precisei pensar muito, escrevendo o meu nome de uma vez por todas.

Estava feito.

— Pronto. — Entreguei o documento junto com a caneta que usei.

— Feito. Esse é apenas o começo — disse contido, olhando-me. — Precisamos conversar sobre algumas coisas antes de tornar isso público.

— Claro. Agora sou a sua esposa, não é? — havia um tom de ironia em minha voz.

— Literalmente, sim. — Aproximou-se aos poucos, tentando me tocar. — Não era para ser assim, *agápi*. Não precisa ser só um acordo.

— O que quer com isso, Apolo? Você me confunde. — Suspirei.

— Quero a minha esposa dentro e fora da cama. — Estendeu a mão para tocar em meu rosto. — Vou te mostrar que isso pode ser muito mais que um papel.

— É melhor manter as coisas mais formais possível. — Tentei falar.

— Não. — Segurou com as duas mãos em meu rosto. — Vamos fazer dar certo. Eu quero você pelo tempo que isso durar e, mesmo quando acabar, se quiser continuar sendo minha, estarei disposto a fazer de tudo para tê-la para todo o sempre...

Para sempre.



Capítulo 16

Apolo Makris

— O bom filho a casa torna — disse ao abrir a porta da sala, entrando em passos articulados. — Meu primogênito.

— Papai. É bom revê-lo — cumprimentei-o com um sorriso. A minha figura paterna, o exemplo de homem que eu desejava ser um dia, queria ao menos chegar perto do terço do que ele era para nossa família e empresa. — Também senti saudades.

— Não mais que eu. A que devo a honra da sua visita tão cedo? — Colocou a sua pasta tradicional em cima de uma cadeira,

sentando-se em outra em seguida. — Acredito que não tenha saído de casa apenas para ver o seu precioso pai.

— Não. — Coloquei as mãos sobre a mesa do escritório, ajeitando-me na poltrona. — Precisamos conversar. Quero a direção da minha empresa de volta.

Fui direto ao ponto, sem fazer rodeios, colocando em prática a segunda parte do meu plano: recuperar o patrimônio ao qual por tantos anos me dediquei com maestria. Tinha acordado naquela manhã com fôlego para confrontar o meu pai e colocá-lo contra a parede, ainda que o amasse e respeitasse a sua decisão, na época, de me tirar do cargo. Estava na hora de exigir de volta o meu comando, o posto de CEO da nossa rede de hotéis, a Atlantic Makris Hotels. Eu não era mais o homem atormentado de antes, sem capacidade para liderar uma empresa. Passada a pior fase, depois de aceitar ajuda médica para ter uma qualidade de vida melhor, eu acreditava fielmente estar preparado para encarar.

Encarar os novos desafios.

Encarar a minha nova realidade.

A minha família.

Uma semana havia passado desde que Lidiane assinara o contrato de casamento. Após oficializar a nossa relação no papel, renovaram-se as minhas forças e esperança. Essa foi uma decisão dela, que me surpreendeu completamente, pois jamais imaginei que a garota fosse capaz de voltar atrás em sua escolha; julgo que foi influenciada, tomara a decisão em meio a uma situação difícil. Porra! Causava um rebuliço na minha cabeça a lembrança do maldito episódio na boate, onde tive a sorte de impedir pela

segunda vez que algo pior acontecesse. Por *Kyrios*, eu não suportaria.

Jamais me perdoaria se algo ruim acontecesse à minha garota.

Aceitar assinar o acordo lhe dava garantias, benefícios que iam além do papel, pois eu desejava tê-la em meus braços verdadeiramente e pretendia oficializar nossa união perante todos o mais rápido possível. Planejava sair da casa dos meus pais para construir uma vida com as minhas duas mulheres em uma nova casa, afinal a pequena Anne fazia parte do pacote sob encomenda, além de ter conquistado o meu coração e amor. Mas, para que isso se tornasse possível, eu tinha que tomar as rédeas de uma vez por todas da minha vida; a minha mãe seria uma grande aliada para fazer meu pai enxergar as minhas mudanças e superações.

Eu estava preparado para o embate.

— Simples assim? Meu filho, faz quase um ano que você não pisa os pés nessa empresa, muitas coisas aconteceram sem o seu conhecimento ou comando.

— Compreendo a situação, senhor Dioniso Makris — alfinetei-o chamando pelo seu nome, e puxei uma respiração funda antes de continuar falando. — Pai, eu sei que não fiz o papel certo ao abandonar a empresa quando a minha esposa morreu, fui um fraco e não foi para ser assim que o senhor me criou. Reconheço e assumo o meu erro, além de ser grato pelo seu ilustre papel na administração todos esses meses. O senhor fez um brilhante trabalho, garantindo que a Atlantic continuasse sendo uma das maiores e mais bem-conceituadas redes hoteleiras de toda a Grécia.

— Devo confessar que você fez o coração do seu pai quase parar, meu filho... — disse, olhando-me com um sorriso largo. — Não sabe o quanto esperei por esse dia. Você não sabe o quanto desejei que saísse daquele quarto, que reagisse de uma vez por todas e voltasse a ser esse homem aí, que parte para cima sem medo de ouvir um “não”. O meu Apolo determinado, quando quer e não desiste facilmente. Esse é o meu filho. — Levantou-se. — Como eu ousaria negar um pedido desses?

— Pai. *Kyrios!* — Afastei a poltrona, levantando-me. — Eu tive muito medo de que o senhor não fosse capaz de ver o quanto estou me esforçando nesses últimos tempos para superar esse trauma e que me visse ainda como um quebrado.

— Nunca, meu filho. Você é capaz de enfrentar tempestades piores, Apolo. Nunca se esqueça das palavras do seu velho pai quando ousar querer cair novamente.

O meu peito se inflou de emoção e caminhei até ele, abraçando-o apertado.

— Obrigado, pai.

— Eu e a sua mãe nunca vamos desistir de você. Temos motivos de sobra para acreditar em sua mudança, vê-lo seguindo a vida e se permitindo amar novamente, não há palavras que expressem o quanto estou orgulhoso de você, filho — respondeu, apertando-me, e deu uma batidinha com a mão em minhas costas. — Quando vai ser o casamento?

— Papai. — Eu me afastei um pouco para lhe responder. — Ainda é muito cedo para pensar nisso.

Tive que omitir para que não captasse em meu olhar a tensão reveladora de que era tudo mentira. Eu não estava com Lidiiane

pelos motivos certos.

— Oras, e quando é o momento certo? Eu e a sua mãe estamos empolgados com a chegada da garota, inclusive soube por alto que ganhei uma netinha adorável. — Gargalhou, descontraído, voltando a se sentar na cadeira.

O fato de minha mãe gostar da Lidianne não foi nenhuma surpresa, mas meu pai, sim, foi surpreendente, pois ele não negava o quanto odiava a minha falecida esposa. Descobrir que a minha família aprovava minha nova união deixou-me extasiado.

— Tenho a sua aprovação para me casar? — perguntei com tom de brincadeira.

— Toda e para sempre, meu filho. — O meu pai sorriu largo. — Pela primeira vez fez uma escolha sábia. Eu nunca gostei daquela víbora que padece no túmulo.

— Papai, respeite a alma da Helena — tentei interceder.

Não era justa a forma como se referia a ela, ainda que estivesse morta. Um dia a amei com todo meu coração.

E sempre guardaria esse amor em algum lugar...

Não reprimir.

Não lembrar.

Permitir-se recomeçar.

A minha cabeça apertou, recordando as sessões e palavras da minha psicóloga.

— Nunca escondi que não gostava dela e, mesmo depois de morta, esse sentimento não mudou. Essa é a verdade. Aquela mulher te deixou cego para a vida, além de quase te afundar em um buraco; morreu mas causou um estrago em sua cabeça.

— Papai, por favor — quase implorei para que parasse de falar dela.

— Não, eu preciso te contar e falar o que está preso em minha garganta por meses. Helena nunca te amou, meu filho. Nunca. Ela sempre foi apaixonada pelo seu irmão, era malditamente louca por ele — jogou a verdade na minha cara e quase caí para trás. — Tenho provas de que não estou mentindo. Eu sei que é duro ouvir isso assim, mas estava na hora de te contar.

— Quando? Quando descobriu isso? — perguntei, a voz entrecortada.

— Poucos meses depois que ela faleceu. Encontrei uma carta escrita por Helena na porta do quarto do seu irmão e resolvi investigar para descobrir toda a verdade.

— Malditos! — praguejei alto, virando-me para dar um soco na mesa.

— Não! O seu irmão não tem culpa alguma, nem sequer correspondeu. — Tentou se aproximar, tocando-me. — Ele só nunca te contou porque te ama acima de tudo, quis esconder a verdade para não te magoar. Para ser mais sincero, mesmo que contasse, você nunca acreditaria, pois sempre foi cego de amor por aquela víbora.

— Chega! — Ergui a mão. — Não quero saber de mais nada... Acabou.

Caminhei pela sala em busca de minhas coisas e peguei-as.

— Não faça nenhuma bobagem, meu filho. Acredite em mim.

O meu silêncio serviu como resposta, passei por ele saindo da sala.

O véu que cobria os meus olhos caíra. Como isso era possível? Como? Anos e anos de casado, apaixonado, idolatrando uma mulher que, no fim, não era o que sonhei. O peso da verdade roubava todo o meu ar, eu sabia que as palavras proferidas pelo meu pai não eram vãs, ele nunca seria capaz de mentir para mim. Era real. A minha falecida esposa amava o meu irmão, e não a mim.

Eu havia sido enganado por Helena, minha esposa. Os seus beijos cheios de paixão, sua entrega quando murmurava entre orgasmos o quanto me amava e queria construir uma família ao meu lado não eram juras sinceras do seu coração. Uma parte da minha cabeça se recusava a acreditar que isso era possível, *não, não podia ser*. Como pude ser tão cego? Como não consegui perceber antes?

Só existia um único lugar do mundo em que eu desejava estar.



Vinte e cinco minutos depois, eu estava em frente à casa de Lidiiane. Não sabia como tinha conseguido dirigir até lá, meus pensamentos se atropelavam, navegando entre o passado e o presente, peças perdidas se encaixando entre si. E tudo me levava a uma coisa; fora enganado por minha esposa e meu irmão, que omitiram seus sentimentos. Eu precisava ver Adônis, colocá-lo contra a parede e ouvir tudo que ele guardava por todos aqueles

anos, assim como estava preparado para ver as provas que o meu pai havia conseguido contra ela.

Um passo por vez.

Respirei fundo, determinado a ignorar aquele assunto para me perder nos braços da garota que trazia calma para minha tormenta; com ela, não havia dor ou culpa. Caminhei até a porta da sua casa, estendi a mão para tocar a campainha. Apertei duas vezes, ficando um pouco ansioso para vê-la depois de dias longe do seu olhar e do seu beijo. Não demorou muito para Lidiane surgir, abrindo-a e dando-me o seu melhor sorriso.

Dei um passo para a frente, abraçando-a com força.

Minha mulher.

— Hum... Oi. — Deu um risinho quando encostei o rosto em seu pescoço, cheirando-a, raspando a barba em sua pele, que se arrepiava.

— Senti a sua falta. — Apertei-a um pouco mais, sentindo-me em paz.

Ali era o meu lugar.

Ao seu lado.

— Acho que posso dizer o mesmo. — Ela levou a mão até o meu cabelo, fazendo um carinho suave na minha nuca. — Você está bem? Parece tão... ofegante.

— Não, mas... — Engoli em seco. — Vou ficar. Será que posso entrar?

— Sim. — Afastou-se e sorriu. — Estou terminando de rechear um bolo de chocolate.

— Obrigado, *Agápi*. — Retribuí o sorriso, beijando sua testa.

A minha garota deu espaço, permitindo-me entrar, e agradeceu silenciosamente.

— TIO POLO! VOCÊ. — A pequena Anne estava sentada no sofá com duas bonecas, deixou-as de lado e veio correndo em minha direção.

— Oi, minha pequena. — Peguei-a no colo, girando-a no ar.

— Você veio mesmo. *Tá* aqui. — Passou os bracinhos em volta do meu pescoço e deu um beijo estalado em minha bochecha.

— Sim, eu estou aqui, minha pequena garotinha. Soube que tem bolo de chocolate... Será que você vai me dar um pedaço? — brinquei com ela.

— Juro juradinho que sim. — Piscou os olhos e coloquei-a no chão. — Vem.

Estendeu a mão e segurei-a. Lidiane acabou rindo e nos conduziu até a cozinha. O lar das minhas duas garotas era pequeno, mas bem-organizado e de tons claros.

— Acho que vão ter que esperar um pouquinho. — Lidi fez um gesto com os dedos, indo para a pia higienizar as mãos a fim de continuar o seu trabalho.

— *Tá*, Lili. Você espera, tio Polo? — Anne perguntou curiosa e acenei concordando.

A irmã provavelmente havia ensinado a garotinha a me chamar daquela forma.

— Todo tempo do mundo. — Fiz um carinho em seus cabelos. — Enquanto isso... que tal você ir pegar as suas bonecas para brincarmos um pouco?

— Sério? — Deu dois pulinhos em minha frente. — Posso, sim, espera aqui.

Concordei com a cabeça e a pequena saiu correndo. Aproveitei que estávamos sozinhos e caminhei até Lidiane, abraçando-a por trás e beijei o seu ombro.

— Obrigado... — soprei as palavras em sussurro, fechando os olhos.

— Apolo... Você vai me contar o que aconteceu? — murmurou baixinho.

— Eu prometo. — Dei outro beijo, afastando-me antes que a garotinha retornasse.

Lidiane suspirou, voltando a pegar o material para finalizar o recheio do bolo.

— Aqui, tio Polo. Olha... — Anne voltou trazendo não só uma, mas quatro bonecas.

Sorri largo, a felicidade brotando em meu coração. Como se não houvesse mais dor. Apenas uma segunda chance inesperada que a vida me dava para recomeçar.



Capítulo 17

Lidiane Galani

— O bebê tinha um poder mágico apenas encontrado dentro da família real. Ela poderia fazer pérolas, mover-se, dançar e brilhar, tudo sem tocá-los...

Apolo estava sentado no chão sem os sapatos, corpo relaxado e um livro de histórias na mão. Minha irmã estava ao seu lado, abraçando-o pela cintura, com as bonecas em frente como se fosse a plateia. Uma cena divertida e bela de se apreciar de longe. Era

incrível imaginar que, em tão pouco tempo de convivência, os dois se entendiam, criaram um vínculo verdadeiro que não fazia parte do nosso acordo. Saber disso trazia paz ao meu coração, e este cada vez mais se tornava dele, que me tinha como sua propriedade, um papel que nos unia.

Minhas pernas quase falharam ao pensar sobre isso. *Não*. Eu não podia misturar as coisas ainda mais do que já estavam, mesmo sabendo que o coração era uma maldita terra sem dono em que ninguém mandava. Não conseguia mais ter controle algum sobre aquilo, tampouco de impedi-lo de nascer em mim, não quando parecia cada vez mais forte, voraz, enraizado na minha vida e alma. *Eu estava apaixonada*. Da forma como o conheci inesperadamente, atravessando minha vida como um tsunami, aquele sentimento cresceu sem que pudesse evitá-lo, mesmo tentando.

E como tentei.

Sempre fracassando.

Sem sucesso.

Todas as minhas tentativas de me afastar dele e reprimir traziam-me para o mesmo lugar; seus braços. Como se ali fosse o meu lar, a minha morada secreta. Quando meu olhar encontrava o seu, a sintonia era crescente, vibrava por todo o meu corpo, e o sorriso acolhedor que me dava fazia-me ver que aquele papel assinado não tinha importância alguma sobre nós, parecia ser real. Eu me iludia com essa esperança, apegada na chama viva que nos cercava, na ideia de que um dia poderíamos ser muito mais que um acordo. Seus abraços eram verdadeiros, capturando a minha alma, seus beijos, cobertos de paixão e sede. Eu conseguia sentir que

aquela entrega se sobressaía ante todas as malditas cláusulas e o dinheiro.

Acreditava que sim, mesmo que fosse só uma ilusão da minha cabeça.

— Conta mais, conta... — Anne insistiu empolgada pela história da princesa Lumina, que fazia parte da coletânea de filmes da Barbie, a sua personagem favorita.

E não podia esquecer da Frozen, precisei morder o lábio para não rir.

— Ela era a herdeira legítima do trono, mas um homem muito malvado queria que o seu filho fosse o rei, e por isso ele deu um jeito de tirá-la do castelo e dos pais. — Apolo contou delicadamente, folheando para a próxima página.

— Poxa, que triste. Ela ficou assim... Assim como eu, tio Polo? — perguntou, curiosa.

— Assim como, minha pequena?

— Sem papai e sem mamãe.

Meus olhos se arregalaram com sua resposta, era a primeira vez que a ouvia tocar naquelas duas palavras. A minha garotinha era muito pequena quando nossa mãe nos abandonou e eu não sabia muito bem como Anne se sentia em relação àquilo, pois nunca comentava, além do nosso pai que tanto amou a minha irmã.

— Pequena, olha aqui... Você tem isso e muito mais, *Lili* é mais que uma irmã. Ela é o seu tudo. — Apolo deixou o livro de lado para tocar nos cabelos da minha garotinha. — Ela muitas vezes é como uma mãe, que cuida e protege você de tudo.

— E você vai ser como o meu papai?

Senti as pernas vacilarem novamente e recostei-me ainda mais na parede.

— Anne — alertei-a para impedir que continuasse falando sobre aquilo.

— *Agápi*, deixe-a... — Ele me olhou, dando um sorriso largo, e se voltou para a Anne. — Pequena, sim, eu posso ser, se é isso o que você quer.

Kyrios...

— Eu quero muito! E eu vou ser finalmente uma princesa de verdade. Rei, rainha e princesa — disse empolgada, apontando para nós três separadamente.

A minha pequena irmã se aproximou, abraçando-o de lado, e os dois sorriram. Sem que notasse, meus olhos se encheram de lágrimas, emocionada com a cena deles.

— Lili, vem abraçar a gente — chamou e não pude recusar o seu pedido.

Funguei tentando disfarçar o choro e caminhei, abaixando-me para abraçá-los. Apolo estendeu a mão em minha direção, fazendo um breve carinho em meu rosto. A sensação de paz tomou conta, levando para longe todas as incertezas.

— Acho que quero outro pedaço de bolo de chocolate — ele murmurou.

— Eu quero também, Lili. Dois pedaços.

Nos afastamos e troquei um olhar rápido com Apolo, senti vontade de beijá-lo.

— Vou providenciar para as minhas duas garotas, fiquem aí...
Eu realmente estava completamente apaixonada por ele...



— Aquela sua amiga é meio maluquinha, *agápi*... Preciso apresentá-la ao meu irmão. Já pensou? — Apolo comentou, passando pela porta da cozinha e vindo ao meu encontro, envolvendo as mãos ao redor da minha cintura. — Acabou aí?

— Estou quase — sussurrei, lavando as mãos e finalizando a louça.

Havia enviado uma mensagem para minha amiga Penélope pedindo para que Anne passasse o restante do dia com ela, pois precisava conversar a sós com o Apolo, que se prontificou, gentil, em acompanhá-la até a casa que ficava ao lado da minha.

— Não menti quando disse que senti sua falta... — Esfregou o nariz em meu pescoço, mordiscando a minha pele com força. — Do seu cheiro, de você inteira. Estou como um maldito viciado, dependente de você para continuar respirando.

Fechei os olhos, arrepiando-me inteira com seu contato e palavras.

— Sei que precisamos acertar algumas coisas, mas tudo que quero neste momento é te ter, te foder aqui, contra essa parede, para matar essa maldita saudade — murmurou rouco, virando-me de vez, e tomou a minha boca em um beijo.

Minha única reação foi corresponder, partilhando do mesmo sentimento, da mesma intensidade e desejando-o com todo o meu coração e corpo. Suas mãos desceram pela minha cintura,

encostando-me contra a parede, e ele encerrou o beijo com mordidas em meus lábios, vindo com a boca chupar o meu pescoço com força. Um formigamento me deixou quente, querendo senti-lo em mim, tomando tudo, experimentar as sensações arrebatadoras que me causava quando me tinha, me tornava sua mulher. Ele mordiscou, fazendo uma pressão sobre a pele, sugando; no outro dia provavelmente ficaria marca, o seu rastro presente ali. Fiquei parada, tentando pelo menos, abandonando-me ao momento, nossa entrega.

Apolo parecia desesperado, faminto, em busca de mais e mais. Desceu com a boca, beijando-me toda, apalpando os meus seios por cima do vestido sem dó. Ficando de joelhos em minha frente, afastou as minhas pernas, pedindo permissão para iniciar seu ataque voraz. Fiquei vermelha, querendo me mover para o lado, pois não tinha me preparado, tampouco depilado a minha região. Ainda era uma garota tradicional, gostava de mantê-la assim, mas, desde que tinha perdido a virgindade tornou-se um novo hábito ser mais delicada e cuidar-me mais.

— Deixe-as abertas, se ousar fechar mais uma vez vou te colocar de quatro, apalpar sua bunda incontáveis vezes até que entenda o quanto eu quero tudo. Tudo, *agápi* — falando assim, ergueu o meu vestido para que eu o tirasse pela cabeça, dando um fim em minha calcinha, rasgando-a.

Eu estava sem palavras com a sua intensidade e dominância.

— Boa garota, agora irei me fartar do meu paraíso, veja só...
— sussurrou, abrindo com os dedos minha boceta, passando a língua pelo monte de vênus, até parar no clitóris, circulando com a sua língua lentamente, torturando-me. — Deliciosa.

— Ahm... — Mordi os lábios, usando a mão para me apoiar na parede, sentindo-me como uma gelatina em suas mãos, prestes a cair.

— Quero ouvir os seus gemidos, não se prenda, *agápi*.

Sua mão apertou a polpa da minha bunda com força, aumentando as investidas com a boca em minha boceta, sugando, mordiscando-a, e levando-me ao delírio. Era difícil manter os olhos abertos sob os seus, vendo a cena sexy, sua idolatria. Comecei a soltar gemidos sôfregos, ainda que baixos, pois não estávamos em sua luxuosa casa, ali precisava me conter, ou todos teriam conhecimento do que acontecia entre as paredes daquela cozinha.

— Deliciosa... Tão minha. Chupe. — Apolo estendeu a mão, roçando dois dedos em minha boca, pedindo permissão para entrar. E assim fiz, cedendo. — Muito bem.

Em seguida os tirou, levando-os em direção à minha boceta, penetrando-a com eles devagar.

— Ah... — não consegui conter o gritinho pela invasão e me contorci em sua boca.

Ele me segurou, mantendo-me ali parada, mamando com afinco, sua língua fazendo movimentos, uma pressão gostosa que me deixava ainda mais desejosa e molhada. Seus dedos ganharam espaço, em um vai e vem lento, firme, afundando-se com força. Levei a mão até sua cabeça, passando os dedos entre os seus cabelos para puxá-lo. Quase esfreguei seu rosto em minha intimidade em busca do prazer que se formava deixando-me excitada e pulsante.

— Eu vou... — Abri os olhos, sendo engolida por um gemido alto.

— Vai, sim, gostosa. Me dê o seu prazer, quero me embriagar com o seu mel.

Foi o meu fim. O orgasmo me devastou, quebrando-me em duas, e quase caí. Mas ele não deixou, suas mãos mantendo-me amparada e segura. Apolo não me deu trégua, lambeu tudo mantendo a sequência de chupadas, e seus dedos alcançaram pontos em minha boceta que fizeram prolongar o ápice. Era demais...

— Que delícia! Ah, porra, eu preciso te foder. — Deu um último beijo na minha intimidade, lambendo o dedo molhado um por um para enfim se levantar.

— Eu quero... Por favor — quase implorei, desejando-o.

— Você fode com a porra do meu juízo, *agápi*.

Segurou meu rosto com as duas mãos e deixou um beijo demorado em meus lábios. Afastou-se em seguida para descer as mãos e abrir o zíper da sua calça social.

Apolo descartou a peça de roupa junto com a cueca e meus olhos desceram para o seu membro, ereto, a cabeça molhada de lubrificação.

Salivei querendo-o.

— Não olhe assim, *agápi*... por *Kyrios*, eu estou por um fio. E preciso te foder agora. — Veio, agarrando-me com força, o seu pau duro cutucando a minha barriga.

Makris passou minhas pernas ao redor da sua cintura, com a mão conduziu seu mastro até a minha boceta. Uma posição desafiadora de controle e equilíbrio no corpo todo, mas Apolo não parecia nem um pouco preocupado, determinado a nos proporcionar prazer. Aos poucos foi penetrando-me, a ardência não se fazia mais

presente como antes, restando apenas uma deliciosa sensação de preenchimento e pertencimento. Tornei-me uma verdadeira devassa, rebolei um pouco querendo senti-lo mais fundo; ele correspondeu ao ataque, dando uma estocada.

— Ah... Apolo. — Envolvi as mãos em torno do seu pescoço, minha boca procurando a sua, enquanto os corpos se encontravam querendo mais.

Sempre mais...

— Minha. — Iniciou uma sequência de estocadas com força, minha bunda estalando contra sua pele, ambos famintos, desesperados pelo prazer sublime.

— Sim... Eu sou sua — sussurrei entre gemidos, mordendo seus lábios.

— Essa boceta é toda minha, pertence à porra do meu pau. Olha como ela me recebe, toda quente, apertada. Ah, porra. — Afastou a boca para dar atenção aos meus seios, capturando um mamilo para chupar. — Completamente minha.

— Sua, sua... — Eu não respondia mais por mim, quase explodindo novamente.

— Para sempre? — Seu pau entrava e saía, voltando com tudo, arrancando-me gemidos, a pressão necessária, que me deixava cada vez mais perto de gozar. — Responde, porra. — Mordeu o bico intumescido, revezando nos dois.

— Aham... Por favor.

— Eu vou te dar, *agápi*, mas antes me responde. — Ele me torturou, diminuindo a intensidade da penetração, rebolando o seu pau em um ponto que me deixava desesperada, parando-o aos poucos para voltar com tudo e com força.

— Sim. Eu... Para sempre. — Fechei os olhos, alcançando o ápice.

Apolo tornou-se ainda mais voraz, vindo com tudo, fodendo-me com afinco, intenso. Sua boca largou os meus seios para tomar a minha, beijando-me com paixão, e eu me perdi, saboreando-o, tão rendida por aquele homem e por sua intensidade. Seus movimentos foram desacelerando calmamente, fodendo com lentidão. Sua língua sobre a minha, até que o senti me inundar, gozando e marcando-me como sua.

— Minha mulher.

O sussurro de suas palavras próximo aos meus lábios fez meu coração se acelerar.

Eu sou sua...



Capítulo 18

Apolo Makris

- Apolo, assim... Mais.
- Mais? *Assim* não está bom?
- Por favor... Só continue.
- Tudo que você quiser, *agápi*.

Quase ri, mas me contive o máximo que consegui, mordendo os lábios, e deixei um beijinho estalado em suas costas para continuar a sua massagem. Minha mulher estava deitada, relaxada, completamente nua entre os lençóis e eu a contemplava com as mãos, admirando suas curvas e beleza natural. Lidiane era

completamente deliciosa, manter distância do seu corpo era um desafio e a prova disso eram as marcas em seu pescoço, em sua bunda.

Tão minha.

A duras penas a trouxe para passar o final de semana em minha casa, junto da pequena garotinha. As minhas duas meninas. Eu ansiava passar um pouco mais de tempo com as duas, como se já fôssemos uma família de verdade. Minha noiva se mostrou indiferente, esquivando-se da ideia e usando desculpas paralelas para permanecer em seu lar, mas, com Anne ao meu favor, as duas vieram no final do dia. Minha mãe as recebeu de braços abertos, agarrando a pequena, que já a via como sua avó, e era questão de tempo até que o meu pai se juntasse àquele time.

Uma família...

Poderíamos ser uma.

Desde que descobri que a minha falecida esposa era completamente apaixonada pelo meu irmão, afastei-me do meu pai e de Adônis, evitando-os o máximo que consegui. Eu não sabia se estava preparado para ver as provas que continham a verdade que eu nunca havia percebido pelos meus olhos, e ainda não tinha coragem suficiente para isso. Fazia parte do meu processo de reconstrução enterrar o passado de uma vez por todas, Helena estava inclusa nele e o meu presente era outro, precisava continuar me desprendendo para prosseguir subindo novos degraus.

Um passo de cada vez.

Os últimos dias haviam sido tranquilos, a minha ansiedade estava controlada, a insônia aos poucos desaparecia e eu finalmente conseguia me sentir completo. Voltar ao passado para

descobrir o que fazia parte dele poderia me jogar de volta ao buraco, portanto a minha melhor escolha era continuar no escuro e cego.

— Está bom assim? — sussurrei, deixando outro beijo demorado, tentando me controlar e não descer mais do que deveria, para não ceder à tentação de tê-la de novo.

— Sim... Só não aperta muito assim. Estão sensíveis — respondeu baixinho.

— Onde, *agápi*? — perguntei de repente, ficando preocupado com ela.

— Os meus seios, devo estar perto de menstruar. É isso — explicou-se.

— Entendi. — Continuei, massageando-a e pensando sobre o assunto.

Durante todo o final de semana juntos, parecíamos evitar conversas sobre o contrato, apenas nos perdendo e nos encontrando dentro e fora da cama. Em uma sintonia inexplicável, aproveitávamos para nos conhecermos melhor, compartilhando detalhes, desde as coisas mais simples, às mais importantes de nossa vida. E Anne sempre por perto, colorindo cada segundo com sua graça. Cada vez mais eu sentia que aquele papel se tornava apenas um símbolo sem importância alguma.

Só uma folha que poderia ser rasgada.

Eu não precisaria de mais nada na vida se no final do dia tivesse aquele sorriso para me reconfortar e o seu abraço quentinho recebendo-me, afastando a tormenta. A sua luz, que me iluminava quando estava por perto, e ali não havia mais dor ou ansiedade, apenas uma sublime paz nunca sentida antes. Os momentos com a

pequena Anne faziam parte do meu pacote de felicidade, as nossas brincadeiras com as suas bonecas, e contar histórias da Barbie repetidas vezes. Eu não precisava de nada mesmo, quando tinha tudo com as duas garotas.

Kyrios.

Eu não havia ido tão longe para desistir assim.

Estava mesmo determinado a desistir daquela mentira?

Eram tantas dúvidas...

— Ei... Você ficou calado. Está tudo bem? — Mal notei quando ela se virou para mim, olhando-me.

— Só estava pensando em você, no quanto é linda, maravilhosa e minha — respondi rápido, afastando aqueles pensamentos da minha cabeça.

— Tem certeza? — ouvi um rastro de insegurança em sua voz.

— Sim. — Dei um sorriso tentando passar verdade e segurança na resposta. — Agora, que tal me beijar? Traga essa boquinha até aqui...

— Hum. E onde você quer a minha boca? — Mordiscou o lábio e sorriu.

— Que tentador, *agápi*. Tem certeza de que quer ouvir a minha resposta?

— Tenho... Então?

Gostava de vê-la assim se soltando, entregando-se sem pudor ou vergonha.

— Minha garota provocadora. Apesar de desejar ter a sua boquinha no meu pau agora, temos apenas uma hora e meia para chegar ao consultório, *agápi* — lembrei-a daquele detalhe e fiz carinho em seu rosto.

— A consulta. — Suspirou fundo. — Estava quase me esquecendo disso.

Cumprindo uma das cláusulas do nosso acordo, Lidianne realizaria uma bateria de exames, para ser a mãe do meu bebê, apesar de já senti-lo entre nós. A idade me trouxe aprendizados, e não me passavam despercebidas as mudanças em seu corpo, um pequeno volume crescendo em sua barriga. A gravidez avançava, provavelmente ela havia concebido na nossa primeira vez. Apesar de não haver nenhuma intenção da minha parte, acabara acontecendo, gerando o meu bebê. Fora um momento de calor, explosão e quebrei uma das regras.

Nosso bebê.

Ele ou ela não fazia parte do nosso acordo, vindo muito antes do planejado.

Eu ainda não tinha comentado com Lidi sobre as minhas suspeitas, quase uma certeza, enquanto a minha garota parecia não as notar. A verdade, contudo, estava se aproximando cada vez mais e eu esperava que no fim Lidianne ficasse feliz tanto quanto eu já me sentia por dentro, só de saber que o que tínhamos florescera. E um dos meus sonhos estava se realizando, mesmo que não fosse da maneira mais certa. O meu bebê sob encomenda iria ter a melhor mãe do mundo.

Eu tinha certeza disso.

Ajeitei-a na cama delicadamente, seus olhos sob os meus. Fiquei por cima sem colocar meu peso sobre seu corpo e beijei-a silenciando o que ela fosse falar. Queria que sentisse o quanto meu coração batia mais forte por ela; ainda que tentando ter uma qualidade de vida melhor, eu a tinha ao meu lado para me segurar

quando tudo queria ruir; a sua força era o meu gás para me levantar e tentar quantas vezes fosse possível. Beije-a com paixão, pois era o que pulsava dentro do meu peito, mesmo relutante, e que fosse difícil de acreditar, eu estava me apaixonando por ela.

A minha esposa, e mãe do meu bebê, acendeu a chama da paixão que estava morta em mim. Sentia que aos poucos me tornava capaz de amar novamente, de sentir aquela sensação gostosa, frio na barriga, um brilho no olhar, coisas que só despertam quando se ama alguém. Por meses julguei-me incapaz de sentir isso, acreditando que nunca encontraria outra mulher que acendesse essa fumaça, até ser salvo por Lidianne naquela noite. Um encontro de almas destinadas e perdidas. Ela estava o tempo todo ali, esperando-me com seus olhos brilhantes.

— Preciso de você, *agápi*... Te sentir — murmurei, afastando a boca para roçar o meu nariz no seu, desesperado, aquele sentimento sufocando-me por dentro.

— Apenas faça. — A palma da sua mão tocou o meu rosto, acariciando-me com amor.

Eu o sentia, era verdadeiro e irradiava em cada pequeno detalhe.

Estávamos nus, a sintonia, o fogo nos iniciando por dentro desde que o clarão do sol adentrara a janela do quarto. Dei um beijo demorado em seus lábios e afastei-me para descer com a mão pelo seu corpo, fazendo um carinho suave em sua barriga. Segui descendo até encontrar a sua boceta, que já se via molhada, esperando-me. Eu me sentia afortunado, completo com a minha garota ao meu lado; a nossa entrega, que não tinha nada de superficial ou mentiroso, era recíproca e única. Não era um

coleccionador de mulheres em minha cama, mas todos os anos que vivera casado jamais chegariam aos pés de tudo que estava vivendo com Lidiiane. A sua inocência não era um empecilho no caminho, pois ela se jogava, se rendia, me recebia com paixão, afinco e desejava-me apesar das falhas, das imperfeições.

Abri com os dedos sua intimidade, cutucando-a devagar, roçando seu clitóris, espalhando a lubrificação para que recebesse o meu pau sem uma preliminar, o desejo de tê-la logo impedia-me de me abaixar e idolatrar aquela boceta deliciosa. Segurei o meu membro com a mão, levando-o até sua entrada apertadinha, pincelando-o com cuidado para penetrá-la de uma vez, e gemi ao senti-la me recebendo. Minha garota gemeu quando a penetrei em um tranco, afundando-me em sua boceta quente, que se moldava em volta do meu pau tomando tudo para si.

— Ah, porra... — Segurei-a pela cintura, arremetendo contra sua intimidade, e me perdi naquela sensação gostosa, ainda mais fora de mim e excitado.

O meu olhar encontrou o seu, como o clarão de uma tempestade senti-me atingido, quebrando-me em dois, constatando a verdade que estava o tempo todo ali, eu me apaixonei por aquela doce garota. Meu coração se tornava seu, só seu. Precisei desacelerar os movimentos, fodendo-a com mais delicadeza, minha boca procurando a sua em um beijo devastador, intenso e que falava silenciosamente o quanto eu a queria, desejava tê-la para todo o sempre. Juntei nossas mãos, entrelaçando os dedos, apertando-a em mim, o orgasmo se formando sem que eu tivesse controle algum, explodindo por ela, a minha mulher.

Desci com o beijo para dar atenção ao meu canto favorito, os seus seios, lambendo-os um por um para iniciar uma sequência de chupões suaves e provocá-la. Mas não me esquecia que estavam sensíveis, não podia machucá-la como gostava, deixando-os vermelhinhos, marcados pela minha boca. Meu pau não dava trégua em sua boceta, dando estocadas fundas, firmes, rebolando em um ponto que a deixava molhada, prendendo-o por dentro, esmagando-o mais. Desci com a mão para tocá-la, esfregar o dedo em seu ponto de prazer para que pudéssemos encontrar o ápice juntos, dedilhando-a por cima sem dó.

— Ah... Caralho — o seu gemido com palavrão fez com que eu ficasse surpreso.

Mamei nos dois mamilos, sugando-os para voltar com tudo, meu pau fodendo-a com um pouco mais de força conforme sentia que ela estava prestes a gozar. Continuei estimulando sua boceta para que encontrasse o prazer, que não demorou muito a acontecer, ela gozou logo em seguida, com um gritinho alto chamando pelo meu nome, o que me fez explodir também, enchendo-a com a minha porra.

— Apolo... — sussurrou baixinho, ofegante, e apertou minha mão.

— Estou aqui, *agápi*. — Eu nos mantive conectados e a abracei apertado.

— Eu acho que... — Engoliu em seco para continuar falando.
— Eu te amo.

Três palavras, um único significado, que tiveram o poder de roubar o meu fôlego.

Ela me amava.

Porra.



— Senhora Makris. Relaxe o seu corpo um pouco mais — a médica da minha família instruiu Lidianne, para realizar o ultrassom vaginal.

Eu sabia que a minha garota estava confusa com aquilo tudo, pois tínhamos vindo à clínica para realizar alguns exames de sangue como parte do protocolo que eu julgava uma bobagem, mas eu tinha uma dúvida sobre a gravidez que seria descoberta em poucos segundos. A sua declaração ainda me assombrava, perturbando meus pensamentos, a ansiedade voltando com tudo. Eu não sabia como reagir àquela declaração sincera, restando o meu silêncio como resposta. A minha melhor saída foi levá-la para tomar banho, cuidar do seu corpo e ajudá-la a se arrumar para que viéssemos juntos resolver aquela outra parte do nosso acordo.

— Pode relaxar, respire fundo... — continuou falando e Lidianne concordou.

Desencostei-me da parede para me aproximar dela, que permanecia deitada na cama, e lhe dar suporte, segurando em sua mão. Abaixei o rosto para beijar sua testa, sussurrando baixinho, garantindo que eu estava ali ao seu lado. A minha família não tinha conhecimento do que estava acontecendo quando pedi, cedo, à minha mãe para cuidar da pequena Anne enquanto estivéssemos

fora resolvendo um assunto importante. Esperava em breve fazer um jantar para contar a todos sobre o nosso novo status de relacionamento, omitindo a verdade por trás.

— Hum... Olhem só, casal, o que temos aqui. — As imagens na tela começaram a surgir. — Um pequeno embrião se formando saudável e forte.

— O quê? — Lidianne ficou confusa e perguntou. — Eu...

— Sim, senhora Makris. Você está grávida. Veja só. — Apontou com o dedo para a televisão, explicando detalhadamente para a minha garota.

As minhas dúvidas estavam sanadas. O sorriso inundou o meu rosto de alegria.

Eu seria pai.



Capítulo 19

Lidiane Galani

Grávida.

Era o que a médica continuava falando e eu me recusava a acreditar no que estava acontecendo. Sem que eu tivesse domínio algum ou poder de escolha para voltar no tempo e fazer as coisas diferentes, um bebê crescia em meu ventre. Eu seria mãe. As lágrimas banharam o meu rosto, o medo tomou conta e baixei as pernas após o ultrassom, encerrando aquele exame. É claro que mais cedo ou mais tarde isso aconteceria, mas nada me preparara para ouvir a verdade, a constatação de que um embrião inocente se formava em minha barriga.

Eu tinha assinado um acordo e fazia parte de uma das cláusulas gerar o herdeiro de Apolo, mas não assim, não sem que eu estivesse pronto. Eu não sabia o que pensar ou como reagir, permanecendo estática em cima da cama, o choro tomando conta de mim. Pouco menos de uma hora atrás, estava nos braços do homem que eu amava, declarando o amor que sentia por ele, que nasceu e explodiu em mil pedaços. Agora, encontrava-me insegura, querendo fechar os olhos e acordar descobrindo estar em um sonho daqueles ruins, em que a sensação passa ao longo do dia, mas não.

Não era um sonho.

Não era um pesadelo.

A realidade era dura, eu precisava aceitar que tudo isso fazia parte de um acordo e que tinha cumprido com as duas partes, restando a outra, que era inevitável; um coração quebrado. Rejeitado. Eu sabia que ele não me amava e que me queria apenas por um papel assinado, mas, ainda assim, me permitia amá-lo, desejá-lo, jogando-me com tudo em sua escuridão, sem medo da queda. A culpa me assolou por inteiro, eu havia feito uma escolha

mesmo sabendo de todas as consequências, não existia mais uma opção que me faria voltar atrás e desistir a tempo de evitar.

Tarde demais.

As lembranças do meu pai vieram em peso, seus conselhos sinceros de quem entendia sobre a vida, sabia lidar com todas as situações difíceis, e tudo que eu queria naquele momento era me deitar com a cabeça em seu colo, recebendo o seu amor, esquecer por um momento que estava em um impasse entre certo e errado. Se estivesse vivo, ele me apoiaria e compreenderia as razões que me deixavam com medo, incerta sobre o que fazer. O seu abraço seria a melhor resposta e teria o poder de afastar para longe todos os sentimentos ruins. Ah, papai, chamei-o baixinho.

Que confusão.

— Doutora, nos deixe sozinhos, por favor. E não permita que nenhuma pessoa entre aqui pelos próximos minutos — Apolo pediu para a médica, que logo cumpriu sua vontade.

— Você conseguiu o que queria — foi a única coisa que consegui murmurar.

— O que eu queria, *agápi*? Você não ficou feliz com a descoberta, é isso?

Olhei-o de relance, passando a mão sobre o rosto para limpar as lágrimas.

— Você queria uma esposa e um herdeiro. Conseguiu as duas coisas. Parabéns — o tom de mágoa estava presente em cada uma das minhas palavras.

— *Agápi*, você sabia o tempo todo quais eram as minhas intenções com o acordo. — Tentou me tocar, mas o impedi com a mão. — Pensei que ficaria feliz...

— É, eu sabia desde o começo, mas, sabe o que é pior? Acabei me apaixonando por você — declarei novamente os meus sentimentos sem medo de sua rejeição.

— Eu sabia que isso também poderia acontecer, mesmo afirmando com todas as letras que nunca poderia te amar. — Respirou fundo. — Fui claro desde o princípio.

Ouvi-lo falar assim, sem um pinga de remorso na voz, me quebrou, a verdade acertando em cheio o meu coração e as lágrimas voltando com tudo.

— Por favor, não chore... Não era para as coisas acabarem assim. Não sabe o quanto me dói vê-la desse jeito — murmurou rouco. — Imaginei que fosse ficar feliz, assim como estou por dentro por saber que você será a mãe do meu bebê.

— Você sabia? Sabia que eu estava grávida? — disparei, perguntando.

Eu não era boba o bastante para não calcular quando a médica disse as semanas da gravidez, levando-me a crer que havia ficado grávida na nossa primeira vez juntos, pouco antes de o acordo ser formalizado no papel. Eu, provavelmente, já estava com o seu herdeiro no ventre quando recusei a sua proposta, voltando atrás depois de um mês. O bebê estava o tempo todo entre nós, fui boba por não perceber, por não sentir as mudanças do meu corpo, julgando-as normais.

— Eu tinha as minhas dúvidas desde que a levei para minha casa na noite do ataque, mas não tinha nenhuma certeza, para ser mais exato — explicou-se.

— Você sabia — era uma afirmação, acusei-o duramente.

— Em partes, sim. Aonde você quer chegar com tudo isso, *agápi*?

— Na parte em que eu constato que não era só sobre um acordo no final das contas. Você me usou! — explodi, apontando o dedo em sua direção. — Era o que queria o tempo todo, usando-me como parte de um plano sórdido seu. Sabia que eu poderia ficar grávida, pois tampouco se preocupou com as consequências daquela noite.

— *Agápi*, isso não é verdade. Eu jamais seria capaz de te usar dessa forma.

— E do que você é capaz, Apolo? Refresque a minha memória, conte a verdade.

— Aqui não é o melhor lugar para termos esse tipo de conversa. Você precisa respirar fundo e colocar a cabeça no lugar. — Ele tentou me tocar novamente.

— Eu não vou a nenhum lugar com você — quase gritei, levantando-me da cama.

— Por favor... Você só está abalada com a notícia da gravidez. — Segurou-me em seus braços, apertando-me. — Pare de deduzir as coisas sozinha. Eu nunca seria capaz de fazer isso com você, por favor. Acredite em mim, *agápi* — implorou.

— Eu... sinto que não está me contando a verdade. — Dei pequenos socos contra o seu peitoral. — Você me trouxe aqui para fazer um exame de sangue, mas lá estava eu, em cima de uma cama para realizar um ultrassom que você pediu, você, Apolo...

As coisas começaram a fazer sentido, peças de um quebra-cabeça se juntando.

— Eu já disse e vou repetir mais uma vez. — Segurou em meu rosto com as duas mãos sem colocar forças. — Tinha as minhas dúvidas em relação a isso, pois já não sou um adolescente, sei reconhecer as mudanças de um corpo... Eu já fui casado um dia e a minha esposa já ficou assim quando esperava o nosso bebê.

— Eu não sou ela. — Afastei-me, desferindo outro soco contra ele, em seu peitoral, querendo colocar para fora as emoções que tomavam conta. — Não quero saber se foi assim que ela ficou, *eu* sou *eu*, Apolo. Não uma cópia dela.

— Pare de colocar palavras em minha boca, porra... — praguejou, ficando nervoso. — Vamos para casa, Lidianne. Você só precisa respirar fundo, por favor.

— Não vou com você. Eu quero ir para a minha casa, não a sua. — Procurei a minha bolsa que estava na cadeira para pegar o celular que estava dentro.

— Não, porra... Não posso te deixar sozinha. Você está grávida, frágil e confusa.

— Posso estar tudo isso e muito mais, menos inválida para tomar uma decisão. Eu preciso de tempo e ficar o mais longe possível de você.

— Não pode fazer isso — tentou mais uma vez.

— Por quê? O seu acordo não me dá o direito de te dizer não?

— O bebê... — Aproximou-se, querendo tocar em minha barriga.

— Vai ficar bem aqui, afinal somos a sua propriedade, não é? Eu assinei e não tenho nenhuma pretensão de quebrar uma daquelas cláusulas milionárias — lamentei.

— Vem, pegue as suas coisas. — Gesticulou com o dedo indicando. — Vamos passar em casa para pegar Anne e te levar. É a única coisa que te peço, *agápi*.

— Só dessa vez — precisei deixar clara a minha decisão.

— Te darei o tempo que tanto quer para pensar, compreender a situação, a mudança que acontecerá em sua vida, mas depois eu vou ao seu encontro, vamos conversar e eu vou te contar tudo, *agápi*. Olho no olho como deveria ter sido desde o começo. — Tocou com a mão em meu ombro, acariciando-me suavemente. — Vai entender que isso não é só mais um acordo e que nunca quis te usar dessa forma. O bebê não faz parte disso, tampouco tem culpa das minhas decisões, pois, antes mesmo de você aceitar ser a minha esposa, ele já estava em seu ventre.

— A única verdade que não anula o fato de que você o quis propositalmente...

— Não adianta tentar te provar a verdade, neste exato momento você só consegue enxergar e sentir o que seus olhos querem ver. Está tudo nublado e confuso em sua mente, *agápi*. — Abaixou a cabeça, lamentando-se. — Quando chegar o momento certo, você entenderá as razões que me levaram a seguir por esse caminho, por mais que no final a sua escolha seja me deixar.

— A sua melhor escolha foi resolver me usar?

— Vai descobrir que eu seria capaz de quebrar o meu coração em vez de magoá-la assim. Eu morreria antes e disso nunca tenha dúvidas. — Colocou as mãos nos bolsos da calça, procurando algo que eu imaginava ser as chaves do carro.

— Eu... Só vamos embora.

— Tudo que você quiser.

Olhei-o magoada, passando em sua frente, abri a porta e sai de uma vez.

O prazo de validade estava prestes a acontecer.



— Eu não quero ir, Lili. Por favor, me deixe ficar — Anne pediu, quase implorando.

Fechei os olhos por um segundo, abrindo-os em seguida na vã tentativa de convencer a minha garotinha de que precisávamos voltar para a nossa casa. Não podíamos ficar naquela mansão, sob o teto do mundo que eu não suportava olhar.

— Outro dia — prometi, tocando em seu rostinho com a ponta dos dedos, torcendo para que entendesse. — Você não gostou de ficar aqui? Não foi bom? Então, agora é o momento em que agradece gentilmente para poder voltar outra vez.

— Sim. Muito. — Fez um biquinho fofo, agarrada na boneca nova que ganhara.

— Isso, então agora é a hora em que você vai se despedir e agradecer por tudo.

— Mas... nós vamos voltar mesmo? Jura?

— É claro que sim, minha pequena — Apolo se intrometeu, respondendo por mim. — Aqui também é sua casa e você pode vir quantas vezes quiser.

— Jura juradinho? — Voltou-se para ele, ficando empolgada.

— Sim. Quando quiser vir, é só pedir a sua irmã que me mande uma mensagem, que largo tudo para ir te buscar. — Caminhou até ela, ficando à sua altura, e sorriu.

Estava tentando de todas as formas não demonstrar para a minha pequena o quanto eu estava abalada com a descoberta da gravidez, as incertezas rodeando minha cabeça e levando-me a acreditar, no fim, que havia sido usada pelo Apolo. Anne ainda era só uma criança para entender como a vida funcionava, como tudo tinha acontecido. Eu precisava me preparar para contar por cima toda a verdade.

Omitindo o contrato.

— Tá. — Minha irmã abraçou-o apertado. — Não demora. Jura?

— Nunca... Eu juro com todo o meu coração. — Ele correspondeu, apertando-a. — Posso te pedir um favor, pequena?

— Sim. Sim. — Ficou empolgada e se afastou dele.

— Cuide da sua irmã por mim, por favor. Você pode fazer isso?

— Aham. Eu posso, sim. — Piscou os olhinhos e sorriu. — Ela tá dodói?

— Quase isso — murmurou baixinho. — Mas nós vamos cuidar dela, não é?

— Vamos, sim. Vamos mesmo!

Mordi o lábio ao vê-los, controlando-me para não chorar novamente.

Eu o amava tanto...

Eu não podia...

— Anne, dê tchau, por favor... — falei por um fio, suspirando fundo.

— Tchau, *tio-papai* Polo — brincou, deixando um beijo em seu rosto e correu para o carro que estava estacionado em frente à mansão para nos levar em casa.

— Espere por mim, Anne — quase gritei, mas a garotinha não me obedeceu.

— *Agápi*, um tempo e nada mais — disse se aproximando. — Por favor, se cuide. — Beijou a minha testa. — Cuide da Anne e do nosso bebê. — Tocou em minha barriga, fazendo um carinho por cima da roupa. — Nunca foi uma mentira...

Dei um passo para trás, afastando-me e o deixando sem resposta. Melhor assim... Caminhei até o carro apressada, as lágrimas escorrendo pelo meu rosto, deixando com ele uma parte do meu coração e levando outra, que crescia em minha barriga.

O nosso bebê.



Capítulo 20

Apolo Makris

ALGUNS DIAS DEPOIS

— Será que podemos conversar?

A voz rouca de Adônis, meu irmão, fez com que eu desviasse a atenção do computador onde me concentrava lendo um relatório importante da nossa rede de hotéis; dentro de alguns dias teria uma reunião para tratar algumas questões com o meu amigo e parceiro de negócios, Eros Demétrio. Eros estava finalmente de volta ao solo da Grécia junto com a sua mulher e o bebê ainda no ventre da mãe,

depois de passarem uma temporada intensa em Vegas. Eu estava ansioso para revê-lo, e descobrir quem era a mulher que descongelara o seu coração.

— Estou ocupado — respondi rápido, voltando a me concentrar na atividade.

— Você esteve nas duas últimas semanas também. Precisamos conversar, Apolo. — Fechou a porta, entrando de vez e sentando-se em uma cadeira em minha frente.

Eu não havia voltado atrás na minha decisão desde que tive conhecimento sobre a verdade revelada de forma brusca pelo meu pai, não queria saber de mais nada relacionado a minha falecida esposa, pois, assim como ela estava, algumas coisas merecem também ser enterradas de vez. Por meses me vi preso na culpa, atormentado entre as paredes do meu quarto, usando a maldita aliança e amando-a como se o mundo só fizesse sentido se ela estivesse do meu lado.

Como fui fraco.

O véu que cobria os meus olhos caíra, permitindo-me desprender, dar passos que antes julgava incapaz de esboçar, vivendo na escuridão que ficou no meu peito com sua partida. As sessões de terapia semanais traziam-me essa certeza e confiança de que aos poucos o meu casamento ficava apenas no passado, sendo enterrado junto com a Helena, que nunca havia me amado verdadeiramente, fora uma farsa.

— Não quero saber o quanto a minha esposa te amava e que me iludiu por tantos anos de casados... — falei primeiro, desviando a atenção para o meu irmão. — Se quer saber se te perdoo? Sim, eu te dou o meu perdão. Agora pode ir.

— Apolo, caralho... Irmão. — Juntou as duas mãos sobre a mesa, soltando o ar preso nos pulmões. — Eu nunca tive coragem de contar a verdade olhando em seus olhos. Fui um covarde com você, irmão, e não sou digno do seu perdão. Eu sabia o quanto você a amava, então me fiz de cego, ignorando o quanto aquela vadia se oferecia todas as vezes que me via, mandava recados de voz e mais mensagens.

Suas palavras quase me fizeram vomitar, a ânsia de vômito queimando por dentro.

Como fui capaz de um dia amar alguém assim?

— Pare, eu não quero ouvir mais uma palavra sobre ela. — Ergui um dedo em sinal de aviso.

— Saiba que nunca fui capaz de tocá-la e nunca correspondi a sua paixão. Eu só a via como sua esposa, respeitava-a e desprezava todas suas investidas humilhantes.

Eu sabia, a essa altura do campeonato, que Helena havia se casado sem amor, apegada à falsa esperança de através de mim ter acesso livre ao meu irmão, um meio para um fim. Fui apenas uma peça no seu jogo, um boneco que ela usara por anos.

Levei as mãos até o rosto, respirando fundo e tão certo sobre a minha decisão.

O meu futuro era com Lidianne.

A minha segunda chance.

— Esqueça a porra desse assunto, Adônis. — Dei um soco na mesa, apertando o punho da mão com força. — Quando o papai contou sobre toda essa merda, nem sequer fui capaz de olhar as provas que ele juntou. Sabe por quê? Porque eu não quero saber de nada que diz respeito a Helena, ela morreu, assim como todo o meu

amor. Amor esse que me cegou, deixou-me preso naquele quarto remoendo a maldita culpa por ser eu a dirigir o caralho daquele carro, desejando todo santo dia tê-la de volta. — Fechei os olhos por um segundo.

— Irmão, porra. Eu nunca vou me perdoar por ter feito essa escolha.

— Faz parte do passado. — Engoli em seco, encarando-o. — Só quero continuar esquecendo essa merda, recuperar a minha vida e conquistar de volta a minha mulher. Lidiane está grávida do nosso bebê — em meio ao caos resolvi comentar.

Só de me lembrar da minha garota, sentia-me completo e vibrando por dentro, afastando para longe todos os sentimentos negativos que vinham junto do meu passado. A saudade viva, pulsando em meu peito. Desejava vê-la, ouvir a sua voz, admirar cada pequeno traço do seu rosto, amando-a com a minha boca e com tudo de mim. *Kyrios*. Os dias passavam cada vez mais rápido, e o prazo que lhe dei se esgotava. Eu não aguentava mais ficar longe das minhas meninas e do nosso bebê, precisava conferir com os meus próprios olhos que os três estavam bem sem mim.

Minha família.

— Caralho, irmão! Você vai ser pai e eu finalmente vou ser tio. — Levantou-se, vindo me cumprimentar com um aperto de mãos. — Parabéns, você conseguiu.

— Ela ficou grávida muito antes de assinar o contrato — revelei.

Lidiane me culpava por aquilo, mesmo eu sabendo que no fundo não era verdade. É claro que ela fazia parte do meu plano, o casamento e o bebê para recuperar o meu poder, mas em hipótese

alguma engravidei-a com essa intenção. Jamais seria capaz de algo tão sujo. Quando mandei o meu irmão redigir o contrato, o objetivo principal era que isso acontecesse dentro das leis e com o conhecimento dela, mas havíamos pulado aquela etapa. Tê-la pela primeira vez foi explosivo, um encontro inesperado, tanto que nem me lembrei de que precisava me prevenir, sendo assim a porra de um maldito egoísta. Eu assumiria as consequências e a culpa por isso.

Só precisava de uma chance para contar a verdade.

Declarar-me, dizer o quanto os queria em minha vida.

Fechei os olhos, apertando-os com força, sentindo vontade de chorar.

— Parece que as coisas não terminaram muito bem. Quer me contar?

— Ela me deixou e me culpou por tê-la engravidado. Em partes está certa, a minha maior vontade sempre foi tê-la como esposa e mãe do meu bebê.

— Sua barriga de aluguel — brincou com a situação, descontraindo um pouco.

— Adônis, não é o momento para brincadeiras. Eu preciso reconquistá-la.

— Você pode começar a fazer isso se desfazendo do contrato de casamento.

Desviei o olhar para ele, ficando chocado com a sua ideia, que em nenhum momento havia passado pela minha cabeça. Eu sabia que aquele papel não tinha mais importância em minha vida; querendo ou não, o controle da empresa estava de volta em minhas mãos como deveria ser. Eu estava realmente disposto a abrir mão?

— Irmão, você está apaixonado pela garota. Sabe que precisa fazer as coisas da maneira certa. O primeiro passo é me dar liberdade para destruir o documento. Uma palavra sua e eu saio dessa sala agora mesmo determinado a cumprir sua ordem.

— Apenas faça. Destrua, por favor — disse tão certo quanto o ar que respirava.

Desliguei o computador, pegando as minhas coisas na mesa para encontrá-la. Eu precisava ver Lidiane, contar que estava apaixonado por ela e que não haveria mais contrato entre nós. *Nunca mais*. Poderíamos fazer dar certo e recomeçar de novo se possível. Aquele maldito papel deixaria de existir em nossa vida, sendo apenas uma lembrança como tantas outras que seriam esquecidas, permanecendo apenas no nosso passado. O futuro seria reescrito com transparência, construído com a verdade que eu trataria de contar com o coração aberto e, se depois de me ouvir ela ainda quisesse continuar ao meu lado, eu faria valer a pena cada chance concedida.

— Fez a escolha certa, irmão. Agora, vá logo buscar a sua garota.

— Obrigado — agradei com um sorriso, dando uma última olhada na minha sala.

Abri a porta, saindo em seguida, e passei pela minha secretária em sua mesa, deixando um breve aviso de que ficaria ausente da empresa durante o restante do dia.

A minha única missão era trazer de volta para minha vida a minha família.



— Você sabe para onde ela foi? Deixou algum recado ou algo assim? — perguntei, dando uma breve olhada em volta, na rua, tentando encontrá-la.

— Não. Tudo que sei é que me pediu para cuidar da Anne, pois não iria demorar — a senhora respondeu, olhando-me atenta o tempo todo.

Levei as mãos até o rosto, passando-as com força sobre a pele. Fazia pouco menos de dez minutos que eu estava em frente à casa de Lidianne, aguardando-a onde ela não se encontrava. O senso de proteção vibrava em mim, o desespero querendo me sufocar por não saber onde estava ou com quem estava. Sentia-me impotente, fraco demais por não ter sido capaz de procurá-la antes ou de tomar a decisão sugerida pelo meu irmão. Idiota!

Não conversamos e tampouco trocamos mensagens nos últimos dias. O seu silêncio me matava por dentro, estraçalhava-me em dois, mas respeitei a sua escolha a cada segundo, a sua decisão em se manter longe dos meus braços. Sabia que ela precisava de espaço para assimilar tudo que estava acontecendo, as mudanças que iria passar para gerar o meu bebê. Respeitei por todos os malditos dias, mas agora me sentia apavorado sem notícias suas.

Onde você está, pequena?

Volte para mim...

Quando o assunto era manter-me seguro e protegido, eu não dispensava uma equipe de segurança. Seguiam todos os meus passos depois de duas tentativas de assalto a mão armada em que me vira em pânico, mas pela primeira vez tive que abrir mão disso. Não queria que Lidiane se sentisse ainda mais sufocada caso soubesse que eu tinha exigido que a acompanhassem ainda que de longe. Maldita escolha!

Porra! Deveria tê-los deixado fazendo sua guarda, assim saberia onde ela estava.

— Onde está a Anne então? Eu quero vê-la, por favor.

A senhora de cabelos escuros, aparência de quarenta e poucos anos, me recepcionou gentilmente, eu sabia quem ela era, a mãe da amiga da Lidiane.

— Vou chamá-la, um minuto. — Virou-se, entrando em seguida na casa.

Concordei com a cabeça, procurando no bolso da minha calça o celular.

— Polo! Você veio. — Não demorou muito para a garotinha surgir na porta.

— Estou aqui, pequena. Como você está? — Toquei com a mão em seus cabelos, fiz um pequeno carinho e sorri para a minha menininha.

— Tô bem. Você veio ver a Lili também? — perguntou, esperançosa.

— Sim, ela te disse para onde ia? — Franzi a testa, esperando que soubesse.

— Sim. Foi ver uma amiga láááá longe. — Abriu os bracinhos, tentando explicar.

— Entendi. Uma amiga. — Engoli em seco. — Posso ficar esperando com você?

— Aham. — Deu dois pulinhos, abrindo espaço para que eu entrasse.

Mas, antes de dar o primeiro passo, uma voz chamou a minha atenção. Penélope.

— Anne... Apolo, o que você está fazendo aqui?

— Não me lembro de ter sido proibido de vir visitar a minha mulher.

A garota, que devia ter quase a mesma idade de Lidiiane, revirou os olhos. Desde o primeiro contato, nossa conexão não bateu nem um pouco, mesmo eu sabendo no fundo que era só o seu jeito de proteger a amiga.

— Você não deveria estar aqui... — continuou alfinetando-me. — Mas isso não vem ao caso agora. Eu preciso da sua ajuda — finalmente contou.

— O que aconteceu? — comecei a ficar preocupado.

— Recebi uma mensagem de um número desconhecido. Lidiiane está no hospital.

O meu mundo ruiu com sua resposta.

— Precisamos encontrá-la, a mensagem também dizia que ela perdeu o bebê.

A minha visão ficou turva e precisei me encostar na parede, prestes a cair no chão.

— POLO! A MINHA, A MINHA... — Anne entrou em pânico, pois tinha ouvido as palavras da Penélope. — A Lili. Eu quero... eu quero a Lidi. — Começou a chorar.

— Meu amor, ela vai ficar bem. — A amiga tentou consolá-la, abaixando-se.

— Pequena, eu... — Busquei forças para falar, por ela e Lidiane, as duas precisavam de mim. Não era o momento para ter uma recaída de ansiedade. — Vou encontrá-la, vai ficar tudo bem. Eu prometo com todo o meu coração.

— Jura mesmo? — Passou a mãozinha no rosto, fungando baixo enquanto a mulher a abraçava apertado, tentando reconfortá-la.

— Com a minha vida — prometi, saindo de perto delas para ir em busca da minha mulher.

Precisava encontrá-la.

Que estivesse bem.

O nosso bebê.



Capítulo 21

Lidiane Galani

ALGUMAS HORAS ANTES

Na vida existe um lembrete importante; nunca acredite em estranhos.

Eu seguia aquele aviso ao pé da letra desde pequena quando o meu pai me ensinou a importância de não acreditar em estranhos ou em coisas como aquelas, mas, por algum motivo desconhecido,

ao receber uma mensagem no meu celular cheia de informações sobre uma possível vaga de emprego em uma ONG, pareceu-me tentador conferir com os próprios olhos se coincidia com o tal anúncio. Eu não precisava fazer aquilo, tinha um acordo que me dava estabilidade, assim como uma conta bancária cheia, mas não queria usá-la, me prender na dependência que o fadado casamento me dava. Não quando eu queria me ver livre daquele papel, assumir a autonomia da minha vida e ter o meu bebê.

Longe do Apolo.

Longe de suas mentiras.

Havia uma cláusula rígida a esse respeito, em caso de quebra de contrato a multa era milionária, mas obviamente eu nunca conseguiria pagá-la. Não tinha condições, não possuía nem um terço do dinheiro que a família Makris tinha, ainda que quisesse com todo meu coração rescindir, de uma vez por todas, aquele acordo. Minha melhor alternativa era juntar uma quantidade favorável na minha reserva e viajar para o mais longe possível com Anne e o bebê. Era uma completa loucura fazer aquilo sabendo que, com os recursos que o Apolo tinha, era questão de tempo até que nos encontrasse, mas essa era a minha decisão desde que saíra do seu alcance, quando nos trouxe de volta para casa. Eu sabia que ele faria isso, mas enfrentaria o mar revolto só para ter a chance de me ver livre do seu acordo e do amor que nunca seria meu.

Como fui tola...

Ao assinar toda a papelada dando a minha palavra final, tinha conhecimento sobre as minhas obrigações como esposa naquela mentira toda, mas recobrei a consciência quando soube do bebê em meu ventre. Era pelo meu anjinho que estava tornando-me capaz de

cometer uma loucura, fugindo do Apolo, o seu pai. Não me importava de estar voltando atrás, antes tarde que nunca. Se ser covarde era fazer isso, eu podia ser considerada assim, ao me arrepender no auge da situação, quando estava finalmente com o seu herdeiro no ventre. A verdade é que o bebê havia sido gerado muito antes de eu ter tomado a minha decisão, a única parte boa em meio à ruim que se salvava. O nosso filho não era uma mentira.

Nunca seria.

O meu bebezinho foi feito com todo amor que havia em mim, com o meu poder de escolha em aceitar entregar-me ao Apolo, mesmo que ele tivesse segundas intenções.

— Você tem certeza de que vai a essa entrevista? É confiável mesmo?

A minha melhor amiga, Penélope, cortava algumas verduras para colocá-las na panela. Era a única pessoa em que eu confiava, que me ajudaria nessa jornada.

— Sim. — Omiti a parte de que havia recebido a proposta por mensagem.

— Sei... Eles te falaram para o que era a vaga? — Franziu a testa, olhando-me.

— Cuidado para não se cortar. — Gesticulei com o dedo apontando a faca em sua mão. — E te respondendo, bom, ainda não sei. Vou descobrir quando chegar lá.

— Se você esperar um pouquinho mais, eu posso ir com você.

— Não — respondi rápido. — Eu vou sozinha, você tem que ficar com a Anne.

— Sabe que a minha mãe pode fazer isso muito bem sozinha. — Revirou os olhos.

— Não quero te incomodar, além do mais não vou demorar muito.

Suspirei fundo, levando a mão até a barriga, fazendo um carinho por cima do vestido. Desde que descobri sobre a gravidez, os sintomas, que antes não davam indícios, começaram a surgir em peso. Os enjoos todas as manhãs, cedo, se tornaram a minha nova companhia, deixando-me indisposta. Ainda não tinha contado para ninguém além da Penélope, esperava passar mais alguns dias até que todos tivessem conhecimento, assim como a minha pequena garota.

— E o meu afilhadinho? — ela murmurou imitando a voz de um bebê.

— Bem... Eu acho. — Fiz careta, continuando a acariciá-la lentamente. — Estou esperando as coisas se organizarem para iniciar o pré-natal.

— Vou pegar no seu pé. Sabe que é questão de tempo até que o pai do seu filho bata a sua porta, não é? Ele não aceita ficar muito tempo longe de vocês.

Fechei os olhos por um segundo ao me lembrar dele. Ainda o amava com todo meu coração, se não ainda mais que antes, mas estávamos sentenciados a não ficar juntos e tinha quase certeza disso. Nossa relação era marcada pelo impasse, da maneira mais errada possível, e eu era apenas a sua esposa comprada. Uma parte do Apolo pertencia a sua esposa, pois sabia que ele sempre a amaria como se ela estivesse viva, o tempo todo ali entre nós, impedindo-o de recomeçar.

Não me passara despercebido o fato de que ele não usava mais a maldita aliança na mão esquerda, como se aos poucos fosse

soltando as suas amarras, como eu tinha sugerido fazer um mês atrás. Mas nem mesmo ver aquilo trazia-me esperança, ou segurança, nada indicava que aquele homem abriria o coração para me amar verdadeiramente. O amor florescia na terra cultivada, regada todos os dias pelo companheirismo, verdade, respeito e cuidado. Eu sentia que tínhamos muitas coisas em comum, mas o amor só fora produzido em meu peito.

Uma mera ilusão.

— Apolo é maluco por controle, proteção... Sei que deve estar se mordendo por dentro para não pegar o carro e vir me procurar, por isso preciso ser rápida.

— E o que espera? Que te aceitem nesse emprego e que dentro de um mês junte milhões? Amiga, por favor, a maluca da história quem está sendo é você.

— Eu tenho conhecimento disso. — Lamentei-me por dentro. — Mas também sei que não posso desistir de tentar. Ele não pode tentar tirar o meu bebê de mim.

— Amiga, essa é a última coisa que ele deve querer na vida. Você só precisa sentar, conversar com o Apolo e esclarecer questões importantes como essa que te aflige. — Terminou de cortar as verduras para lavar as mãos e se aproximar. — Não é essa Lidiane que conheço, você não é assim... Só está confusa e com muito medo.

— Muito — confessei logo, de uma vez por todas.

— Só vá a essa entrevista se for algo que realmente quer, caso contrário saiba que é uma tentativa fracassada, é quase impossível isso acontecer e dar certo. Sinto muito por usar essas palavras, mas sou a sua amiga e só quero vê-la bem.

— Eu quero ir embora, eu preciso — tentei mais uma vez falar, recorrer a ajuda.

— Querer e precisar são duas coisas totalmente diferentes. E você sabe disso.

— Eu... — Dei um passo para trás. — Vou logo resolver isso. Cuide de Anne, Penny, por favor. Diga a ela que fui ver uma amiga que mora um pouco longe.

— Qualquer coisa sabe o meu número de telefone. — Deu um sorrisinho sem graça.

Acenei para ela, despedindo-me com um beijo em seu rosto, e dei uma última conferida na minha bolsa para ver se meus documentos e o celular estavam lá. Murmurei um “até logo” e saí de casa sem me despedir de Anne, mas ela estava entretida em seu quarto, brincando com a filha da nossa vizinha, que tinha a sua idade.

O sol naquela manhã estava escaldante, assoprei-me algumas vezes na vã tentativa de me refrescar. Aguardava em um ponto de ônibus que ficava um pouco longe da minha casa e que não demorou muito para chegar à linha. Optara por não ir de metrô, já que as duas formas me causavam muito enjoo.

Rumo ao novo destino.



Apertei os olhos, abrindo-os lentamente e sentindo um leve incômodo no rosto.

— *Kyrios...*, que bom que acordou.

Onde eu estava?

— Apolo. — Engoli em seco duas vezes, a minha garganta seca, e com sede.

— Minha *agápi mou*. Eu estou aqui. — Sua mão tocou a minha e o choque veio. — Como se sente?

Eu estava deitada em uma cama de hospital com aparelhos ligados em meu braço. Não sabia como havia parado ali e o porquê. Tudo que me vinha à cabeça era o momento em que entrara no ônibus para ir à entrevista de emprego, e o instante em que saí dele, parando em frente ao prédio; a lembrança era vaga e o resto, apenas um borrão. Tentei me mover para o lado, mas senti uma pontada de leve.

— Apolo... O que aconteceu? O meu bebê? — Logo o pânico tomou conta, desci a mão até a barriga, passando-a por cima da roupa hospitalar branca.

— Ei, vai ficar tudo bem. Tente não ficar nervosa — sussurrou, carinhoso, acariciando-me com a mão. — Vou pegar um pouco de água para você.

— Não quero nada. Eu só quero saber como está o meu bebê, *Kyrios...* — quase gritei.

Não saber a verdade não facilitava em nada.

E se tivesse acontecido algo pior? Eu não seria capaz de suportar.

O meu bebê.

— Vou chamar o médico, *agápi* — murmurou, levantando-se da cadeira que estava ao meu lado da cama. — Não se levante e fique calma, por favor.

Apolo foi até o canto da sala, apertando um botão que ficava na porta, e tentei forçar a cabeça a descobrir o que tinha me levado a parar em um hospital, mas nada me vinha à mente além de uma confusão de pensamentos acelerados.

— Senhora Makris. Que bom vê-la acordada. Está sentindo alguma dor? Incômodo? — um médico alto passou pela porta, entrou e perguntou-me.

— Um pouco. O que aconteceu? Por que ninguém me diz nada? O meu bebê...

— Está perfeitamente bem em sua barriga, no lugar onde deve permanecer pelos próximos meses, até que nos faça companhia nesta vida terrestre — tentou descontrair, mas não consegui ver graça alguma em suas palavras. — Bom, vamos ao que interessa. A senhora foi trazida aqui desacordada, por uma mulher. Seu marido, junto da equipe de segurança, está até o momento investigando o que de fato aconteceu, mas o que sabemos é que você foi quase atropelada por um carro.

— Deus... Eu... — as palavras se perderam em minha boca e um soluço escapou.

— Ei, passou. Vocês estão bem. — Apolo se aproximou, segurando em minha mão.

— Uma pessoa que estava passando na rua presenciou a cena a tempo de te salvar, jogando o seu corpo e o dela no chão, caso contrário algo pior aconteceria.

— Quem? Quem? — perguntei, querendo descobrir quem tinha me salvado.

— A mãe de Helena — Apolo tomou a frente, respondendo pelo médico.

Ouvir aquilo me fez voltar atrás ao constatar que andava longe de uma salvação. Uma tentativa de acabar com a minha vida, desistindo então no último minuto. De repente tudo passou a fazer sentido, a mensagem e uma armação em que eu caí.

Quase.

— Ela... Foi ela que tentou acabar com a minha vida. Foi ela.

— *Agápi*, ainda não sabemos ao certo, mas a polícia já foi acionada. Vai ficar tudo bem, não precisa mais se preocupar. — Deixou um beijo em minha testa.

— Apolo. E se tivesse? O meu bebê? — Comecei a chorar, as mãos trêmulas.

— Vou deixá-los sozinhos. Volto em uma hora para examiná-la e dar alta médica — o profissional de saúde disse, saindo logo em seguida.

— *Agápi*, você está assustada com tudo que aconteceu. Sua dor é a minha. O nosso bebê está bem, forte e no cantinho dele. Você é forte, a minha pequena guerreira. — Beijou-me novamente. — Eu nunca deveria tê-la deixado sozinha, pela terceira vez quase a perdi, não fui capaz de protegê-la como deveria fazer.

— Você não é o culpado e vilão da história — murmurei, chorosa.

— Nunca vou me perdoar por tê-la deixado em perigo. Nunca me perdoaria se os tivesse perdido... Eu fui um fraco e passarei o resto da vida provando que mereço uma segunda chance para

consertar essas falhas, protegendo-a com a minha vida e coração. — Pegou em minha mão, entrelaçando os nossos dedos. — Sei que não é o momento mais propício para falar isso, mas não posso mais esconder, reprimir o desejo incontrolável de dizer o quanto te quero ao meu lado, o quanto me apaixonei pela menina mulher e mãe do meu bebê. Eu te amo, Lidi.

Ele me amava.



Capítulo 22

Apolo Makris

— E isso é tudo que você tem para me dizer?

— Por enquanto, senhor Makris. Estamos trabalhando o mais rápido possível para solucionar o seu caso, mas, quanto à segurança da sua família, o senhor pode ficar tranquilo, está tudo sob controle — respondeu o delegado de polícia.

— Eu só quero que ela pague pelo que fez com a minha mulher.

— Lamento pelo que aconteceu e estimo melhoras para a senhora Makris.

— Obrigado. Qualquer outra novidade sobre o caso, é só me ligar. Estou fora da Grécia por algumas semanas, mas meu irmão está cuidando pessoalmente disso.

— Pode deixar, chefe. Até logo. — Encerrou a ligação.

Suspirei, guardando o celular no bolso da calça, e sentei-me na cadeira.

Estava havia dias entrando em contato com um detetive particular, a polícia e a minha equipe de segurança cumprindo o seu papel para descobrirmos o que acontecera de fato com a minha mulher naquele maldito dia. Trabalhávamos nisso desde o aviso por mensagem sobre o nosso bebê e o possível acidente. Por um fio não a machucara profundamente, foram apenas pequenas escoriações no braço e nos joelhos, mas isso não podia ficar assim. Não me admiraria se ao fim descobrisse que a responsável por tudo havia sido a mãe de Helena, minha ex-sogra, o que me chocara fora a sua capacidade de desistir.

Felizmente, ou algo pior teria acontecido.

A senhora asquerosa que por anos foi a minha sogra frequentava a minha casa, planejara perfeitamente um ataque contra Lidiane, vigiando seus passos, usando da tecnologia para atraí-la a uma entrevista forjada de emprego, com um único intuito; provocar um acidente que a faria perder o nosso bebê. Eu sabia o quanto aquela mulher me odiava e desejava me ver pagar pela morte da sua filha, mesmo que eu não fosse o culpado, mas jamais passou pela minha cabeça que fosse capaz de ir tão longe com o intuito de me atingir. E sim, a velha havia tocado na minha maior fraqueza, no meio do meu coração ao ferir Lidiane. Eu viveria para

vê-la pagando pelo susto, pelo medo e o trauma que marcariam minha mulher para sempre.

Ninguém viveria para tocar em um fio de cabelo da minha garota.

Das minhas garotas.

Lidiane felizmente estava bem, recuperando-se aos poucos do choque pós-acidente, assim como o nosso bebê, que se desenvolvia saudável no ventre dela. Os dois estavam fazendo acompanhamento médico, além das sessões com uma nova psicóloga que fora indicada para ajudá-la durante o processo. Eu me sentia culpado por ter deixado as coisas irem tão longe e ainda mais por saber que a feriram daquela forma para tentar me atingir. A culpa era toda minha pelo que tinha acontecido. Se nunca a tivesse trazido para o meu mundo, o ódio e a maldade jamais ousariam se aproximar da luz que irradiava em seu olhar, que iluminava todo o caos.

Nunca.

Fechei o punho, controlando-me para não dar um soco na mesa do escritório, provavelmente a pequena Anne na outra sala ouviria. A casa onde estávamos hospedados era pequena, comparada à minha, qualquer som era audível.

Fazia dois dias que havíamos saído da Grécia para passar uma temporada em Las Vegas. Assim que Lidiane teve alta médica, eu mandei que pegassem suas coisas com as da irmã, e informei-a de forma sucinta que iríamos viajar. Graças a *kyrios* as duas aceitaram sem nenhuma relutância ou reclamação.

Precisávamos daquele tempo longe de tudo. Uma chance para conversarmos e esclarecer questões que estavam em aberto. Como

suporte, convidei o meu irmão e a melhor amiga de Lidianne, a Penélope, para se juntarem em uma casa ao lado, principalmente para ajudarem com a pequena garotinha, Anne, levando-a para passear pelos pontos turísticos. Os dois seriam uma dupla e tanto com a menininha. Fazia parte dos meus planos acompanhá-los, mas antes precisaria conferir como estava a minha mulher, que desde então estava reclusa e tão presa em seu próprio silêncio.

Eu devolveria a alegria que lhe fora tirada.

— Irmão... — A porta da sala foi aberta, passando por ela Adônis. — Você me jogou na cova do leão, devo planejar a sua morte lenta ou rápida demais?

Desviei o olhar para ele sem entender ao que queria se referir.

— O que quer dizer com isso? Seja direto.

— *Cazzo!* — Reclamou em italiano, passando a mão no rosto. — Aquela mulher é maluca, vive andando pela casa só de shortinho curto, não usa sequer a porra de um sutiã. Eu sou homem, porra, como vou aguentar ficar duas semanas perto dela? As minhas mãos vão cair de tanto que...

— *Kyrios!* Não termine, pois não quero ouvir essas asneiras. — Sabia que ele estava se referindo a Penélope, acabei dando uma gargalhada alta. — Era só isso que queria vir me falar? Que não sabe guardar a porra do seu pau — murmurei baixinho as últimas palavras, evitando que outra pessoa as ouvisse.

— Não. Eu vim avisar que vamos sair, e viemos pegar a Anne. Acho que terão a casa só para vocês nas próximas horas. — Deu um sorrisinho malicioso.

— Aproveitem.

— É isso, até logo, irmãozinho. — Caminhou de volta em direção à porta, saindo.

Esperiei alguns minutos na sala do escritório em que estava sentado até ouvir a voz da Anne se despedindo da irmã, logo depois o silêncio dominou o ambiente e eu sabia que havia chegado o momento de encará-la e conversarmos finalmente.

Eu precisava confessar que a amava mais uma vez e quantas fosse possível.

Eu a faria sentir que esse amor era real, que irradiava por todo o meu corpo.



— *Agápi* — sussurrei, abrindo a porta do quarto onde estava acomodada, eu tinha optado por dormir em outro, próximo, respeitando seu espaço.

— Oi. Um minuto.

Fiquei preocupado com a forma fria como me respondeu, a sua voz embargada, entrei com passos suaves, procurando-a pelo cômodo, logo sentindo a sua falta. Constatei que estava no banheiro, pelo barulho da descarga, e corri para encontrá-la.

— *Agápi*. Ei, está se sentindo bem? Enjoada? — Parei quando a vi de pé, preparando-se para escovar os dentes.

— Um pouquinho. Logo, logo vai passar. — Fez careta.

Assenti em silêncio, ficando por trás, e fiz um carinho em suas costas enquanto ela terminava higiene bucal na tentativa de tirar o mau gosto da boca.

— Quer que eu prepare alguma coisa? Talvez um chá? Posso pesquisar na internet algo para aliviar ou mandar uma mensagem para a sua médica.

— Apolo, eu vou ficar bem, isso faz parte da gravidez. É um processo — ela me tranquilizou, ao terminar o que estava fazendo, e secou o rosto com a toalha.

— Nem nasceu e já está dando trabalho para a mamãe, bebê. Precisamos ter uma conversa séria de homem para homem. — Desci com a mão, parando-a em sua barriga.

— Como pode ter tanta certeza de que é um menino? Sabe que também pode ser uma menina. — Deu um risinho, esquivando-se para o lado.

— Sinto que é um menino, a nossa princesinha vem logo em seguida. — Fiz carinho por cima da blusa, sentindo o pequeno volume que já se destacava em seu ventre.

— Oh, você... também quer uma menina? — gaguejou, suspirando fundo.

— Eu quero tudo, tudo com você. — Deixei um beijo em seu ombro, fungando o seu cheiro. — Um menino e uma menina. Uma família. Vem, eu vou cuidar de você.

— Nunca vou conseguir me acostumar com esse seu jeito protetor. — Virou-se, envolvendo as mãos ao redor do meu pescoço. — Tão intenso.

— Esse sou eu, *agápi*. — Roci o nariz no seu, fechando os olhos. — Não sei outra forma de amar senão essa, cuidando e

protegendo-a de tudo. Se eu pudesse a manteria para sempre assim, em meus braços, para que nada e ninguém ousasse tirar esse sorriso. O brilho que mora em seu olhar. Julgo que me apaixonei primeiro por ele, quando você me salvou daquela crise de ansiedade.

— Deus! Eu me senti da mesma forma. Como se já nos conhecêssemos.

— Você foi capaz de trazer a cura para o meu caos e devolveu-me a vontade de viver. — Desci com a boca sobre a sua, deixando um beijo delicado. — Não existia vida antes de te conhecer, era só uma escuridão, noites frias e acinzentadas. Só estou aqui hoje firme e de pé porque o seu amor me salvou, libertou-me da prisão.

— Eu te amo.

Meus olhos brilharam com a sua declaração inesperada.

— Não, *agápi*. Eu que te amo. — Beije-a novamente. — Nunca serei digno de ter o seu amor, você é boa demais, pura para alguém ambicioso como eu, que fui capaz de fazê-la assinar um contrato maldito, comprando-a para obter poder e dinheiro. Coisas que já não fazem sentido em minha vida, pois não existe a menor chance de continuar vivendo em um mundo onde você não esteja ao meu lado.

A emoção dominou-me, sem que notasse as lágrimas cobriram o meu rosto.

— Eu te amo, Apolo. E você é, sim, digno do meu amor, o pai do meu bebê. Nosso filho. — Limpou o rosto com a ponta dos dedos. — Nunca imaginei que viveria para ouvi-lo se declarar. Eu nunca pensei que fosse capaz de me amar.

— E como não seria? — disse incrédulo. — Você veio sob encomenda, superando não somente as minhas expectativas, como indo muito além delas. Você é o meu lado oposto, o lado mais doce do amor, veio de mansinho ressignificando todos os meus planos e me dando uma segunda chance. Uma família inesperada.

— Começo, meio e fim.

— Com você não existe fim, apenas o lado feliz. — Abracei-a apertado. — Agora, a senhora tem alguns minutos para tomar banho, pois vamos sair um pouquinho.

— Hum. Que tentador! E para onde vamos? — Franziu o cenho, curiosa de repente.

— Conhecer o mundo. Passear, nos divertirmos, namorar e foder muito.

— Oh, que oferta. Qual será a ordem, senhor Makris, dos seus planos? — Deu uma gargalhada alta.

— Poderíamos começar *fodendo* — sussurro rouco, mordendo os meus lábios. — No entanto, preciso recarregar suas forças antes disso. Estou cheio de saudades e quando a tiver sobre essa cama não terei nem um pouco de dó, senhora Makris.

— Acho que já estou ficando ansiosa. — Deu-me um beijo estalado. — Tentador demais. Podíamos começar por ela, não? — Piscou os olhos duas vezes seguidas.

— Primeiro um banho para relaxar mais e tirar essa tensão do seu corpo. Quem sabe eu me abaixe um pouquinho para dar só uns beijinhos em sua bocetinha.

— De acordo, senhor Makris. — Afastou-se, erguendo os braços para cima e a ajudei a tirar o vestido soltinho que usava.

Meus olhos varreram todo o seu corpo admirando-a, ainda mais apaixonado. O volume já é bem nítido se formando em sua barriga. O nosso bebê sob encomenda.

— Chuveiro ou banheira? — Lidianne perguntou, divertida.

— Chuveiro, *agápi*. Vem logo. — Peguei-a pela mão, conduzindo-a para o banho.

Pouco me importei de me molhar, peguei sabonete com o xampu para ajudá-la. Lidianne abriu a ducha, entrando logo em seguida, e acompanhei a água a escorrer pelo corpo feminino, esfregando suavemente a sua pele com o sabão. Um sorriso brotou em meu rosto, a felicidade por estarmos finalmente encontrando um meio para que o nosso tivesse continuidade, em busca do felizes para sempre, como a garotinha Anne gostava de comentar em suas historinhas.

Poderíamos fazer dar certo.

Superaremos juntos todas as dificuldades.

E o meu passado finalmente estava enterrado.

— Você está ainda mais bela carregando o nosso bebê no ventre, olha só como essas curvas ficaram ainda mais perfeitas. — Parei com as mãos em volta da sua cintura, massageando-a devagar. — Deliciosamente sexy e *tão minha*.

— Você não cansa nunca de ser perfeito? — Deu um risinho, e jogou um pouco de água em minha direção.

— Querida, sinto lhe informar que a única obra de arte perfeita aqui é você. — Dei uma palmada com a outra mão em sua bunda, arrancando dela um gemido. — Se ousar discordar das minhas palavras terei que tomar a sua bocetinha agora mesmo.

— Ah, não. Mentiras e mais mentiras — provocou-me descaradamente.

— Até o fim a terei sobre a minha cama tomando todo o meu pau, e beberei todo o seu prazer. — Trouxe seu rosto até o meu, dando-lhe outro tapa forte. — Nada será poupado, *agápi*. Eu quero tudo, guarde bem essas palavras.

O seu sorriso despertou o meu lado animalesco, que vibrava de saudades.

Eu cumpriria com todas as minhas promessas.



Capítulo 23

Apolo Makris

— Que lugar mais lindo! Eu amei. — Lidianne, com a empolgação de uma criança, não parava de comentar quando encontrava alguma coisa interessante que despertava a sua atenção no Museu do Neon, em Las Vegas.

Havia sido o primeiro ponto turístico que escolhi para levá-la, dentre tantos outros que ansiava lhe apresentar durante a nossa estada. Estar ali não era nenhuma novidade, uma vez que sempre estava por aquela cidade com o meu melhor amigo, Eros, fosse por diversão ou por trabalho, como acontecia a maioria das vezes, mas

a felicidade de Lidi seria sempre a minha. Ao me lembrar dele, recordei-me de que o bilionário, naquelas mesmas terras, havia encontrado o seu grande amor, a mãe do seu primeiro herdeiro. Nos últimos dias trocamos mensagens, desde que eu soube pelo meu irmão do ocorrido trágico com a sua mulher. Estimei que tudo terminasse bem, além de oferecer ajuda, esperava em breve vê-lo e felicitá-lo pela chegada do seu filho.

— Gostou mesmo, *agápi*? — Abracei-a por trás, beijando o seu ombro.

Causava uma sensação de satisfação vê-la radiante assim, confortável e voltando a sorrir, deixando para trás tudo de ruim que havia acontecido. Eu sabia lá no fundo que os episódios difíceis a marcariam, deixando-a insegura e com medo, mas estaria ao seu lado, ajudando-a a superar isso, assim como ela havia feito ao chegar a minha vida de forma inesperada, devolvendo-me a vontade de viver.

— Muito! Estou apaixonada por essa cidade, moraria facilmente aqui — brincou.

— Com uma palavra sua, sou capaz de abrir mão de tudo. É só pedir. — Acaricieei sua barriga, o nosso pequeno anjinho que ali crescia.

A minha mulher era uma verdadeira princesa, delicada e tão minha. Sua escolha para sairmos foi um vestido longo, rosado, cabelos soltos com pequenas ondas que realçavam não somente a sua beleza, mas o pacote completo. Meus olhos brilhavam, a vontade de mantê-la no quarto, só para mim, crescendo, mas a nossa união se baseava também nas suas decisões, que dali para a frente eu sempre levaria em consideração, sem mentiras ou mais

omissões. Eu havia começado da forma errada, usando-a para alcançar um objetivo, e por pouco não a perdi pela ganância, a sede de poder. Eu passaria os anos da minha vida reconquistando-a, provando que era digno do seu amor e de amá-la.

— Nem pensar, senhor Makris. — Afastou-se dos meus braços, virando-se para mim. — Tem a sua família, eu tenho as pessoas da minha rua que se tornaram também a minha família. Não seria justo abrir mão de tudo assim, eu quero criar o nosso bebê perto de todos, vivendo as nossas raízes e a paixão pelo nosso país.

— Você é perfeita, *agápi*. — Coloquei as duas mãos em seu rosto, dando-lhe um beijo. — Mas saiba que podemos voltar quantas vezes quiser. Tudo por você.

— Sei que sim. — Deu um sorrisinho de lado, tão meiga e doce.

— Quero te mostrar mais algumas coisas antes de pararmos para comer.

— Que seja rápido então, pois estou faminta. — Fez uma careta, rindo em seguida. — Seu bebê vive deixando-me com fome o tempo inteiro, na mesma proporção que quero colocar tudo para fora.

— O meu garotão é teimoso assim como a mamãe. — Segurei-a pela mão, entrelaçando nossos dedos. — Vejo que ficarei com cabelos brancos muito antes do tempo, ou irei desenvolver algum problema cardíaco — brinquei com ela.

— Já disse que pode ser uma menina. Eu amaria os dois de toda forma se fossem.

— Gêmeos, você quer dizer?

— É, uma menina e um menino.

— Quem sabe, de toda forma eu adoraria tentar, você sabe, o processo é formidável. — Passei a língua nos lábios, provocando-a. — Quente demais.

— Poderíamos começar o quanto antes essa atividade. — Piscou um olho.

— *Agápi*, não me lembro de tê-la conhecido assim, você era tudo menos safada.

— Isso foi antes de você me desvirtuar. — Deu uma gargalhada baixa.

— Sei, vamos logo, pois não quero vê-la passar mal. — Sorri em resposta.

Ela concordou com a cabeça, movimentando-a, e começamos a caminhar juntos pela rua. O movimento era o de sempre pelo que me recordava, agitado, pessoas vinham e voltavam admirando o ponto turístico que reunia visitantes de todo o mundo. Lidiane continuou observando atentamente, querendo parar e ver de perto. A ideia era mantê-la entretida até o horário do jantar, pois eu havia preparado algo.

Uma surpresa e uma resposta que mudaria tudo.

— Polo. Foi aqui que o seu amigo se casou? — a minha mulher perguntou, pois durante o caminho comentei por cima sobre a minha amizade com o Eros.

— Bom, não foi bem assim, um casamento nunca passou pela cabeça dele. — Sorri ao lembrar. — Eu vou te contar. Está pronta para ouvir? — Arrisquei-me ao brincar.

— Sim.

— Então, aconteceu mais ou menos assim...

Mantive o plano principal, tentando despistar para não levantar desconfianças do que aconteceria em breve, e contei por cima com base no que sabia pelo meu irmão.

Lidiane Galani

Eu estava completamente apaixonada. Vivendo o melhor momento da minha vida.

É claro que isso não era nem de longe um sonho, pois para chegar enfim a esse momento foi preciso suportar todo o processo, doloroso e difícil, de um pesadelo. Sentia um arrepio na pele ao lembrar-me de que tentaram acabar com a minha vida e a do meu bebê. Foi um choque descobrir, quando estava recuperada fisicamente, quem tinha sido a responsável, a ex-sogra do Apolo. A mulher agira motivada pelo desejo de fazê-lo pagar pela morte da filha dela, mesmo sabendo que não era culpado pelo acidente, mas também uma vítima do episódio. A maldade das pessoas desconhece limites e eu havia sido uma peça no jogo sujo de uma mulher fria, que estava inconformada com a perda de um ente querido. Mas no último minuto a sua consciência fora recobrada e ela voltou atrás, livrando-me do pior.

Eu a perdoei.

Não era o certo, muitas pessoas me julgariam se soubessem que tinha feito aquela escolha, ainda que não a tivesse tornado

pública. Apesar disso, foi o que fiz, não porque a velha fosse digna do perdão, pois o seu ato era imperdoável aos olhos humanos, mas porque eu precisava me libertar e curar para continuar vivendo em paz. No momento certo a asquerosa pagaria pelos seus atos, por tentar contra dois inocentes que tampouco eram culpados pelo seu distúrbio emocional alegado por um dos advogados. Decidi não saber mais sobre o caso, deixaria isso nas mãos de Apolo e sua família, que estavam tomando todas as medidas para resolver tudo.

O primeiro passo estava dado.

Ainda que por dias a minha cabeça estivesse nublada pela incerteza, lidando com os sintomas da gravidez que me deixavam indisposta, mudanças de humor e enjoada ao extremo, meu coração estava finalmente em paz por saber que Apolo me amava. Sua declaração encheu-me de esperança, renovou minhas forças para continuar acreditando em um “nós”. Aquele acordo não seria mais uma sombra em nossa vida, e sim um mero detalhe com um prazo sem mais validade.

O contrato ainda me incomodava, dava-me um pouco de insegurança, mesmo que fosse inferior quando eu pensava a respeito. Saber do seu amor verdadeiro, contudo, superava todos os receios. Seu olhar e firmeza ao dizer que me amava estavam cheios de verdade e legitimavam a sua declaração. Ele realmente queria-me para sempre ao seu lado, e eu tinha a mais plena certeza de que juntos iríamos superar quaisquer obstáculos que surgissem no caminho. O amor era supremo acima de todo e qualquer empecilho. Sempre. Quando eu encontrasse o momento mais propício, comentaria com Makris sobre o tal papel, pois queria saber que rumo ele tomaria dali para a frente.

Uma resposta.

— Esse restaurante é perfeito. Estou ainda mais apaixonada — comentei.

Fazia pouco menos de dois minutos que havíamos sido recepcionados em um restaurante luxuoso, uma mesa nos aguardava em um canto reservado e decorado. Meus olhos captaram cada pequeno detalhe, desde os tons vermelhos das paredes, até as luzes e velas que preenchiam o ambiente conferindo-lhe um ar romântico. Além da música suave que tocava ao fundo. A surpresa é que, pelo horário, o lugar estava completamente vazio, como se fosse separado apenas para nos receber.

Estranhei um pouco.

Apolo conduziu-me à mesa, agradei com um sorriso, sentando-me na cadeira.

— A sua felicidade é a minha — ele murmurou, acompanhando-me em seguida.

— Estou surpresa. Nunca passou pela minha cabeça que fosse assim, romântico.

— Estamos no melhor lugar do mundo, não espere por menos, *agápi*.

Deu uma piscadinha no olho e acabei rindo, um pouco surpresa com a resposta.

— Surpreenda-me. — Fitei-o, soltando um beijo no ar.

— Atrevida. Saiba que estou contando os minutos para fazê-la pagar por cada provação — ameaçou-me lançando um olhar.

— Estou contando com isso — respondi com um sorriso largo.

Sentia-me cada vez mais quente, desejando-o, mas sabia que ele tinha outras intenções e que queria fazer as coisas com calma. Claro que meu corpo parecia prestes a explodir. Quando o fitava, descendo o olhar pela sua boca, imaginando suas mãos em cada pedaço da minha pele, sentia imediatamente a calcinha ficar molhada, querendo-o em mim.

Virei uma devassa em suas mãos.

— Está ficando vermelha, *agápi*. *Kyrios*... Você precisa colaborar e se controlar por nós dois, mulher, ou serei capaz de cometer um delito — sussurrou rouco e baixo.

— Desculpe-me. É só um desejo de grávida que quer devorar o seu marido.

Coloquei a mão sobre a mesa em busca de segurar a sua.

— Sobre isso. — Eu o vi engolir em seco. — Não há mais casamento.

Arregalei os olhos ao ouvi-lo. O que ele queria dizer?

Estava realmente acontecendo...

— Não adianta fazer essa cara de espantada, você não escapa de mim, *agápi*.

— O quê? O que quer dizer com isso? O acordo?

— Ele não existe mais em nossa vida. Acabou, *agápi*.

Pisquei os olhos, a vontade de chorar nascendo feito uma criança.

— *Kyrios!* — foi a única coisa que consegui responder, colocando a mão na boca.

— Eu não deveria nunca a ter convencido a assinar aquela merda, a culpa me acompanhará até o meu último dia de vida, mas não posso também deixar de agradecê-lo, pois através dele pude ter

a chance de conhecê-la ainda mais e descobrir que o meu dinheiro nunca a compraria, que não serviria de nada se eu não a tivesse ao meu lado. A verdade que tanto neguei, reprimi por dentro, é que me apaixonei por você muito antes, julgo que desde que fui salvo pelos seus braços naquela noite. Você deveria ser um meio para que eu conseguisse de volta a minha empresa, fui egoísta, coloquei as minhas necessidades e ganâncias acima de tudo, quando meu pai só precisava ver com os próprios olhos se eu estava curado. E isso só foi possível por sua causa. Se não tivesse nunca me deixado, eu não perceberia o quanto estava cego.

— Apolo. — As lágrimas escorriam pelos meus olhos com a sua confissão.

— Cego por um amor que estava morto. Um amor que nunca existiu. A minha... — Ele parou um pouco, respirando fundo para continuar falando. — Helena nunca me amou, talvez nunca tenha sido capaz de amar, e descobri isso há pouco tempo quando confrontei meu pai e ele contou-me a verdade. Helena era apaixonada pelo meu irmão, que nunca lhe correspondeu. — Fechou os olhos, logo abrindo-os. — Perdoe-me por tê-la colocado entre nós e ferido seu coração. Viverei até o meu último suspiro tentando me redimir pelo que fiz, conquistando-a com meu amor.

— Eu te amo. — Segurei em sua mão, apertando-a com força. — Eu te amo.

O nosso amor nos salvou.

— Eu que te amo com todo o meu coração e com tudo que há em mim. Perdoe-me por não ter sido sincero antes e por não contar as minhas verdadeiras intenções. Deus, eu quase te perdi. A sua amiga, naquele dia no hospital, me contou que você planejava fugir

com a Anne e o bebê. Saber disso, só de imaginar que você preferia tudo em vez de continuar ao meu lado, foi como morrer. Mas também me deixou orgulhoso por ver o tamanho da sua força, que seria capaz de tudo para proteger o nosso filho da minha ganância. Saiba que eu não iria atrás de você.

— Sou capaz de tudo pela Anne, assim como sou pelo nosso filho.

— E é por isso que eu quero fazer uma pergunta. Você me perdoa?

— Sim, eu perdoo, Apolo. Compreendo todas as suas razões, mesmo com as omissões que me feriram, mas não fui inocente, eu assinei sabendo que iria...

— O erro foi meu. Aceite se casar comigo. Da maneira mais certa e justa. — Levou a mão ao bolso da calça, tirando uma caixinha de veludo, abrindo-a e revelando um par de alianças brilhantes. — Aceite viver para sempre ao meu lado, que eu seja um pai para o nosso bebê e ame Anne como se fosse minha filha. Você aceita, *agápi*?

— Milhões de vezes, sim. — Quase dei um gritinho, emocionada.

— Eu te amo, pequena mulher valente!



Capítulo 24

Lidiane Galani

— AH! — dei um gritinho quando sua mão apalpou minha bunda.

Ele passou logo em seguida pela porta da frente, trancando-a com a chave.

— Escandalosa, fale baixo ou os nossos vizinhos irão ouvir tudo — referia-se ao Adônis com minha amiga e a pequena garotinha que os acompanhava.

— O senhor poderoso não providenciou paredes à prova de som? — Sentei-me no sofá para começar a tirar as sandálias, que

estavam incomodando.

— No nosso quarto você pode gritar até ficar sem voz, *agápi*.

— Aproveitou o embalo para se desfazer do seu terno, tirando-o junto com a blusa social branca.

— Maldade. — Fiz um biquinho com os lábios, deitando-me entre as almofadas. — Será que os dois estão se dando bem? Digo, o seu irmão e minha amiga.

— Os dois já são bem grandinhos para se resolverem, não acha?

— Não sei, eu temo muito por ela. — Suspirei fundo. — Penélope pode facilmente ficar atraída por ele. Já pensou o tamanho do problema caso isso aconteça?

— É um terreno perigoso, meu irmão é um libertino e não se prende a ninguém.

— Eles que se resolvam então. — Dei de ombros movendo-os e ri. — Agora é o momento em que você cumpre todas aquelas promessas? — alfinetei-o.

Durante todo o jantar de noivado, a tensão se fizera presente, rodeando-nos, a vontade incontrolável de afastar tudo e cair em seus braços para apagar o fogo que queimava-me por dentro. O meu noivo não se mostrava indiferente, tampouco se preocupou com o pudor, descaradamente passando a perna por baixo da mesa, cutucando a minha. Às vezes, quando encontrava uma oportunidade, sua mão apertava minha coxa, com seus olhos cintilantes sobre os meus, devorando-me.

O pedido de casamento havia sido uma surpresa inesperada que nunca passara pela minha cabeça, mas Apolo estava disposto a reescrever a nossa história e nossas primeiras vezes. O meu “sim”

sempre seria para ele, permitindo-me viver uma segunda chance, consertar os erros e construir um futuro. Sua declaração veio cheia de revelações e me pegou de surpresa, demonstrando o quanto estava arrependido por seguir o caminho mais longo magoando o meu coração no percurso. Eu poderia escolher não o perdoar e fechar aquele ciclo, mas o amor não se baseia só nos momentos felizes. É construído na alegria e na tristeza, fortalecendo-se na verdade, quando o outro reconhece o seu erro, esforçando-se para fazer diferente e melhor. Eu o perdoei.

Amar é sobre perdoar.

Sobre recomeçar.

Flores e espinhos.

No final das contas tudo terminaria bem. Construiríamos o nosso “felizes”.

— Contei a porra de todos os segundos por este momento.

Observei-o desafivelar o cinto da calça, descendo-a devagar pelas pernas, por fim fazendo um charme ao tirar a cueca preta e boxer, seu pau completamente duro. Apolo fazia jus ao seu nome, um deus grego, viril, as pernas torneadas, peitoral musculoso sem uma faísca de pelo. Mordi os lábios, admirando-o nu.

— Tire a roupa, *agápi*. E traga a sua boquinha aqui. Hoje vai chupar o meu pau.

— Eu quero. — Levantei-me do sofá animada, começando logo a abrir o zíper do vestido, descartando-o no chão junto com o conjunto de lingerie.

— De joelhos, gostosa — ordenou, com a mão em volta do pau, masturbando-o.

Lancei-lhe um olhar desafiador, aproximando-me para ficar na posição sugerida, quase babando em frente ao seu mastro enorme e grosso. Seria a primeira vez que faria um oral nele, que das outras vezes não me permitira fazer. Apolo sempre priorizava o meu prazer acima de tudo, proporcionando-me os melhores orgasmos até levar-me à exaustão com a sua boca e seus dedos.

— Abra a boca, agora tome-o aos poucos tendo o máximo de cuidado com seus dentes — instruiu-me pacientemente, sua mão em volta do meu cabelo.

Fechei os olhos, abrindo os lábios para recebê-lo aos poucos, desfrutando o seu sabor, apreciando conforme se modelava, avançando devagar no vai e vem lento.

— Mantenha o olhar no meu, assim, *agápi*. Tome tudo. — Puxou os fios da minha nuca com um pouco de força, causando uma sensação gostosa e quente.

Abri-os, mantendo os meus sob os seus, chupando o seu pau, mantendo um ritmo confortável, circulando a língua em torno da cabeça redondinha e vermelha. Soltei um gemido baixo, aumentando o ritmo da sucção, o grego afundando o membro ainda mais em minha boca, movimentando-o para a frente e para trás.

— Deliciosa, ah, porra... Minha tentação — gemeu em um rosnado rouco.

Aprofundei-o cada vez mais, revezando, tirando-o para reiniciar com tudo. A posição não era das mais confortáveis, mas deixava-me excitada e ansiosa pelo que viria.

— Pare. Eu não quero gozar ainda, não sem mamar na sua boceta. — Tirou o pau da minha boca para masturbá-lo. — Deixou-o perfeito para te foder, *agápi*.

— Ah, essa boca diz cada coisa. — Passei a língua nos lábios, olhando-o nos olhos.

— Estamos apenas começando. Fique de quatro no sofá, gostosa.

Seus pedidos cheios de ordens. Sorri maliciosamente para ele antes de obedecer.

— A porra da melhor visão do mundo! — Bateu na minha bunda com força.

Rebolei-a em sua direção, entrando no clima para deixá-lo ainda mais excitado.

— Está brincando com o perigo, *agápi*. — Tocou onde bateu, repetindo de novo. O estalo ecoando pelo ambiente. — Não vou ter um pinga de dó da sua boceta.

— Não tenho medo — disse por um fio, sendo engolida por um gritinho quando ele apalpou de novo, repetidas vezes, minha lubrificação no auge.

— Porra, molhadinha. — Dedilhou a minha boceta com a ponta do dedo, afundando-o sem aviso. — Tentação. Pronta para me receber, *agápi*.

— Sim, por favor — gemi, mantendo as mãos apoiadas no sofá.

— Quer gozar, gostosa? — Penetrou outro dedo, fazendo círculos lentos. — Diga.

— Por favor!

— Segure-se então. — Veio com a boca em minha boceta, lambendo-a, circulando a língua em meu clitóris, os seus dedos ágeis ainda me fodendo com força.

Encostei a cabeça contra o estofado para abafar os gemidos, quase gritos, insinuando a cintura em sua direção, esfregando-me em seu rosto na busca de encontrar o prazer que se formava. Apolo mamava, idolatrava a minha boceta com a língua, movimentos certos, e golpeando-a.

— Ah, assim. Por favor — sussurrei entre gemidos sôfregos.

— Assim. Você vai gozar tanto, *agápi*. Eu quero beber cada gotinha. Me dê tudo.

Sua voz rouca causava-me arrepios, o gatilho que faltava para alcançar o ápice.

— Perfeita. Tão minha. — Lambeu-me toda, tirando os dedos de dentro da minha boceta para levá-los até a o centro da minha bunda, roçando na entradinha.

— Segure-se, *agápi* — repetiu novamente aquelas palavras e não tive tempo de entender, pois logo se posicionou por trás, o seu pau ganhando espaço em minha boceta em um tranco firme e fundo. — Ah, caralho. Vamos gozar juntos.

— Sim. Eu te amo — consegui dizer entre um gritinho e outro com suas estocadas.

Apolo era como um furacão e seu lado animalesco tomava tudo sem dó pelo caminho. Suas arremetidas intensas provocaram-me sensações devastadoras me levando além do prazer sublime. Seu pau rasgava-me, quebrava-me em duas, e eu queria mais, rebolando em sua direção, querendo mantê-lo ali dentro de mim, o seu lar. Ele tinha uma outra idolatria, a minha bunda, apalpava-me apertando com força, eu sabia que queria se inundar ali e tomar minha outra virgindade.

— Eu te amo! Minha mulher. — Deixou beijos espalhados em minhas costas, fungando o meu cheiro, passando os pelos ralos da barba em minha pele.

— Meu! — gritei, quase desfalecendo com o corpo contra o sofá.

— Só mais um pouco. Vamos gozar juntos, *agápi*. — Gemeu rouco, dando uma nova sequência de estocadas ferozes e brutas. — Ah, caralho. — Foi o meu fim.

Fechei os olhos, encontrando o prazer junto dele, que me encheu toda.

— Caralho! — rosnou, fodendo-me um pouco mais, seu pau me inundando. — Eu te amo, Lidiâne Galani. — Voltou a beijar minha pele sem parar. — Para sempre.

Não consegui responder, apenas sorri perdida nas sensações pós-orgasmo.

Mas eu o amava.

Para sempre.

E ele sabia disso.



— E você não pensou em fazer alguma faculdade?

— Para ser sincera? Não. — Peguei um pouco de água, passando em volta das minhas costas. — Anne era muito pequena

quando nossa mãe nos deixou, não tive opção senão me dedicar a ela, que precisava de mim.

Após iniciarmos outra rodada de sexo mais lenta de amor, dessa vez na cama, viemos para a banheira finalizar, tomar banho e lavar os corpos marcados pela foda quente.

— E você nunca tentou encontrar sua mãe? Sente alguma vontade, ou nunca cogitou? — Apolo perguntou, descendo a mão, parando em torno da minha barriga.

— Não. Ela fez uma escolha quando resolveu nos deixar. — Suspirei fundo. — A minha mãe seguiu com a vida dela, eu a respeito, mas não quero nunca mais vê-la.

Raramente me lembrava dessa mulher, era apenas uma recordação ruim.

— Compreensível. Mas, diga-me. Anne nunca perguntou pela mãe?

— Algumas vezes, mas sempre esquece facilmente — sussurrei, fazendo careta. — Eu e o papai nos esforçamos muito para que a ausência dessa figura materna não fosse sentida por ela. Anne é forte, divertida e vê a vida pelo lado mais doce possível.

— Senti isso desde o primeiro momento em que a vi no corredor do supermercado. O amor por aquela garotinha nasceu inesperadamente em mim. Eu a amo como se fosse minha filha. — Fez carinho com os dedos em meu ventre. — O nosso bebê tem muita sorte por ter você, uma mãe maravilhosa e perfeita, *agápi*.

— Oh. Acha mesmo? — O sorriso brotou em meus olhos.

— Sim. Você seria capaz de abrir mão de tudo só para protegê-lo. Sua garra e coragem me enche de orgulho. — Aproximou-se para beijar os meus lábios.

— Eu seria mesmo. — Acabei rindo, ao me lembrar da minha decisão antes de tudo se acertar. — Você sabe que só pensei nisso baseada no medo de perder o meu bebê. Eu não queria ter que abrir mão quando o acordo acabasse e...

— É passado, *agápi*. Vamos esquecê-lo, por favor. Eu te amo.

— Eu também te amo. — Malditos hormônios da gravidez, deixando-me logo emocionada, uma mudança de humor em fração de segundos. — Nós te amamos, papai — sussurrei manhosa, colocando a minha mão sobre a sua no ventre.

— A vida resolveu sorrir para mim quando me deu você. Um amor e uma família. — Deu um sorriso largo, olhando dentro dos meus olhos. — O papai ama você, bebê. Sinto que será um garotinho com os olhinhos da mãe, herdará cada pequeno traço dela, pois foi feito com o amor mais puro e verdadeiro que nasceu em mim.

— Tomara que seja uma menina — resolvi brincar, em meio às lágrimas que escorriam.

— O nosso Aquiles ficaria desapontado ao vê-la falando assim — respondeu divertido. — Eu quero muito uma princesinha, *agápi*. Um casal.

— Um de cada vez. — Dei um soquinho em seu peitoral sem força. — Ou vou viver sempre com um barrigão, seios caídos e cheios de leite. — Franzi a testa.

— O meu pau está duro só de ouvir isso. — Gargalhou alto. — *Agápi*, você fica deliciosamente sexy grávida, carregando o meu bebê. Não há um traço de imperfeições em seu corpo, da pontinha do pé até o seu rosto, você é perfeita.

— Oh, minha nossa. Já disse que te amo? — Dei-lhe outro beijo demorado.

— Não. Eu que te amo. — Acariciou o meu rosto com a mão. — É normal que se sinta insegura com as mudanças, mas saiba que você está linda assim, sempre será e eu nunca vou parar de te amar. Isso, nunca, ouviu bem?

— Sim senhor, Makris.

— Quero-a grávida muitas vezes, se essa também for a sua vontade. Veja como está ainda mais gostosa, suas curvas preparando-se para acomodar o nosso bebê. *Agápi*, do seu corpo nascerá uma vida. O nosso fruto de amor. Você irradia luz. — Beijou a minha testa. — Sou completamente maluco por você, e estarei ao seu lado para sempre. Enfrentaremos juntos o mar revolto se possível, desde que no fim o seu sorriso esteja lá iluminando-me. Eu te amo, Lidianne Galini, minha mulher.

— Eu te amo, Apolo Makris.

O amor venceu.



Capítulo 25

Lidiane Galani

NOVE MESES DEPOIS

— Não. É assim, ó.

— Era a minha vez, Anne — murmurou Apolo, fingindo estar magoado.

— Não. *Xiu*. Era a minha, irmãozinho — foi a vez de Adônis falar.

— Vocês não sabem, é assim, olha — continuou a minha garotinha na vã tentativa de ensiná-los como se colocava a peça no tabuleiro de cartas. Eu sabia que era um jeito dos irmãos de tentarem deixá-la ter mais participação no jogo. — Viu?

Os dois gostavam de se divertir em atividades como aquelas ao longo do dia, mas daquela vez tinham um convidado para se juntar ao time, o irmão do Apolo, Adônis.

— Não deve ser tão difícil assim. Minha vez então — meu noivo comentou.

— *Tá*. Sua vez então, pai — Anne murmurou divertida, dando-lhe espaço para iniciar a sua rodada de jogo.

Não era nenhuma surpresa para mim vê-la chamando-o daquela forma, uma vez que aconteceu naturalmente, sem que tivéssemos incentivado a garota. Anne se recordava do nosso pai vagamente, era apegada a ele, a falta que sua partida deixou em nossa vida abriu uma lacuna em seu coração, sendo preenchida pela esperança de ter um novo laço paterno. Apolo a amava, a conexão que criaram nasceu bem antes de o amor fazer morada entre nós, e eu estava feliz por ver a minha menininha radiante, com a família que tanto sonhava.

Nada tradicional.

Uma irmã.

Um pai.

E um sobrinho meio-irmão.

A verdade é que para o amor não há regras ou rótulos. Apenas amar em sua forma sublime, pura, recíproca, em que a principal base é fortalecida pelo respeito.

— Esses dois não se cansam nunca? — Penélope se aproximou, encostando-se ao meu lado na parede. — Essa deve ser o quê? A segunda vez que jogam?

— Quarta. Eu acho. — Dei um risinho, puxando-a para nos afastar dos três.

O final de semana na nossa casa estava bem cheio, como de costume, recebendo o casal. Eles não gostavam de se rotular, mas sabíamos que estavam juntos e apenas negando o óbvio. Adônis, com o seu jeito espontâneo, havia fisgado o coração da minha melhor amiga desde que havíamos voltado da viagem de Las Vegas. Os pombinhos que não se assumiram frequentavam a nossa casa, alegando vez ou outra que seriam padrinhos do nosso filho. O pequeno e guerreiro Aquiles.

Apolo havia escolhido o nome muito antes de sabermos o sexo do bebê. Quando enfim chegou o mês de descobrirmos a verdade, não foi surpresa nenhuma para nós dois, pois, de tanto vê-lo conversar com a minha barriga, murmurando incontáveis vezes que se chamaria assim, passei a me acostumar com a ideia.

O nosso menino crescia saudável, era agitado e não podia ouvir a voz do seu pai ou a de Anne, pois começava a chutar mostrando o quanto os amava mesmo sem saber. Suspirei apaixonada, levando a mão até a barriga, acariciando-a por cima do vestido. Naquela manhã o pequeno estava quietinho, e eu imaginava o porquê.

O último mês de gestação havia chegado e agora era questão de tempo até que Aquiles viesse ao mundo para colorir a nossa vida. Sua chegada era aguardada por todos, principalmente pela família do Apolo, os Makris ansiavam pelo herdeiro do grego. O

nosso pacotinho de amor. Eu gostava de chamá-lo assim nos nossos momentos de conversa ou enquanto arrumava o quarto de príncipe que fora todo decorado para receber meu bebê. Depois da viagem, bastara pousar no solo grego, para Apolo providenciar uma casa a fim de nos receber, o nosso lar.

A propriedade ficava ao lado da de seus pais, uma mansão luxuosa, grandiosa. Eu escolheria qualquer lugar para morar desde que fosse confortável, mas ele tinha outros planos e, com Anne do seu lado, a minha opinião não teve valor. No fim, acabei me apaixonando pela nossa casa, pegando gosto ao moldá-la do meu jeito.

A felicidade caminhava ao nosso lado, mesmo que o casamento ainda não tivesse acontecido, deixando Apolo ansioso por esse dia. Foi escolha minha adiar, desejando que nosso menino estivesse entre nós quando selássemos essa união, queria que ele fizesse parte desse momento único e especial em nossa vida.

Apolo respeitou a minha decisão, assim como tantas outras escolhas desde que nos acertamos. Ele continuava sendo o mesmo homem dominante, autoritário dentro e fora da cama, mas na maioria das vezes a minha palavra era a cartada final, exceto quando decidira comprar o nosso canto. Essa foi a única vez que não levou em consideração minhas críticas, mas no fim estava realmente certo. O lugar era formidável, apaixonante e seria o lar perfeito para construirmos nossa família.

Minha família.

O meu amor por ele se multiplicava na mesma proporção que eu sentia o seu em cada novo amanhecer, todas as vezes que me olhava apaixonado, abraçava-me e me colocava no topo da sua

vida, sendo sempre a sua maior prioridade. Ele me amava da sua forma mais intensa de amar, com falhas e todas suas imperfeições no pacote. Amava o nosso bebê, sussurrava o quanto estava orgulhoso por me ter como a mãe dele, idolatrava-me com verdade, assim como gostava de contar histórias junto de Anne para o garotinho, formando os dois uma dupla dinâmica e perfeita. Eu me sentia completa ao seu lado, depois que havíamos finalmente nos libertado do contrato e todas as mentiras. O passado não nos assombrava mais.

Os últimos meses juntos, vivendo com uma família de verdade pude conhecê-lo um pouco mais. Apaixonei-me por todas as suas versões, do protetor ao amante, do amigo verdadeiro ao pai dedicado. Ele amava não somente o nosso bebê, como a minha irmã, ele não só a tratava como uma filha, como colocava-nos acima de tudo.

A nossa rotina era dinâmica, eu precisei me acostumar com os seus horários de trabalho, aguardando ansiosamente pelo momento em que ele voltaria com um sorriso no rosto, horas depois amando-me em nosso ninho, onde nos encaixávamos em uma sintonia única; o sexo era o mesmo, intenso e bruto.

Partes que se encaixavam.

Calor.

Paixão.

Desejo.

— Ah. — Penny soltou uma lufada de ar, recostando-se na parede. — Que chato!

— Por quê? Está com saudade de ter a atenção do advogado toda *pra* você?

— Hã? — Fingiu incredulidade ante a minha resposta. — Jamais, nunca... *Kyrios!*

— Sei que você está apaixonada por ele. — Caminhei até a geladeira, abrindo-a para tirar um bolo de chocolate que havia preparado com a minha melhor amiga.

— Deve saber também que isso é uma mentira. — A garota de cabelos cacheados, soltos, para trás, com um volume que realçava o seu rosto, usando um vestidinho colado preto. — Aquele babaca só é capaz de amar o próprio *pau* e mais nada.

— E pelo visto você também foi fisgada. — Gesticulei com o dedo, pegando uma faca para cortar um pedaço do recheio e nos servir. — Amiga, eu te conheço bem.

— Que nojento! — Fechou a cara, mas logo deu uma gargalhada alta, rendendo-se. — *Tá*. Eu admito. É claro que os seus dezessete centímetros...

— Porra!

No mesmo instante, Adônis entrou na cozinha pegando-nos em flagrante.

— Mentira. Tinha bem menos de dez, *não*, cinco. Isso. — Penélope o encarou, provocando. — É feio ficar ouvindo a conversa dos outros, sabia?

— Quando o assunto é o meu pau... — o mais novo dos irmãos Makris rebateu, falando a última palavra baixinho. — Atrevida. Precisamos resolver essa *parada*. A sós.

— Não temos que resolver nada. Vai embora daqui.

Fiquei contendo o riso, enquanto desfrutava de pedaços do bolo.

— Vamos mesmo. Para casa. — Adônis caminhou em direção a minha amiga, envolvendo-a pela cintura, trazendo seu corpo para o dele, os olhares em sintonia.

— Não sei... *Tá*. Vamos então.

— Estou ficando diabética. Não espera a sobremesa? — falei, observando-os.

— Cunhada, eu realmente estou com fome pra caralho, mas dispenso. Outro dia, Lidi. — Deu o seu melhor sorriso cínico. — Tenho um banquete para saborear, comer cada pedacinho.

A mão da Penny acertou em cheio seu peitoral.

— Vamos logo antes que eu desista. — Ela se afastou do agarre de Adônis, vindo até mim. — Amiga, qualquer coisa estou por perto, tudo bem? É só me ligar. — Abaixou-se para beijar a minha barriga. — Tchau, bebê de *titia*.

Eu me despedi do casal com um abraço, levando-os até a porta dos fundos, que dava acesso à mansão dos Makris, um caminho que lhes dava livre acesso para entrar. Quando estava finalmente sozinha, continuei a devorar a delícia do bolo, com a mão em volta da barriga, fazendo carinho no meu pequenininho.

Ah, bebê.

— *Agápi*. — Apolo entrou na cozinha, caminhando até mim. — Eles já foram?

— Uhum. Seu irmão estava com fome — brinquei, dando um risinho.

— Informação demais. — Soltou uma lufada de ar, pairando sobre meu ventre. — Como está o nosso príncipe? Oi, bebê, papai quer senti-lo chutar.

— Está quietinho, papai. — Sorri carinhosamente, admirando-o.

Eu ainda não tinha contado para o meu noivo, ou qualquer outra pessoa, sobre as dores que vinham e voltavam como se fossem contrações, engolindo tudo sozinha e suportando como dava, pois não queria deixá-los ainda mais preocupados. Sabia que aquilo era um sinal, estava em alerta, mas não poderia surtar.

Respire fundo. Eu me convencia sobre isso em silêncio, como em um mantra.

— Estou tão ansioso para vê-lo, meu garotão. Eu te amo. — Beijou o meu rosto.

— Papai. Lili. — Anne se juntou a nós, parando em minha frente. — Eu quero.

— O que, minha filha? — Apolo respondeu, tocando com a outra mão em seus cabelos.

— Falar com o bebê, oh. — Encostou o rostinho em minha barriga. — Aquiles, você vai demorar muito? Eu comprei um presente para você e *tá* lá no seu quarto. O tio Adônis disse que você vai gostar muito! *Muitão!* Quer saber o que é? Hum?

Fiz careta ao sentir o bebê movendo-se, reagindo ao ouvir a voz da pequena.

— *Kyrios*. Esses meus filhos. — O grego gargalhou, emocionado com a cena.

— Eu amo vocês — murmurei com os olhos cobertos de lágrimas.

O meu lar, onde o amor fazia morada.



O inesperado aconteceu pegando todos de surpresa, mas não a mim, que ansiava e sabia que no momento certo aconteceria. Como um guerreiro, e forte, o nosso Aquiles nasceu às três e quarenta da madrugada. Eu não conseguira dormir nem um pouco, as dores me fizeram companhia, e Apolo permanecera ao meu lado tentando me reconfortar até a bolsa estourar. Toda a família veio ao nosso encontro nos dando suporte. No fim, foi um parto intenso, normal e que esgotou todas as minhas forças. O pequeno veio ao mundo cheio de fôlego, seu chorinho preenchendo o quarto do hospital, saudável e fazendo o seu pai desmaiar tamanha ansiedade em meio à espera. Quase não acreditei quando me entregaram o meu pacotinho de amor, segurando-o nos braços, o meu filho. *Kyrios*, tão pequenino e perfeito.

— Aquiles, *Kyrios*. Você é tão perfeito, bebê. — Toquei com a pontinha dos dedos em seu rosto, fazendo um carinho suave. — A cópia do seu pai, oh, essa boquinha.

Horas depois do parto, finalmente consegui descansar um pouco, mas acordei com a enfermeira trazendo-me novamente o meu filho para amamentar. Eu ainda me sentia fraca, cansada, mas pelo meu garotinho continuaria sendo capaz de tudo.

— *Agápi*, por... — Meu noivo abriu a porta, entrando em passos suaves ao ver que eu segurava o nosso filho. — Perdoe-me. Fui sedado pelo médico. — Suspirou.

Abri um sorriso compreensivo de lado, pois sabia, no fundo, o quanto se esforçava para se curar da ansiedade que o deixava vulnerável em situações como essas.

— *Kyrios*. Ele é perfeito. — Aproximou-se, parando ao meu lado na cama. — Oi, bebê. O papai ansiou tanto por este dia que quando finalmente chegou acabou explodindo. Bebê, o seu pai é fraco e um nada perto da força da mamãe. — Olhou-me nos olhos. — Você foi perfeita, Lidianne. Estou orgulhoso de você.

— Nós te amamos assim, papai. Suas imperfeições não te fazem um fraco. Você é perfeito na sua forma — sussurrei baixinho, olhando para o bebê.

— Eu quero muito segurá-lo. Deus! — Estava emocionado, os olhos cheios de lágrimas. — Nunca vou cansar de dizer o quanto é perfeito, lindo, tão nosso.

— Nosso filho.

— Uma família sob encomenda. Eu amo vocês.



Epílogo

Apolo Makris

QUATRO ANOS DEPOIS

O melhor remédio para curar todas as coisas era o amor. A indústria farmacêutica ainda não havia encontrado uma fórmula exata para fabricar essa dose, que, quando aplicada na medida certa, se tornava suficiente para transformar vidas, permitir recomeços e outras novas segundas chances. O comércio padecia sem essa descoberta, que não se encontrava facilmente em qualquer lugar e era quase como uma pedra preciosa e rara. O

Apolo do passado jamais cogitou a possibilidade de ser feliz novamente, encontrar alguém ou esse efeito que só *amar* era capaz de fazer.

Eu me permiti passar pelo processo intenso e doloroso para alcançar o meu final feliz. *Não*. O começo dele. O fim era uma linha simbólica, que quando atravessada dava acesso a uma estrada longa e árdua, construída tijolo por tijolo. Eu me orgulhava ao olhar para o meu passado e ver que todas as minhas escolhas me trouxeram até aqui, prestes a subir no altar e selar a minha união com Lidianne.

Finalmente esse dia havia chegado.

Quatro anos depois que o pequeno Aquiles chegara a nossa vida. O dia não era somente meu e de Lidianne, mas marcado pelo aniversário dele, o garotinho que, conforme crescia, tornava-se a minha cópia fiel. Dois eventos de uma única vez, reunindo as pessoas mais importantes de nossa vida para festejar os degraus que nos trouxeram a linha do “*felizes*” que eu esperava viver até o último suspiro.

Com todo o meu coração.

Os últimos anos foram fortalecidos pelo companheirismo, amor e respeito. A minha relação com Lidianne prosperou, criou raízes fortes, inabaláveis. Nos amávamos com a mesma intensidade e esse sentimento triplicava todos os dias. Eu continuava e continuaria por toda a eternidade apaixonado pela garota que surgira em minha vida de forma inesperada. Lidianne havia curado as minhas incertezas, medos e a ansiedade, que já não me assombrava como antes. O sorriso que me dava todos os dias era o

remédio essencial para me manter forte, em busca de me tornar cada vez mais o homem que merecia e era digno de amá-la.

Como eu amava.

A minha futura esposa, como a borboleta brilhante que sempre foi, bateu as asas e fez o voo em busca de realizar seus sonhos. Três anos atrás havia iniciado a sua faculdade de psicologia, apaixonada pela mente humana, tendo o meu apoio e respeito por suas decisões como o seu maior suporte. A minha garota se esforçava, entregava-se nos estudos, e nas suas horas livres embarcava com a minha mãe nos projetos solidários. As duas criaram uma nova ONG, voltada para crianças, e eu acompanhava de longe, deixando-a trilhar com os seus próprios passos. No final do dia seus braços encontravam os meus e amavam-me com luxúria.

Nosso quarto se incendiava, nossos momentos sozinhos, dois namorados, dois amantes movidos pelo desejo sublime, paixão arrebatadora que nunca morreria, pois tudo que havia em mim queimava, explodia e pertencia a minha mulher. A minha pequena valente, que tomava tudo, se entregava sem reservas e me amava na mesma intensidade, passando enfim uma borracha nos meus erros do passado. Eu ainda me culpava por tê-la usado por meio de um contrato, mas me esforçava incansavelmente, nunca desistindo de provar que merecia suas segundas chances.

Nunca pararia.

Mesmo enxergando em seu olhar que aquilo havia se tornado uma lembrança, não nos assombrava, tampouco fazia parte de nossa vida, mas era a minha sentença e eu cumpriria cada santo dia, cada segundo e minuto conquistando o seu amor. Amor que era

meu, tão nosso, assim como tudo que havíamos construído juntos. Uma família. O nosso filho crescia ao lado da sua irmã, apesar do outro elo sanguíneo que os unia, como tia e sobrinho; eu sentia que as diferenças da sociedade nunca os separariam. Seriam *irmãos* para todo o sempre. A pequena Anne o amava como a um irmão, com a sua missão de protegê-lo, cuidando-o da sua forma divertida. A minha garotinha vinha crescendo forte e determinada como a Lidiane.

Eu a amava.

Anne era a minha parte mais doce, pura e a primeira pessoa que me ensinou sobre a importância de amar não levando em consideração equações, dinheiro ou o sangue. A menininha de cabelos escuros e olhos de anjo era finalmente a minha filha e ninguém ficaria vivo para provar o contrário. Aquiles a amava, tão apegado desde o ventre à garotinha, os dois construíram um vínculo forte como um rochedo, implacável. Eles se entendiam, brincavam juntos, gostavam de ver filmes, desenhos e eu sabia que um dia chegaria o momento de vê-la voar, sair dos meus braços para trilhar a sua estrada, mas o que me confortava era estar sempre ali por ela, por ele, os meus filhos.

Minhas joias preciosas.

— Meu filho. Como você está belíssimo. — A minha mãe se aproximou, incrivelmente bela, banhada no luxo e em um vestido longo para a cerimônia.

— Mamãe. — Abri um sorriso de lado, terminando de ajustar a gravata.

— Deus sabe o quanto esperei por esse dia. O seu renascimento. Vê-lo assim, forte, com um sorriso no rosto e

construindo a sua felicidade. A sua família.

— Obrigado, mamãe. Estou ansioso. — Respirei fundo. — Mas sei que não posso ficar assim ou vou acabar tendo uma recaída na véspera de subir ao altar — brinquei.

— É normal se sentir assim, querido. — Aproximou-se, pegando em minhas mãos. — Está tudo bem. A sua mulher está linda, esperando-o junto a sua princesa.

A minha outra princesa. O sorriso largo preencheu o meu rosto imediatamente.

A nossa Catarina. Havíamos descoberto a segunda gravidez de Lidiiane poucos meses atrás, junto de outra surpresa: a honra de ter uma menininha.

A minha princesinha.

Por um lado, eu aguardava por aquele momento, movido pelo desejo de ser pai de novo e quantas vezes a minha mulher quisesse. Planejado e feito sob o amor.

— *Kyrios*. Eu quero muito... Preciso vê-las, mamãe — murmurei, a voz embargada, desejando o momento em que veria a minha futura esposa vestida de noiva e o seu barrigão de cinco meses fazendo parte do nosso casamento.

— Você irá, meu filho. Seu irmão está a postos para levá-la até você.

Puxei a respiração, soltando o ar aos poucos em busca de me acalmar.

— Tudo bem. Acho que posso aguentar mais uns minutinhos.

— Isso, meu querido. Continue respirando fundo — D. Luzinete sussurrou, apertando suavemente a minha mão sobre a

sua. — Você sabe, toda espera vale a pena no final das contas. Veja tudo pelo que teve de passar para chegar até aqui.

— Eu quase a perdi, mamãe — comentei sabendo que a minha família tinha conhecimento das minhas decisões do passado.

— Nós sabemos disso, filho. Não foi nada legal a forma como tudo seguiu, mas você teve a chance de provar a sua verdade e que a amava acima de tudo. Ela te escolheu, te perdoou e vocês se completam. No fim, toda tempestade quando acaba vem com um clarão, a luz do sol que permite continuarmos a nossa jornada.

— Continuarei a minha todos os dias — segui falando. — Obrigado.

— PAPAI!

— PAI!

Fomos surpreendidos com os meus filhos entrando no quarto correndo.

— Oi, bebês. Não corram assim, ou vão acabar se machucando. — Eu me afastei da minha mãe para ficar na altura dos dois. — *Uau!* Como estão belíssimos.

Anne estava do lado de Aquiles, uma diferença em contraste de altura. Meus filhos.

— Você não vem, não? A gente já pode cortar o bolo? — A minha menina piscou os olhos e senti vontade de apertar as suas bochechas.

Naquela tarde usava um vestidinho longo, branco e os cabelos em um penteado delicado no topo da cabeça.

— Eu quero, papai. Bolo, bolo, bolo — foi a vez do meu menino falar.

— Deus, quantas perguntas. — Acabei rindo dos dois. — O papai já está descendo e vamos cortar o bolo juntos, mas antes precisamos esperar a sua mamãe. Ok?

— *Tá.* Eu vou ver a Lili. Aquiles, fica com o papai, *se comporta.*
— Deu um beijo no rosto do irmão. — Papai, cuida dele — disse séria antes de me dar um abraço apertado.

— Eu prometo. — Envolvi-a entre os braços, fechando os olhos por um segundo. — Te amo.

O meu menininho veio, abraçando-nos também, e eu senti meus olhos marejarem.

— *Te amo papai!*

— Ai, vocês acabaram com a minha maquiagem. A vovó também quer um abraço.

A minha mãe comentou e nós três terminamos gargalhando e partindo para abraçá-la.



— Eu, Apolo Makris, recebo a ti, Lidianne Galini, como minha legítima esposa...

Meus olhos estavam fixos nos da minha mulher, que no auge da cerimônia estava emocionada, as lágrimas banhando o seu rosto. Meu coração ainda batia acelerado, desde o momento em que a vi entrar na igreja que foi escolhida para celebrarmos a nossa união. Eu sempre seria completamente apaixonado pela minha

garota, mas vê-la assim, toda de branco, com um vestido digno da princesa que era, carregando outra criança em seu ventre, fez-me desejar ter vida eterna para amá-la sem medidas. As minhas mãos não paravam de tremer desde que coloquei a aliança em seu dedo, firmando o “*para sempre*” da forma mais justa, pura e perfeita possível.

Como deveria ter sido desde o princípio.

— Eu, Lidiane Galini, recebo a ti, Apolo Makris, como meu legítimo esposo...

Toda a nossa família estava ali, sentada, os olhares voltados para os votos de casamento e fazendo parte do momento mais especial de nossa vida. Vi de relance o meu irmão ao lado da sua garota, Penélope, os meus pais próximo deles, assim como meu melhor amigo, Eros, no canto com a sua esposa e a bebê, Zoe.

Vacilei, perdendo a pose quando a cerimonialista entregou-me o microfone e precisei conter o choro preso na garganta para declarar-me a minha esposa.

— Minha pequena valente! — Segurei sua mão. — Nem nos meus sonhos mais belos previa estar hoje aqui ao seu lado. Lidiane, você chegou como um furacão em minha vida, tirando-me da zona de conforto e fazendo-me ver que ainda existia vida fora daquelas paredes, além de toda a escuridão que me assombrava. Foi você quem devolveu a vontade de viver, de continuar lutando por um futuro, um presente ao seu lado e com os nossos filhos. Você me deu muito mais que um amor verdadeiro, deu-me uma família. O pacote completo. — Senti as primeiras lágrimas escorrerem pelos meus olhos. — Eu te amo para sempre. Obrigado por ser a minha

força, por ser a minha cura, e por escolher me amar mesmo que eu não merecesse.

— Eu te amo, Apolo — a minha esposa sussurrou, emocionada e tocando em meu rosto com a palma da mão. — Amo você com todas as suas imperfeições. Você é o meu ponto de paz, segurança e proteção. Em seus braços encontro minha outra metade, a minha melhor versão, e foi o teu amor quem me salvou. Ao realizar um dos meus maiores sonhos, deu-me uma família de verdade e um amor. Obrigada por continuar sendo exatamente assim, perfeito, um pai e o meu melhor amigo. Saiba que eu te escolheria milhões de vezes sem nem pensar.

— Eu te amo. Para sempre.

— Até o meu último suspiro.

— Ao infinito e além.

A igreja iluminou-se com uma salva de aplausos e gritinhos em comemoração.

Aquela era a nossa história de amor, que não tinha nada de perfeita, não era como as dos contos de fadas, mas seria a mais bela a ser contada para as próximas gerações. A história em que dois corações perdidos se encontravam e, como peças de um quebra-cabeça, se encaixavam, reconstruíam-se juntos e edificavam o seu “felizes para sempre”.

O amor sempre será o antídoto para curar todas as feridas.

Amor que salva.

Amor que cura.

Amor que liberta.

Fim

Agradecimentos

Deu tudo certo, mesmo que fosse nos últimos segundos do segundo tempo. Tudo certo! Este livro veio para mim de uma forma inesperada, através de trocas de mensagens com a Luciana Ramos, que faz parte desta duologia maravilhosa. A princípio era para ser só um enredo, que lhe sugeri escrever iniciando o ano de 2023, mas no dia seguinte veio-me a inspiração para Apolo, Lidiane e Anne. Eu precisei mudar todos os meus planos para escrevê-los, o desafio mais intenso da minha recente jornada como autora. Luciana Ramos, obrigada pela tua amizade, o teu carinho, este projeto é a realização de um sonho, pois sabes o quanto sou tua admiradora e que tens um lugar único em meu coração. Gratidão.

Agradeço ao Supremo Soberano, Jeová Deus, por me dar saúde, coragem e por não me deixar desistir dos meus sonhos, a sua mão é o que me sustenta todos os dias. Agradeço ao amor da minha vida por acreditar sempre em mim e por segurar em minha mão, estando sempre lá para dizer; vamos. Vai ser sucesso. Eu estou aqui com você. Eu te amo, EV. Agradeço ao carinho e paciência da minha família, minha mãe, irmã e ao meu filhote de quatro patas, que mesmo sem entender, muitas vezes querendo que eu largue o computador, ilumina e me renova do cansaço apenas com o seu olhar.

Lidiane Mastello, o amor do grego do livro, mas na vida real uma amiga especial, que se fez presente em cada capítulo, vibrando com os trechos e torcendo para que eu chegasse até aqui. Esta história não seria nada sem o seu carinho e motivação. Penélope, a

Fox Assessoria, a minha segunda casa, sua amizade é tudo para mim.

Quero agradecer também a Deh, minha maravilhosa revisora e amiga. Gratidão por sempre colorir os meus romances, cuidar deles como se fossem seus e também por ser a minha mãe literária, que abraça e se entrega em todas as jornadas. A sua confiança é o meu gás. Você tem um lugar em meu coração para todo o sempre.

Quero agradecer a todos os leitores que abraçaram este romance e que chegaram até aqui. O meu muito obrigada, é por vocês que continuo e sigo forte.

“Campeão vencedor, Deus dá asas. Faz o teu voo.”

Com amor, Ella Ares.

Conheça o Viúvo: História de Eros e Katherine



[Um Bebê Sob Encomenda para o Viúvo](#)

Eros Demétrio um grego que não sabia mais como era o amor, e como esse sentimento nos fazia agir sem cautela. Há muito tempo ele calou a voz a que guia o coração, quando perdeu sua esposa para uma terrível doença. Entregou-se ao luto, deixando que o envolvesse, se tornando alguém frio, sem emoção, pensando apenas no trabalho e dinheiro. Não imaginou que um dia alguém poderia destruir as camadas da dor da perda o envolviam. Até que ele conhece uma garota que apenas com um olhar traz Eros para uma teia de emoções que ele antes desconhecia. Katherine Lopes é uma jovem com poucos sonhos, já que a dura realidade em que vive não a deixa voar em suas fantasias. Mesmo com pouca idade tem

muita responsabilidade e foi pensando em quem ama que aceitou assinar um acordo com Eros para que o sonho dele de ser pai possa trazer luz aos olhos do grego mais lindo e sedutor que ela já conheceu. O destino estava disposto a unir de maneira irreversível a vida desse casal, e por um descuido e obra do acaso Eros e Katherine irão viver uma linda história de amor.

[1] Palavra grega, significa “amor”.

[2] **Palavra de origem grega. Significa “Senhor”, “Lorde” ou “Mestre”; sinônimo de Deus ou Jesus entre os cristãos gregos.**

[3] Meu amor.